



# Gazeta dos Caminhos de Ferro

NUMERO DOS CAMINHOS DE FERRO  
REIRA - ALTA



# Gazeta dos Caminhos de Ferro

COMÉRCIO E TRANSPORTES — ECONOMIA E FINANÇAS — ELECTRICIDADE E TELEFONIA — OBRAS PÚBLICAS  
— NAVEGAÇÃO E AVIAÇÃO — AGRICULTURA E MINAS — ENGENHARIA — INDÚSTRIA E TURISMO

Fundada em 1888 por L. DE MENDONÇA E COSTA

Director, Editor e Proprietário: CARLOS D'ORNELLAS

Redacção, Administração e Oficinas: Rua da Horta Sêca, 7, 1.º — LISBOA — Telefones: P B X 2 0158; Direcção 2 752

Premiada nas exposições: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898. — MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Pôrto, 1897 e 1934  
Liège, 1906; Rio de Janeiro, 1908. — MEDALHAS DE BRONZE: Antuérpia, 1894; S. Luiz, Estados Unidos, 1904

Delegado no Pôrto: ALBERTO MOUTINHO, Avenida dos Aliados, 54 — Telefone 893

1340

16 — OUTUBRO — 1943

ANO LIV

Número avulso: Esc. 3\$00. Assinaturas: Portugal (semestre) 30\$00

África (ano) 72\$00. EMPREGADOS FERROVIÁRIOS (trimestre) 10\$00

Números atrasados 5\$00 — Números Especiais (avulso) 10\$00



**GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO**

**CONSELHO DIRECTIVO:**

General RAÚL ESTEVES  
Coronel ALEXANDRE LOPES GALVÃO  
Engenheiro RAÚL DA COSTA COUVREUR  
Engenheiro AUGUSTO CANCELA DE ABREU  
Engenheiro LUIZ FERNANDO DE SOUZA

**DIRECTOR-GERENTE:**

CARLOS D'ORNELLAS

**SECRETÁRIOS DA REDACÇÃO:**

Engenheiro ARMANDO FERREIRA  
AMÉRICO FRAGA LAMARES

**REDACÇÃO:**

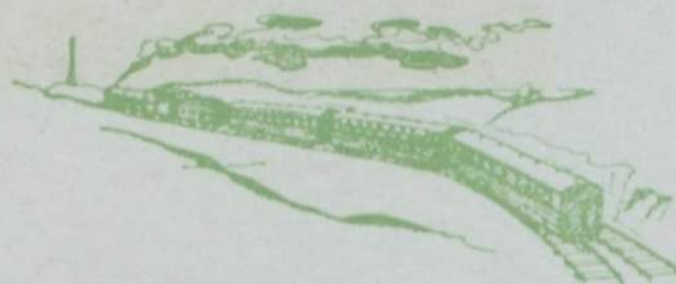
MIGUEL COELHO  
ALEXANDRE SETTAS  
REBELO DE BETTENCOURT  
Professor JOSÉ F. RODRIGUES

**COLABORADORES:**

General JOÃO DE ALMEIDA  
Coronel de Engenharia CARLOS ROMA MACHADO  
Engenheiro CARLOS MANITTO TORRES  
Coronel de Engenharia ABEL URBANO  
Capitão de Engenharia MÁRIO COSTA  
Engenheiro D. GABRIEL URIGUEN  
Capitão de Engenharia JAIME GALO  
Major HUMBERTO CRUZ  
JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR  
ANTÓNIO MONTEZ  
Engenheiro ADALBERTO FERREIRA PINTO  
Dr. MANUEL MÚRIAS  
RAÚL ESTEVES DOS SANTOS

**COLABORADOR ARTÍSTICO:**

STUART DE CARVALHAIS



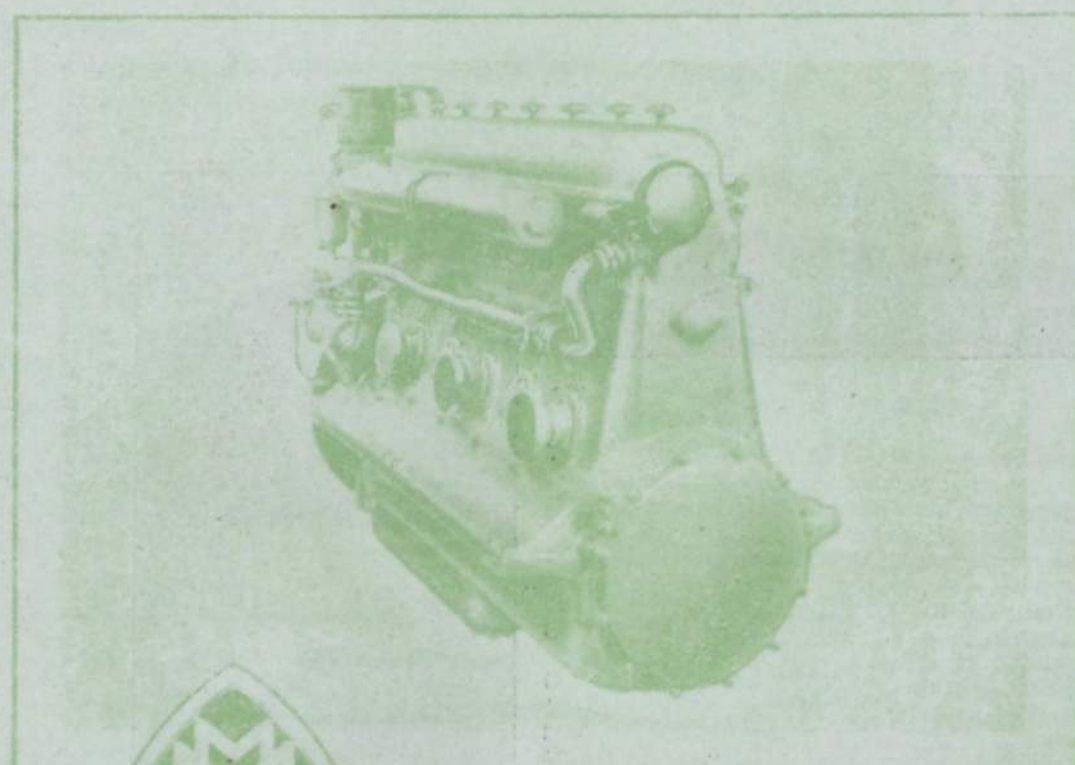




## S U M Á R I O

A nossa homenagem	477
A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta encontra-se ao serviço da Nação há 61 anos	478
Engenheiro Fernando d'Arruda	480
A «Gazeta» e o pessoal da Companhia da Beira Alta	487
Figueira da Foz	488
O concelho de Nelas, por JOÃO RIBEIRO	489
Mangualde	491
Gouveia	492
Fornos de Algodres	494
Velorico da Beira	495
Trancoso, pelo Dr. DAVID BRUNO SOARES MOREIRA	496
S. João de Oliveira do Hospital	498
A cidade mais alta da Europa, pelo Dr. ALBERTO DINIZ DA FONSECA	499
Guarda, por REBELO DE BETTENCOURT	501
Os nossos mortos	503
Uma figura ilustre	504
Linhas Coloniais	505
De Lisboa a Berlim em comboio eléctrico, por JOAO DA C. REYNALDO	512
O descalabro da Festa de Toiros em Portugal, pelo Dr. AMERICO MARINHO	514
Os caminhos de ferro da Rodovia no ano económico findo	521
Há 50 anos	522
A Guerra e os Caminhos de Ferro	523
Repositório de assuntos referentes a Teatro e a Cinema, por MIGUEL COELHO	524
O que todos devem saber	525
Viagens e Transportes	525
Caminhos de Ferro Coloniais	526
Parte Oficial	526





Motor Diesel de 6 cilindros tipo G 55 h. 250 CV,  
n = 1500 r.p.m.

# Maybach

## ACCIONAMENTOS PARA AUTOMOTORAS

MAYBACH-MOTORENBAU · G · M · B · H · FRIEDRICHSHAFEN

Representante geral para Portugal: SOCIEDADE DE ENGENHARIA  
MICHAËLIS DE VASCONCELLOS S. A. R. L., LISBOA, Rua Fialho de Almeida, 1



# "GAZETA DOS Caminhos de Ferro"

O número presente desta publicação  
é dedicado à Companhia da Beira Alta

A nossa edição de hoje é de homenagem à Companhia da Beira Alta. A *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, desde que, há 54 anos, a fundou o nosso saúdoso director Mendonça e Costa, tem acompanhado, a par e passo, a vida e a acção da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, tanto nas suas horas difíceis, porque as tem tido, como nas suas realizações mais importantes, que tem levado a bom termo. Sempre, com a maior simpatia e também com a maior justiça nos temos referido à sua actividade e sido eco das suas aspirações. Evidentemente que estamos no nosso papel, como órgão que se propoz defender os interesses superiores dos Caminhos de Ferro, a que estão ligados diversos dos mais importantes problemas nacionais. Em muitos pontos, ninguém o deve ignorar, os interesses dos caminhos de ferro e os da Nação assemelham-se, confundem-se, tornam-se interdependentes. Ferir uns, em certos casos, é prejudicar, automática e conseqüentemente, os outros. Está na nossa tradição, que muito prezamos e de que muito nos orgulhamos, a defesa incondicional de uns e outros. A essa tradição não podíamos, pois, faltar.

Aos caminhos de ferro devem tôdas as nações os seus actuais progressos. Portugal está incluído nêsse número. As



províncias portuguesas desenvolveram-se prodigiosamente desde que se abriram as primeiras estradas de ferro e sôbre elas começaram a circular as primeiras locomotivas e os primeiros vagões. A agricultura, a pecuária, indústrias várias puderam intensificar-se ou surgir com condições de vida. Pequenas povoações transformaram-se em vilas populosas. Criou-se para o trabalhador português um ambiente mais propício à sua fixação.

Quem conhecer, embora superficialmente, a história económica da Nação e percorrer as terras atravessadas ou marginadas pelos *rails* da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, ficará altamente surpreendido com o progresso extraordinário da fértil e lindíssima região. Êsse progresso é, indiscutivelmente, obra dos caminhos de ferro.

Em numerosas páginas dêste número especial, os nossos leitores encontrarão um reflexo do valor comercial, industrial e turístico da vasta região servida pela Companhia da Beira Alta. A organização do número presente teve por objectivo prestar àquela Companhia uma homenagem, que reputávamos necessária. A todas as entidades e firmas que, de boa vontade, quizeram associar-se-nos a êsse preito, agradecemos, reconhecidos, a sua valiosa colaboração.



## A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta encontra-se ao serviço da Nação há 61 anos

HÁ 61 anos que a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta está ao serviço do País, promovendo o progresso duma das nossas mais vastas e ricas províncias.

Não se pode falar desta Companhia sem se recordar algumas das maiores figuras nacionais do século passado, que ligaram a ela seus nomes ilustres: o estadista Saraiva de Carvalho e os prestantes Joaquim António Simões e dr. António Lopes Guimarães Pedrosa, paladinos incansáveis duma cruzada, que só terminou quando o silvo da locomotiva anunciou gloriosamente a partida do primeiro combóio da Figueira da Foz. Nêsse dia, o porto e a barra dessa linda cidade iniciaram um novo período da sua vida económica.

Com efeito, a Beira Alta, com os *rails* do caminho de ferro, ficou dotada com novos meios de vida. As linhas ferroviárias enriqueceram a região com novo sangue. O comércio desenvolveu-se extraordinariamente. Criaram-se novas indústrias. As antigas puderam alargar os horizontes das suas possibilidades. O trabalho do homem foi sensivelmente valorizado. Conseqüentemente, a economia geral do país viu aumentado o número dos seus fautores de riqueza.

Quando, em Agôsto de 1932, se celebrou, solenemente, na Figueira da Foz, o cincoentenário do início da exploração da Companhia da Beira Alta, o sr. engenheiro Quei-

roz, ilustre membro da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro, que representava o sr. Ministro das Obras Públicas, pronunciou na Associação Comercial daquela cidade um notável discurso, de que extraímos estas palavras:

Grande e poderosa foi a iniciativa daqueles que, à custa de grandes capitais e grandes trabalhos e sacrifícios de tãda a ordem, conseguiram levar a cabo a empresa grandiosa que veio fomentar a riqueza e o desenvolvimento da civilização em regiões tão afastadas, e uniu num sagrado abraço de irmãos os povos da província da Beira Alta.

Em verdade, a Beira Alta e o País muito ficaram a dever a êsses homens que empreenderam tão útil e prestante iniciativa, à custa de grandes capitais e sacrifícios de tãda a ordem. Ao lado do notável estadista Saraiva de Carvalho e dos ilustres e saudosos Joaquim António Simões e dr. Guimarães Pedrosa, que já citámos, há que por também os valores que constituíam o *Comité* da Companhia, que não pouco contribuíram, pelas suas diligências, para que aquela construção se realizasse, devendo-se registar o facto, bastante importante, de terem dispensado o subsídio de construção na parte compreendida entre Pampilhosa e Figueira, o que muito facilitou a realização dêsse melhoramento.

Desde êsse momento a prosperidade da Companhia da Beira Alta ficou ligada ao engrandecimento da Figueira da Foz e mais





CASTELO DE MONTEMOR



CABO MONDEGO — VISTA PARCIAL



FIGUEIRA DA FOZ — PRAIA DE BANHOS



FIGUEIRA DA FOZ — UM TRECHO DA CIDADE  
COM O SEU PORTO



LUSO — VISTA PANORAMICA



particularmente aos melhoramentos do seu pôrto.

A Companhia da Beira Alta não é, pois, para a Figueira da Foz uma empresa indiferente aos seus melhoramentos, porque ela tem estado sempre, desde a sua criação, ao lado e, às vezes, na vanguarda dos que melhor teem pugnado pelos interesses locais. Efectivamente, foi ela a entidade que tomou a iniciativa de defender a construção das linhas férreas de via larga do Vale do Mondego e de pugnar pelos melhoramentos do pôrto e barra da Figueira, que se propunha construir.

Agora, um pouco de história:

Em 3 de Agôsto de 1878, foi assinado o contracto de concessão da linha férrea destinada a ligar Pampilhosa com Vilar Formoso, com 202 quilómetros de extensão, nêle se consignando que os respectivos trabalhos deviam ser iniciados em 3 de Novembro de 1878 e terminados por forma que a exploração começasse em 3 de Agôsto de 1882.

Os respectivos trabalhos foram iniciados em Outubro de 1878, antes, pois, da data para tal imposta no contracto da concessão, mostrando assim esta Companhia, logo de início, a boa fé e escrupuloso rigor com que cumpre os seus contractos, o que nos seus sessenta e um anos de vida jámais foi desmentido.

A adjudicatária dos trabalhos de construção da concessão de que se trata, foi a «Société Financière de Paris» tendo o estado concedido o subsídio para a construção de 25.837.579 francos, que seriam pagos em 5 prestações a saber:

- a 1.<sup>a</sup> — no fim da execução de todas as terraplanagens e obras de arte;
- a 2.<sup>a</sup> — no fim do assentamento da via;
- a 3.<sup>a</sup> — na data do início da exploração.

Os trabalhos iniciados foram decorrendo com toda a regularidade, sendo as terraplanagens executadas à razão de 279.734 metros cúbicos por mês, de começo, e por fim à de 308.923 metros cúbicos por mês, o que permitiu a execução dos seus 6.416.250 metros cúbicos de terraplanagens totais, antes do período para tal fixado, não obstante se tratar de abrir trincheiras em granito duro e de se ter de perfurar 11 túneis com 2.778 metros de extensão total, um dos quais, o do Salgueiral, tem 1.104 metros.

Em 3 de Setembro de 1879, 13 meses depois de assinado o contrato de concessão da linha de Pampilhosa a Vilar Formoso, foi assinado o contrato provisório para a construção da linha com 50 qui-

lómetros destinada a ligar Pampilhosa com Figueira da Foz, sendo o contracto definitivo assinado em 31 de Março de 1880.

A concessão era feita sem qualquer subsídio por parte do Estado, devendo a construção estar terminada ao mesmo tempo que a anterior.

Os trabalhos que foram adjudicados à mesma Empresa que tomara conta dos da linha de Pampilhosa a Vilar Formoso, foram iniciados em 10 de Agôsto de 1880, tendo as suas terraplanagens com o volume de 761.000 metros cúbicos, compreendendo um túnel com 500 metros de comprimento avançado à razão de 37.500 metros cúbicos por mês.

Esta linha estava completamente terminada no dia 31 de Janeiro de 1882, chegando a primeira locomotiva à cidade de Figueira da Foz no dia 1 de Fevereiro do mesmo ano.

Por concessão de 29 de Março de 1882 foi a Companhia autorizada a abrir a linha ao serviço de mercadorias em vagões completos, serviço que foi iniciado em Maio dêsse ano sendo também, a partir de Julho, autorizado o serviço de passageiros, a título provisório, até que no dia 3 de Agôsto de 1882, com a assistência dos Reis de Portugal, foi solenemente inaugurada a linha férrea de Figueira a Vilar Formoso.

\* \* \*

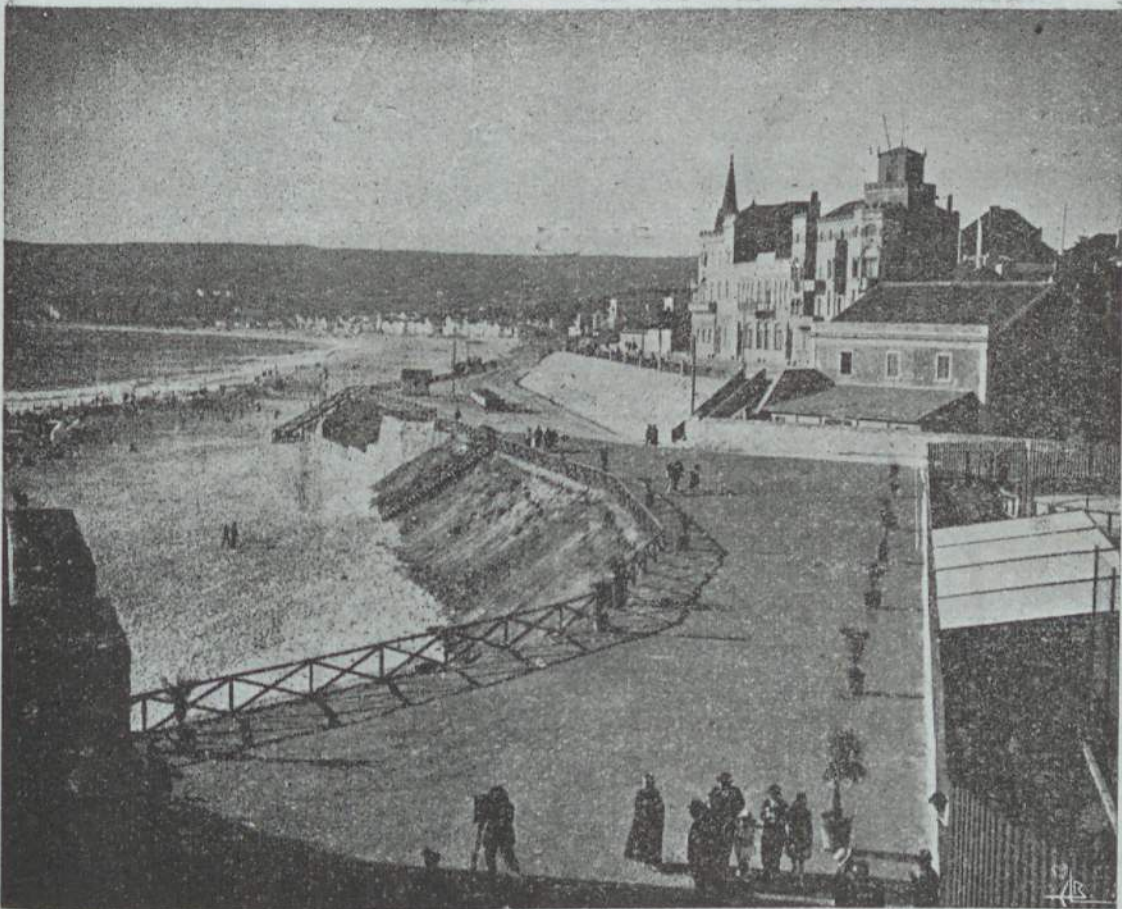
A linha férrea da Beira Alta estabelecendo uma ligação entre o mar e a Espanha, e tendo hoje o seu trôço de Pampilhosa a Vilar Formoso incorporado na linha directa Lisboa-Paris, na qual circula o combóio de luxo internacional «Sud-Express», não tinha, à data da sua inauguração, seguimento atravez da Espanha, por não existir a linha férrea de Vilar Formoso a Medina del Campo, que só veio a ser inaugurada em 24 de Maio de 1886, o que teve uma benéfica repercussão nas receitas da Companhia, que tiveram um aumento de 20 %.

A sua ligação com a via marítima, porém, é que lhe não deu o aumento de tráfego que era licito esperar, por não terem sido executados no pôrto da Figueira da Foz, as obras absolutamente indispensáveis e que, com o decorrer dos anos, se tornaram cada vez de maior vulto e mais dispendiosas.

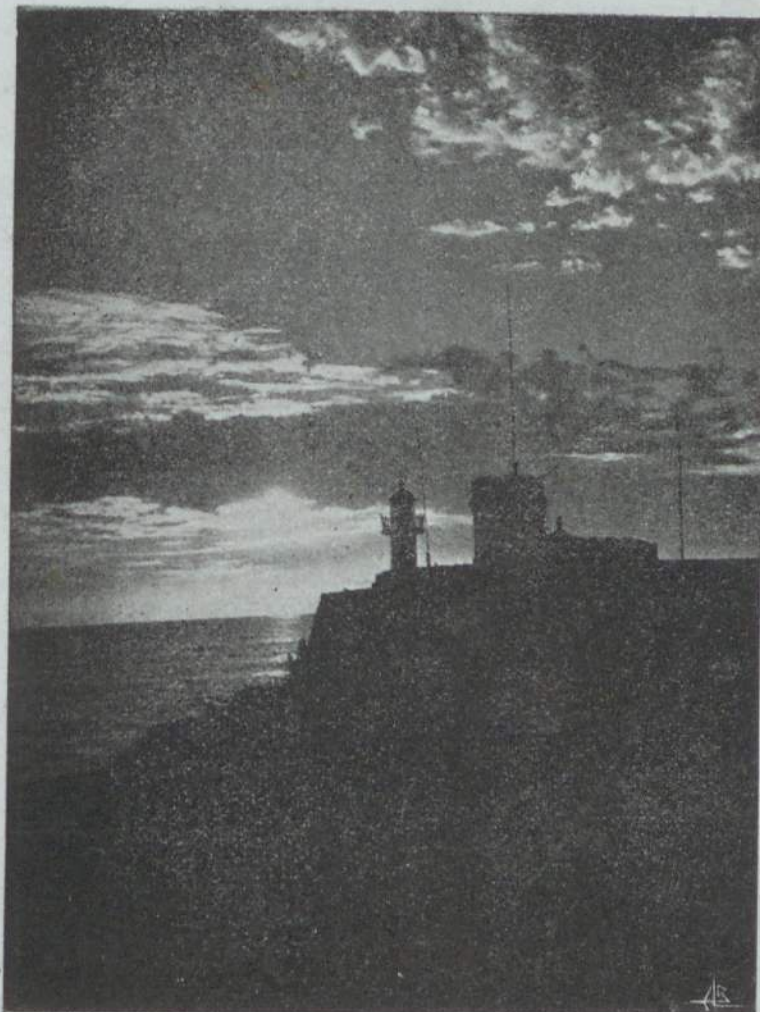
É interessante ver o que diz o relatório da da Assembleia Geral dos Acionistas da Companhia da Beira Alta, realizada no dia 10 de Abril de 1880, justificando o pedido de concessão da linha destinada a ligar Pampilhosa com a Figueira da Foz, que passamos a transcrever:

— Frappés dès l'origine des avantages considérables qui rendrait à notre entreprise son prolongement jusqu'à la mer; nous avons sollicité du Gouvernement la concession de la ligne de Pampilhosa à Figueira, *troisième port* du Portugal. E mais adiante:





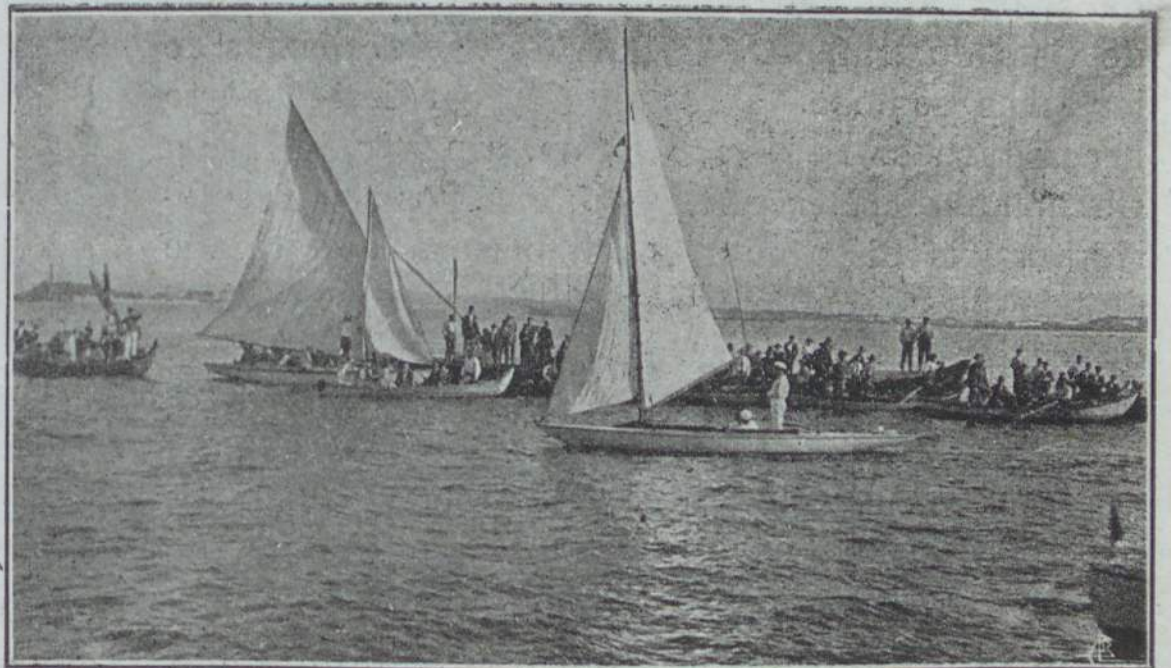
FIGUEIRA DA FOZ — ESPLANADA



O FAROL

FIGUEIRA DA FOZ

FIGUEIRA DA FOZ — UMA REGATA  
DE BARCOS À VELA NO ESTUÁRIO  
DO MONDEGO







— «La ligne sera construite en une année, de telle sorte que nous pourrions recevoir par l'océan et transporter sur nos propres rails tout le matériel nécessaire à l'achèvement de la Beira Alta en même temps que nous serons assuré un débouché important du commerce avec l'Angleterre et avec l'Amérique».

Os estrangeiros que estudaram a linha férrea da Beira Alta e o porto da Figueira sob o ponto de vista do tráfego, afirmaram o que acabamos de ler, mas como as obras de que o referido porto necessitava se não executaram, a partir de 1886 a Companhia da Beira Alta consigna, nos seus relatórios anuais distribuídos, a imperiosa necessidade de tais obras, sem que os seus clamores, que são os da região central do País servida pela sua linha férrea, fôssem tomados na devida consideração.

O sr. Dr. Oliveira Salazar, quando Ministro das Finanças, tendo verificado as enormes vantagens que resultariam para a economia nacional a abertura à navegação

do porto da Figueira da Foz, habilitou a respectiva Junta Autónoma com quantias importantes que lhe permitiram a execução de trabalhos que consentiram a vinda àquele porto de unidades de alto costado que, antes, o não podiam demandar.

A exploração da Companhia é feita em moldes de estrita economia, mas que não envergonham o País, antes contribuem para o bom nome que, no estrangeiro, disfrutam os caminhos de ferro de Portugal.

Os melhoramentos de toda a ordem estão bem patentes: novas estações, grandes ampliações de outras, ampliação e remodelação das suas oficinas que, actualmente, teem um valor notável; aquisição de potentes locomotivas, unificação do seu material circulante para o transporte de mercadorias e construção, nas suas oficinas, de carruagens de todas as classes, que honram



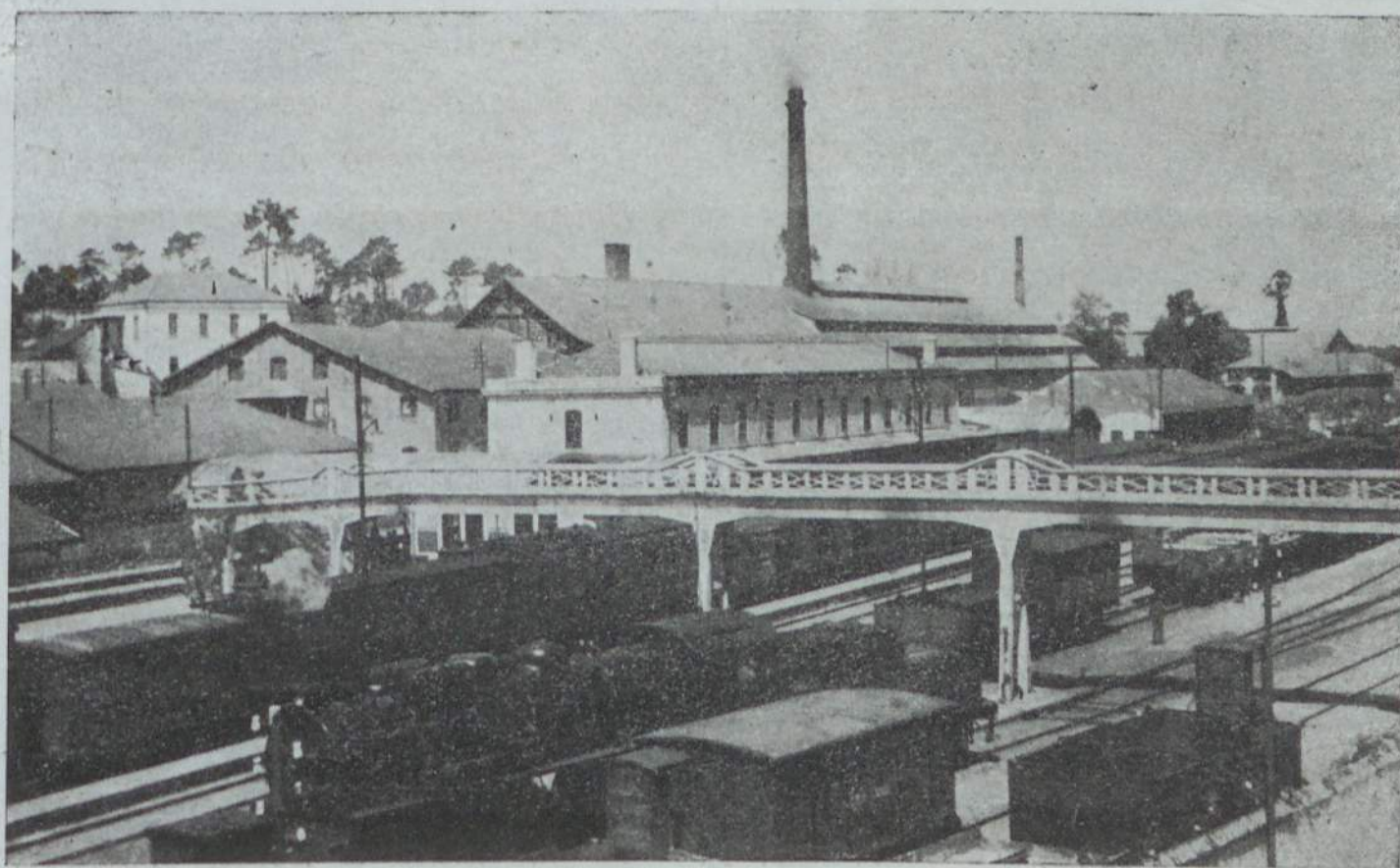
a indústria nacional e representam uma apreciável economia, pois cada carruagem fica quási pela metade do seu preço, se fôsse adquirida no estrangeiro.

No que diz respeito à assistência ao pessoal, a Companhia, pode dizer-se sem exagêro, tem levado a bom termo alguma coisa de notável. Falamos, com ênfase, do que se faz no estrangeiro e lamentamos que entre nós se faça pouco. Pois êsse pouco não nos envergonha; êsse pouco, às vezes, vai muito além das nossas possibilidades e das próprias realidades que se verificam e admiram lá fóra.

Desde há muitos anos que aos agentes e pessoas de família é prestada assistência médica gratuita. Um Fundo de Socorros tem, também, desde longa data, auxiliado os agentes em casos de doença sua e das pessoas de família, em casos de falecimentos, quando do nascimento dos filhos e ainda feito adeantamentos, em casos de absoluta necessidade. Criou-se também uma Caixa de Reformas na invalidez e na ve-

lhice, que tem colocado por completo os agentes ao abrigo da miséria, e cujas pensões revertem a favor de seus filhos e viúvas. Esta mesma Caixa de Reformas mandou construir em Pampilhosa casas económicas de renda baixa para moradia dos agentes, que êstes podem adquirir em prestações. Mais de quatro mil famílias de ferroviários são amparadas pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta. A-pesar-da crise e da dificuldade de importar determinado número de materiais de construção, esta Companhia tem continuado a melhorar as suas estações e o seu material circulante. Nas suas oficinas da Figueira da Foz trabalha-se sempre com grande actividade. Ainda o ano passado, como registámos no nosso número 1325, se construíram ali dois vagões da série G. e um vagão-cisterna da série Z.

Valor dos mais preciosos da Beira Alta, a Companhia oferece também um exemplo de organização admirável que honra o país.



ESTAÇÃO DA PAMPILHOSA





## Engenheiro Fernando d'Arruda

**Director da Exploração da Companhia  
dos Caminhos de Ferro da Beira Alta**

O nosso número de hoje teve, na sua organização, o alto e precioso patrocínio de um bom e velho amigo da Gazeta dos Caminhos de Ferro: o ilustre engenheiro sr. Fernando d'Arruda, director da Exploração da Companhia da Beira Alta. Não ficaríamos de bem com a nossa consciência se não agradecêssemos em público o seu valioso patrocínio, que, significando muita simpatia pela nossa publicação, traduz também o seu interesse e o seu carinho pela formosa região da Beira Alta.

Antigo e denodado combatente da Grande Guerra, tendo servido a Pátria sob o comando do General Raúl Esteves, então no posto de Capitão, o sr. engenheiro Fernando d'Arruda, como ferroviário, tem prestado relevantes serviços ao País, mostrando-se

assim, como o fôra na guerra, um exemplar soldado da boa causa e da Pátria.

Há muitos anos que se encontra o sr. engenheiro Fernando d'Arruda no desempenho do cargo de Director da Exploração da Companhia da Beira Alta, onde tem revelado, a par da sua indiscutível competência, um interesse especial pela sua Companhia e por todos aqueles que constituem a grande família ferroviária. Seu nome, por isso, é pronunciado com respeito e gratidão.

Deve-lhe a Gazeta inequívocas provas de consideração e amizade. Neste número consagrado à Beira Alta, não podíamos, pois, deixar de lhe testemunhar a nossa gratidão e a alta consideração em que temos a sua ilustre individualidade,



## A «Gazeta» e o pessoal da Companhia da Beira Alta

*Gostosamente, com os nossos agradecimentos, inserimos nesta página as fotografuras dos chefes de estação da Companhia da Beira Alta que tiveram a amabilidade de acompanhar de mais perto e com o maior interêsse o nosso enviado encarregado de organizar o número presente.*

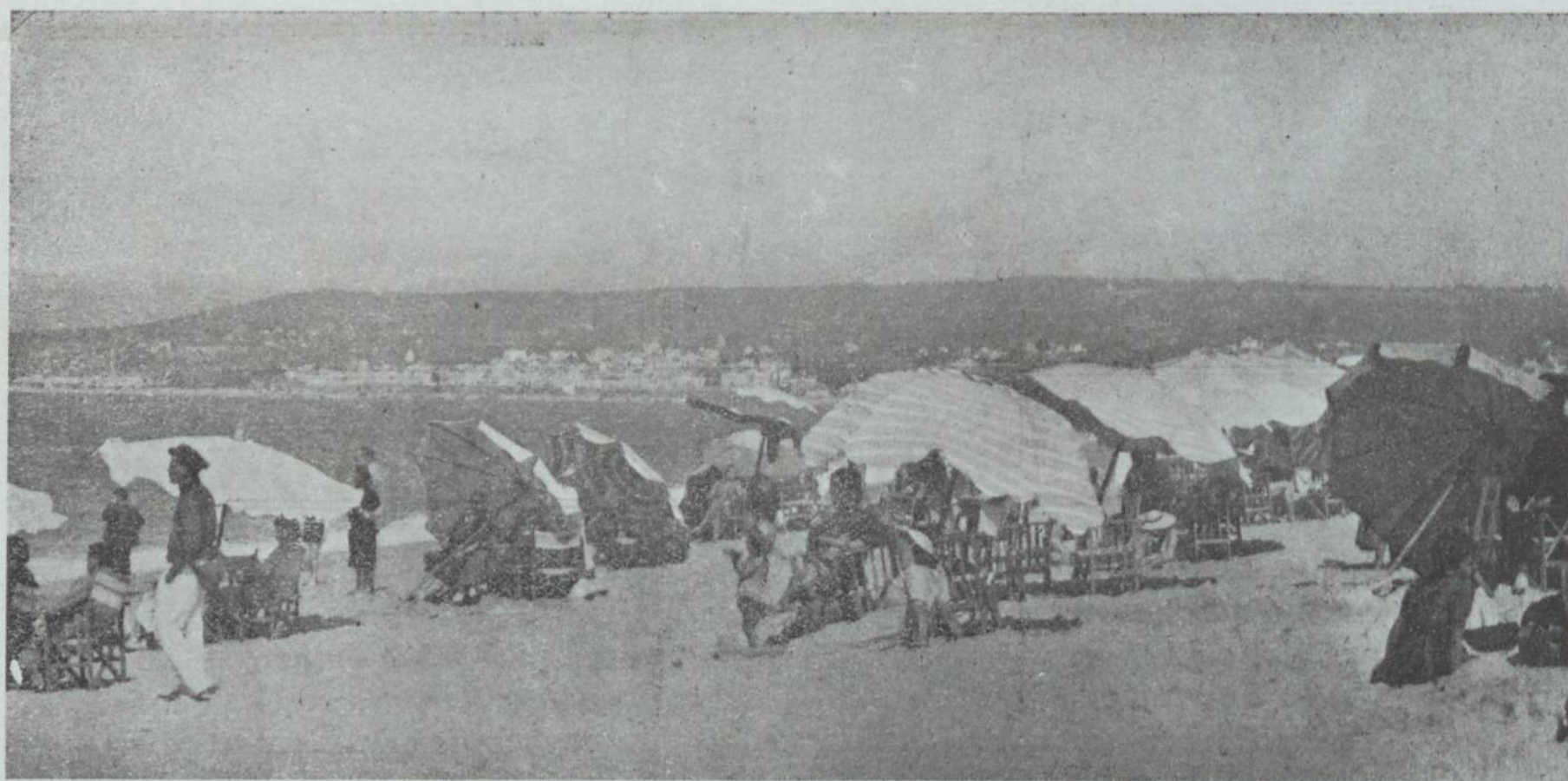
*O nosso enviado teve, na sua viagem através da Beira Alta, a oportunidade de verificar quanto aqueles ferroviários são queridos nas terras onde, com a maior competência, exercem a sua profissão, honrando a classe a que pertencem e servindo exemplarmente os interêsses da Companhia e os do público.*

*Gazeta dos Caminhos de Ferro, com muita simpatia e gratidão regista os seus nomes no número dos seus bons amigos.*



Alexandre dos Santos, Chefe de 1.ª, Estação da Guarda; António Mendes Cravo Júnior, Chefe de Oliveirinha; Vicente Braz, Chefe de 2.ª, Sub-chefe em Santa Comba; José Alves, Factor de 1.ª, Chefe de Freineda; José Costa Júnior, Chefe da Estação de Nelas; Amadeu Augusto Ladeiro, Chefe de 2.ª, Estação da Guarda; Belmiro Luiz Martins, Chefe em Vila Franca das Naves; Luiz Afonso Simões, Chefe de 1.ª, Estação da Pampilhosa; António Maria Luiz Cruz, Chefe da Estação de Limede; José Nunes Barroso, Chefe da Estação de Cerdeira; António Chaves, Chefe da Estação de Mangualde; Agostinho Queiroz, Chefe da Estação de Celorico da Beira; Messias Monteiro Gonçalves, Chefe da Estação de Fornos de Algodres; Alfredo de Almeida Ribeiro, Chefe de 2.ª, Estação de Vilar Formoso; José Gomes dos Santos, Chefe da Central de Fornos de Algodres; Carlos dos Santos Paiva, Chefe da Estação de Canas-Felgueira.





FIGUEIRA DA FOZ — Um aspecto da praia

# Figueira da Foz

## Estância ideal para diversos males

**E**STÁ tudo dito, desde há muito, acêrca das belezas naturais; do clima benéfico, altamente privilegiado e da situação geográfica da Praia da Figueira.

Ainda se não pensava em coordenar a indústria de Turismo em Portugal e já a Praia da Figueira era a estância de veraneio por excelência, do nosso país, freqüentada por nacionais vindos de toda a parte e por espanhóis da região central do país vizinho.

Com efeito, eram as belezas naturais, o clima benéfico, altamente privilegiado e a sua situação geográfica — na zona centro do litoral português — o que convidava e incitava os seus freqüentadores a escolhê-la e a preferi-la para sua estância de vilegiatura!

Actualmente a Praia da Figueira é servida por uma rede de três linhas de Caminho de Ferro, Beira Alta e C. P. (ramal da linha do Norte e linha do Oeste) e por uma magnífica rede de estradas, entre Porto e Lisboa, que, além de outras vantagens, encurtam os percursos.

Estamos hoje no século da velocidade. Estas

vantagens têm acentuado cada vez mais a preferência pela Praia da Figueira.

Os estudos climáticos do Prof. Dr. Celestino Maia, para não falarmos nas doudas opiniões de outros distintos clínicos, mostram ser a Figueira a estância de cura ideal para diversos males e o mais benéfico clima para as crianças.

Outras propriedades, além do clima hélio-marinho, recomendam a Praia da Figueira.

Os seus panoramas compreendem a Serra arborizada, as lagôas, o rio, de maravilhosas margens.

Nas suas diversões estão incluídos os mais diferenciados ramos de desporto e festas de requintada elegância.

Afoitamo-nos a afirmar que a Praia da Figueira deve à sua situação privilegiada e ao seu benéfico clima o facto de não ter procurado — como tantas outras têm feito —, digamos, modernizar de alto a baixo a sua estrutura de estância de turismo.

É bom? É mau?...

A verdade é que a Figueira gosa, ao mesmo tempo, destas duas propriedades: — ser uma Praia Elegante e uma Praia Popular!



# O concelho de Nelas

Por JOÃO RIBEIRO

A Fortuna favoreceu o concelho de Nelas com o factor selectivo do Caminho de Ferro. Abstraindo a sua dominadora situação geográfica entre dois rios e duas serras — ponto de escala obrigatório do fértil vale mondeguenho — abstraindo a riqueza minero-fitológica natural e estética panorâmica, que o elege ao relêvo turístico, Nelas deve tódia a sua extraordinária valorização a esta soberana vantagem que se chama «fáceis comunicações» e que impulsiona e vitaliza todo o seu jôgo de predicados intrínsecos. Dizem Wells, Friedman, etc. que o problema humano é um problema de transportes, corolário que eu vejo com meus olhos perfeitamente aplicado na vida do meu concelho.

Lugarejo rústico e designado ainda em primórdios do século passado, «As Asnelas», nem sequer tinha a ennobrecê-lo um passado arqueológico qualquer, pois que, como tantos outros burgos ibéricos, a primitiva póvoa, situada mais ao nascente, sofreu o comum fenómeno de translacção urbana pelas vicissitudes históricas. Com boa vontade, sempre se arranjam umas lascas de silex e uns pedregulhos desbastados onde os arqueólogos podem sempre sonhar «pondus de turcularii» romanos ou fragmentos da construção neolítica.

O concelho, todavia, contém algumas velhíssimas povoações, de renome foraleiro, que estavam distribuídas pelos quatro concelhos parcelares: Senhorim, Canas de Senhorim, Folhadal e Aguieira, aglutinados no actual município pela Carta Régia de D. Maria II, de 1852.

Como quási tódas as comarcas de Portugal arcaico, o seu conspecto social e económico limitava-se a uns tantos latifúndios arvenses, mal amanhados, onde gravitava uma fauna desambiciosa de servas da terra em volta do fidalgo ou homem, que tinha representação no concelho e lhes dava a boa gala de subsistir, de que nos fala David Ricardo.

Administrativamente, as vereações circunscreviam-se às precárias necessidades de consêrto dos caminhos, cobertas pela contribuição braçal do trabalhador.

Com o Caminho de Ferro o panorama dilatou-se e criou a complexidade dos valores económicos e

administrativos. As mercadorias deixaram de sêr só as clássicas: sal, panos, rêsas, grãos e farmacos, mas tudo o que a terra produz para o homem, para o seu alimento e para o seu conforto e sumptuosidade, em volume que a civilização acelerada tornava cada vez mais copioso. Instalaram-se os primeiros comércios fixos na Nelas da via férrea, com a primazia do elemento hebreu, foram-se espalhando as casas pelas colinas silentes e o pôvo impoz-se à vida e personalizou-se.

Dentro em pouco a terreola eleita para sede do concelho, pela simples razão geográfica de ocupar o centro, viu-se transformada no núcleo de polarização de mercadorias de tódia a rica região de Seia e Riba Serra e de marcas limítrofes, ergueu o barracão da fábrica e o armazém de vinho e começou de alicerçar o novo potencial industrial e traficante.

Hoje, no limite da vila, laboram as fábricas de Ruivo & Filhos, Cêpas, de serração, resinas e moagens, e os grandes armazéns Matias, Vinícola, Shell, Loureiro, U. V. D., etc. que reunidos às altas indústrias de Canas de Senhorim: Minas da Urgeiriça, Fornos de Carboneto, C. U. F. e outros, elevam o nosso concelho a um lugar primacial, neste aspecto, em tódia a província da Beira Alta. Basta dizer que Nelas é o segundo contribuinte do distrito para o Fundo do Desemprêgo, com 100 contos anuais, e que ainda não há muito tempo ocupava o segundo lugar dos consumidores de energia eléctrica de todo o país, com mais de 16 milhões de Kw. de dispendio, em grande parte devido ao excepcional gasto de energia da sua grande indústria de altos fornos de carboneto.

Agricolamente, o concelho é caracterizado pela diversidade ecológica. Exceptuando o arroz e algumas culturas para—tropicais, todos os produtos da metrópole estão representados na sua flora. Exporta, em quantidades apreciáveis, vinho, madeiras, batatas e frutas, e importa gramíneas e azeite, de que tem um «deficit» produção-consumo sensível, devido à pequenez de território e densidade populacional.

Todos os seus produtos agrícolas são deliciosos, como os de todos os terrenos paleozoicos sujeitos a um clima propício. O torrão é fecundo pelo suor do homem, de trato árduo, mas compensa-lhe a difficul-



dade prolifera o bom sabor dos seus frutos. Todos conhecem o vinho do Dão de que Nelas é o centro geo-ecológico exacto.

\* \* \*

Há um saldo positivo no tocante ao desenvolvimento urbano. Todas as povoações estão electrificadas, salvo algumas secundárias, que a eclosão da guerra veio impossibilitar dêste melhoramento momentaneamente.

A rede de estradas municipais abrange todos os povos e é de transito satisfatório. Presentemente, a Câmara tem, entre mãos, os projectos de rectificação dos caminhos vicinais de Pisão-Moreira e Fonte Alcaide-Igreja e Urgeiriça que custam mais de cento e quarenta contos. Quasi todas as povoações estão bem providas de águas públicas.

Consumada a fase de necessidades primárias, realização lenta e laboriosa de municipalidades anteriores a que temos de prestar reconhecido preito, a gerência actual tenta encetar uma criadora política de empen-

mentos urbanos para elevar o nível de vida social da sua circunscrição. Depois do bom o belo. Nelas cresceu um pouco desordenadamente, como todos os burgos improvisados. Urge regar esta vida em transe e cortar os abcessos deformantes. É um dos objectivos colimados pela Câmara, com o seu plano de urbanização e condicionamento das construções.

As outras obras que tendem a constituir o ponto de apoio à elevação do índice da vida social resenham-se só para não prolongar a arrazoadão: Colégio, Hotel, Estádio desportivo (campo de jogos, pistas, e piscina), Teatro, Organizações de assistência (Misericórdia, Sôpa dos Pobres, etc.), Bairros económicos para o proletário, Serviços públicos (Mercado, Posto de socorros médicos, etc.) e abastecimento de águas canalizadas às vilas de Nelas e Canas de Senhorim, Parques em Nelas e Caldas da Felgueira e valorização turística da estância da Urgeiriça. É um projecto extenso e audacioso a que só poderia arriscar-se um homem experimentado da ténpera do actual Presidente, sr. dr. Eurico José de Loureiro e Amaral.

## Turismo de Nelas

O turismo veio servir de moderna fórmula cristalizadora à humana ância da viagem, da curiosidade de outras terras e outros costumes, que o homem sempre possuía em todos os tempos históricos. É, primordialmente, uma função das boas comunicações e das instalações de hospedagem, o que, se não constitui o seu puro objecto espiritual, serve-lhe, contudo, de indispensável instrumento e arrimo.

Há que distinguir dois tipos básicos de turismo se se quiser desvendar-lhe a essência. O primeiro, mais ortodoxo, visa o aspecto cultural do homem, a contemplação do documentário iconográfico, paisagístico e folclórico, e aqui o turista tem um papel meramente espectador, o segundo funda-se no interesse directamente utilitário, o turista é actor das suas próprias necessidades e procura na estância de repouso ou de recreio, nas caldas e na altitude, um imediato lenitivo para os seus achaques de valetudinário ou para o acabrunhamento psicológico de urbícola fatigado. Este turismo está ganhando foros de peça mestra do habitat humano, ao lado do trabalho, da cultura e dos condicionalismos geográficos, interessa todas as profissões e camadas económicas, e ao contrário do puro turismo de peregrinação, vagamundos e diletantes, é um elemento de fixação e encontro social e de libertação dos postigos tradicionais das sociedades estanques.

O concelho de Nelas é a estância ideal dêste turismo de refocilamento. Vestido de pinheiros e situado a meia altitude (300 a 500 metros) o seu ar é balsâmico e fino. As barreiras da Estrêla e do Caramulo guardam-lhe os flancos das turbulências dos ventos mareiro e espanhol.

Os panoramas, envoltos em ascetismo ou doçura, descançam na boa lógica pictórica da serra ao fundo, gárrula e misteriosa.

Além disso o concelho possui os dons naturais de Caldas da Felgueira e Urgeiriça, de águas benditas, dois imperativos terapêuticos conhecidos de todos.

Escuso de encarecer o já repisado "leit-motif" das boas comunicações. A linha da Beira Alta traspassa-o lés a lés e cruzam-no as importantes estradas 43-2.<sup>a</sup>, 44-2.<sup>a</sup>, 38-2.<sup>a</sup>, etc., a primeira das quais, de valor reconhecidamente internacional, será dentro em pouco colocada no lugar que merece.

Enquanto às instalações de hotelagem são nestas duas estâncias abundantes e satisfatórias, algumas delas modelares e diferenciadas do comum padrão da hospitalidade mercenária. "Urgeiriça's mansion" é a pátria excelente do "weeek end" e das evasões do trabalho, do super-civilizado em convívio da Natureza, e ali pretende o Município de Nelas (com o patrocínio do Estado) criar uma das mais elevadas expressões do turismo nacional e, talvez, europeu. Não especifico porque as antecipações são sempre imprudentes.

Finalmente, além dos atributos íntimos que o recomendam, este concelho é a base por excelência de excursões turísticas para todo o rincão ladinho da Beira Alta, especialmente a Serra da Estrêla com os seus desportos da pesca e de inverno.

Pelo decreto 16.314, de 31 de Dezembro de 1928, todo o concelho de Nelas foi reconhecido de interesse turístico, o que dispensa todas as descrições e panegíricos.



MANGUALDE  
Ermida da Senhora do  
Castelo e casa do Ermitão



# MANGUALDE,

## vila importante e de largo futuro

Os roteiros turísticos não devem excluí-la do número das terras que os portugueses devem visitar

A Beira Alta tem em Mangualde uma das suas vilas mais bonitas, mais populosas, mais industriais, mais ricas, sob o ponto de vista agrícola e de maior fama, não só nas redondezas, mas em todo o país. É uma das mais antigas povoações de Portugal.

As águas termais de Alcafache, freguesia próxima, e as águas de Abrunhosa, de efeitos seguros na cura do reumatismo, as primeiras, e as segundas recomendadas para as doenças do fígado e rins, fazem de Mangualde terra de paragem obrigatória. Depois, as suas feiras e as suas romarias atraem o poder do mundo. Terra de feiras e romarias é terra de largo comércio. E Mangualde é, com efeito, uma vila muito comercial.

Quando, um dia, Mangualde entrar no número das vilas mais curiosas que o turista deve visitar, ela poderá inumerar uma lista não pequena de atractivos, desde as suas belezas naturais, verdadeiramente empolgantes, aos seus monumentos, casas solarengas e ruas pitorescas. A Torre de Gandufe, a Igreja Matriz, justamente considerada monumento nacional, a ermida da Senhora do Castelo, o Palácio Anadia, a Igreja da Abrunhosa e o Pelourinho da Abrunhosa-a-Velha são coisas dignas de visita e atenção.

A Câmara Municipal, da presidência notável do sr. Dr. Manuel Tavares, a quem se deve também a publicação do excelente e prestigioso semanário «Notícias da Beira», tem realizado obra importante e introduzido alguns melhoramentos de imediata utilidade pública e de embelezamento.

A Vila de Mangualde ocupa na economia nacional um lugar de importância. Um largo futuro lhe está assegurado, à medida que os homens, aproveitando melhor os dons da natureza pródiga, forem criando mais iniciativas.

A indústria, o comércio e o turismo hão de contribuir largamente para a prosperidade da linda vila.

Os naturais da Beira sempre foram homens de acção e de iniciativa. A beleza das suas paisagens criou em todos êles o amor profundo da terra.

Êsse amor tem operado verdadeiros milagres. E será ainda êsse sentimento regionalista que há-de guindar a maiores alturas a fama e o progresso de Mangualde, terra de beleza e trabalho, que se transforma, a pouco e pouco, num pequeno e apetecível paraíso.





# Gouveia

## As suas realizações e aspirações

A vila de Gouveia — a-pezar-da sua estação de caminho de ferro lhe ficar a 15 quilómetros de distância, é uma das mais florescentes do distrito da Guarda. Um serviço regular, bem montado, de camionetas, não só lhe dá ligação aos combóios, como lhe facilita as comunicações com todos os centros industriais e comerciais que a rodeiam.

A população do Concelho aproxima-se de 25 mil habitantes. A vila divide-se em duas freguesias: S. Pedro, a maior, com 2.061 habitantes e S. Julião, com 1.469.

As feiras, que se realizam às quintas-feiras e domingos, dão-lhe movimento animado. A feira anual no 2.º domingo de Agosto atrai forasteiros de longes terras, pois coincide com a romaria ao Senhor do Calvário, que dura 5 dias.

Vila curiosa e pitoresca, emoldurada em paisagens de grande encanto, o visitante não perde o seu tempo em vê-la e em admirar as belezas naturais dos seus arredores. Gouveia é, com efeito, uma das povoações mais típicas da região, com condições turísticas que bem mereciam ser desenvolvidas. Se, como monumentos, possui, apenas, a «Casa da Torre» e, em Melo, um Pelourinho de interesse artístico, em compensação pode ostentar algumas moradias de verdadeiro cunho regional.

Terra essencialmente agrícola, as suas indústrias

de lanifícios e lacticínios, bem como o seu comércio de madeiras, contribuem poderosamente para o alto nível da sua vida económica. Gouveia é, inquestionavelmente, uma das vilas mais ricas do país.

A Câmara Municipal, sob a presidência do distinto médico, sr. dr. José Correia de Oliveira, que se encontra rodeado de dedicados colaboradores, tem procurado resolver alguns dos mais importantes problemas da linda terra. Assim, numa das mais recentes sessões, aprovou por unanimidade o texto de uma exposição que vai ser dirigida ao Governo, por intermédio de Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Presidente do Conselho, afim de que lhe sejam autorizados os estudos preliminares de um Bairro de Casas Económicas, a construir ao abrigo do Decreto-lei n.º 23.052.

Com a construção desse Bairro, a Câmara vai resolver um importante problema social e ao mesmo tempo de indiscutível valor como elemento de urbanização e estética, duma vila cuja população, principalmente a operária, vai aumentando de ano para ano.

E a Câmara, no propósito louvável de dignificar a vida das classes trabalhadoras, além de contar com as suas disponibilidades financeiras, com o aproveitamento das madeiras das suas matas, espera, nos termos daquele referido decreto, contrair um empréstimo na Caixa Geral de Depósitos e Previdência, o qual



será amortizado em 20 anos. Confia ainda a Câmara na comparticipação do Estado para auxiliar a solução de uma das mais justas aspirações de um importante centro industrial e comercial, que é a construção do bairro de casas económicas.

Outros problemas começaram já em vias de solução, desde que a actual vereação entrou em exercício. Temos, por exemplo, a reparação do primeiro troço de estrada do alto concelho — Nabais-Melo — com a comparticipação de 34.337\$00 pelo fundo de Melhoramentos Rurais. Dentro de pouco tempo estarão devidamente concluídas as obras da Avenida Boto Machado, onde deverá ser erigido o monumento em homenagem à memória daquele benemérito.

O problema do abastecimento de águas à vila encontra-se também em bom andamento, tendo-se obtido, depois de várias pesquisas, um magnífico caudal.

A Câmara Municipal traçou um grande e admirável programa de realizações. Umas serão levadas a efeito nos próximos meses, outras achar-se-ão concluídas dentro de dois ou três. Nem ao seu ilustre Presidente, sr. dr. José Correia de Oliveira, nem aos seus dedicados colaboradores falecem fôrças, entusiasmo, amor à terra.

A vila de Gouveia cresce a olhos vistos e alinda-se a pouco e pouco. Daqui a três anos, quem a conhece de agora, encontrará surpreendentes melhoramentos: Bairro económico, jardins cuidados, parque infantil, piscina, ruas limpas, arruamentos novos. Muitas dessas coisas estão, é certo, em projecto, mas outras acham-se em vias de conclusão.

Gouveia, terra florescente e linda, tem os seus destinos entregues em boas mãos. Mas é preciso que todos, absolutamente todos, sem distinção de classes, de influências ou valores, se encontrem no mesmo amor, na mesma dedicação pela causa comum.

É a união que faz a fôrça, e é a fé que remove montanhas. Com essa união, que já existe, e com essa fé, que não abandonará ninguém, tanto os que dirigem como os que são dirigidos, Gouveia operará prodígios.

Não é com optimismo, a pensar no futuro, que escrevemos estas palavras. Gouveia realizou uma obra importante, que está patente à vista de todos. É a obra realizada que nos garante o progresso constante da formosa vila, em que não nos sentimos isolados, antes, pelo contrário, onde já encontramos o ambiente de uma pequena e encantadora cidade.



GOUVEIA — Avenida do Colégio e Monte Calvário



# Fornos de Algodres, vila sem indigentes

EM todos os roteiros turísticos, Fornos de Algodres devia figurar como terra digna de ser visitada e admirada. Monsenhor Pinheiro Marques, em prosa aliciante, fez sobre a vila e sua história uma monografia valiosa, digna de fazer parte não só das estantes das pessoas que gostam de viajar, com consciência, mas também das colecções dos que desejam conhecer mais profundamente, em certos pormenores, a História de Portugal.

A proximidade da estação do caminho de ferro (4 quilómetros apenas da vila, que se percorrem por excelente estrada) concorreu para o seu progresso. Uma carreira diária de camionetas liga-a a Viseu e Guarda. Outras carreiras ligam-na a várias outras partes da região.

A agricultura e a indústria de lacticínios constituem as suas principais fontes de receita. As suas feiras, que se realizam todas as segundas-feiras no mercado fechado da populosa vila, chama farta concorrência de todas as freguesias. E de entre as suas romarias há que destacar a que, no 2.º domingo do mês de Outubro, se realiza em honra de Nossa Senhora da Graça. É, com efeito, uma das mais lindas, mais

concorridas romarias da região e do país. Durante alguns dias, Fornos de Algodres assemelha-se, no movimento das suas ruas e no volume das suas transacções, a uma cidade importante.

Terra de trabalho, onde o pão chega para todos, não se topa por lá com indigentes. Pobres de pedir, só de raro em raro, e todos de outras terras que não de Fornos de Algodres.

A Câmara Municipal, sob a presidência do sr. Eduardo Coelho Flor, pessoa de prestígio e simpatia em toda a vila e em toda a parte onde é conhecido, tem procurado, inteligentemente, dotar a terra com os melhoramentos indispensáveis, de mais urgente necessidade.

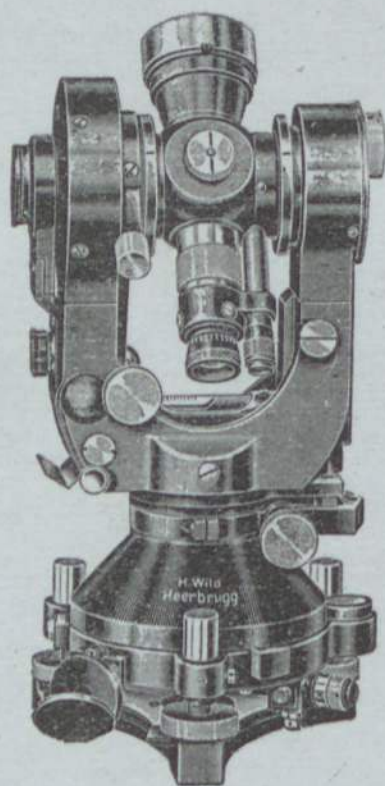
Para se avaliar da sua importância económica, bastará dizer que as principais casas bancárias do país assim como as companhias de seguros instalaram ali agências, que funcionam com apreciável movimento.

Fornos de Algodres, voltada para a Serra da Estrêla, não tem monumentos, construídos pelos homens, mas possui paisagens encantadoras, empolgantes, em que é visível a benção de Deus, pois a beleza não é mais do que a assinatura divina.

EXPOSIÇÃO DA INDÚSTRIA SUIÇA EM LISBOA

INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO, OUT.º, NOV.º 1943

**PIMENTEL  
&  
CASQUILHO  
L.<sup>DA</sup>**



**MATERIAL  
DE  
PRECISÃO  
SUIÇO**

EQUIVALE A...

DO MELHOR.

DEPOIS DE VISITAR A EXPOSIÇÃO, NO I. S. T.  
VISITE A R. EUGÉNIO SANTOS, 75—TELEF. 24314



# Celorico da Beira

**Esta populosa vila dispõe de recursos admiráveis para vir a ser, no futuro, um grande centro de turismo**

A O longo do Mondêgo debruçam-se, além de Coimbra e Figueira da Foz, duas das mais belas e importantes cidades de Portugal, diversas vilas e povoações também de grande importância e de afamada beleza. O nosso país é um tesouro maravilhoso de paisagens, de coisas pitorescas, de monumentos e obras de arte de que, muito justamente, nos devemos orgulhar. E não admira por isso que, ao contacto e na presença de tanta coisa bela, o povo português seja um povo de artistas e de poetas. Só as Beiras dariam inúmeros temas e cenários, dos mais surpreendentes e empolgantes, para quadros de pintores. E o arquitecto, desejoso de encontrar estilos antigos nacionais, sobre os quais, segundo a sua inspiração e capacidade assimiladora e criadora, poderia inventar estilo novo e original, não perderá o seu tempo em percorrer a terra sagrada das nossas Beiras. E também o arqueólogo, por sua vez, ganhará sempre em buscar o convívio de muitas coisas que só aos olhos profanos e indiferentes nada representam. Tudo isto vem a propósito de Celorico da Beira, vila do distrito da Guarda, situada próximo da margem esquerda do Mondego.

A população do Concelho a que pertence vai muito além de 18 mil habitantes. Como as outras terras do distrito, Celorico tem na agricultura, no fabrico de azeite e nos lacticínios as suas principais fontes de riqueza colectiva. A criação de gado bovino, suíno e caprino é também uma das bases da sua economia e da sua prosperidade.

Os seus mercados, tanto os de gado, como os de

cereais ou o de queijos, são importantíssimos. As feiras de S. Lourenço, a 10 de Agosto, e de Santa Eufémia, a 16 de Setembro, dão sempre margem a transacções avultadas.

Um velho castelo, que deve ser anterior a D. Sancho II, domina a nobre e formosa vila, e só por isso constituiria um motivo turístico. Mas Celorico, felizmente, possui outros tesouros de que pode orgulhar-se como as igrejas de Santa Maria e de S. Pedro, o santuário da Senhora dos Açores, o castelo de Linhares. O solar dos Abreus de Fornes de Algodres figura no número das coisas notáveis dignas de visita. E os sarcófagos de S. Gens são preciosas obras de arte.

Celorico pode um dia vir a ser um grande centro turístico tanto mais que além do já apontado, tem muito perto as Termas de Santo António, cujas águas gosam de muita fama no tratamento de reumatismo e doenças do estômago, fígado e pele. Mais longe, a 13 quilómetros, em Salgueiras, encontram-se as Têrmas de Santo Amaro.

Alguma coisa há já feito, e de vulto, sob o ponto de vista turístico.

Mas as possibilidades de desenvolvimento são grandes. Quando tudo se aproveitar, organizar e embelezar, Celorico da Beira será coroada de maior fama.

O que é preciso, pois?

É preciso que a iniciativa oficial seja amparada pela iniciativa particular. Poucas vilas das Beiras, como Celorico, possuem tantos elementos e recursos, tantas possibilidades de progresso.



Brazão de Celorico da Beira





TRANCOSO — Convento dos Frades

# TRANCOSO

Pelo Dr. DAVID BRUNO SOARES MOREIRA

A *Gazeta dos Caminhos de Ferro* surgiu este ano pedindo à Câmara de Trancoso um artigo sobre a Vila e Concelho, sob todos os pontos de vista.

Já na despedida da Vida, acedi, visto que a Vida não é mais do que uma gigantesca estação de Caminho de Ferro em que pára o Expresso do Destino que segue para um ponto no horizonte, aonde se abre um negro túnel sem fim: A Morte.

Mas, como todos os que partem *levam Saídas*, embora muitas vezes os que ficam tomaram vê-los pelas costas, não posso deixar de prestar esta minha última homenagem à Terra que durante 30 anos me deu o Pão da Vida.

Trancoso, situada a 898 metros de altitude sobre um planalto, último contraforte da Serra da Lapa, tem magnífico e bom ar para se respirar, tem uma vegetação e arborização esplendida que no verão enche de sombra fresca os escassos metros de terra que cobrem a rocha granítica.

Outrora, há trinta e mais anos, com invernos frigidíssimos e lindos, nevões maravilhosos, gelos fantásticos, metia medo aos viajantes. Hoje, o clima adocou-se muitíssimo e a temperatura modificou-se quasi por completo.

A Vila airosa e limpa, ainda na sua maior parte encerrada nas muralhas graníticas, tem razoáveis edifícios, largos amplos e cheios de luz, e a sua rua principal está repleta de lojas comerciais, em profundo contraste com o Comércio de há trinta anos, época em que só 5 viúvas tinham 5 tranqüilas e sonolentas lojas de comércio. Nada mais havia.

Industria, a não ser moagem de farinhas, nada mais de notável apresenta além de uma Separadora Mineira, que se desenvolverá, dando um certo movimento ao Concelho, até ao fim da Guerra.

A População, vivendo da fraca terra aravel que trata e faz produzir de modo notável, pacífica e respeitadora tem necessidades sociaes que tombam sob



a acção do Estado, taes como: Assistência, tãda a espécie de assistência está em Trancoso perfeitamente embrionária, Moradas higiénicas para o Povo, ou, para melhor dizer, impõe-se a Construção de um grande Bairro Popular com 100 ou 150 casas no Campo de Santa Luzia; Creação de uma escola de Artes e Ofícios, Ligação de Trancoso por meio de uma Empresa de Viação à Estação de Caminho de Ferro, Vila Franca das Naves, ligação que se prolongaria a Vizeu, a Lamego e Régua.

Trancoso está perfeitamente isolado. As 2 carreiras existentes são impróprias, materialmente falando, para fazer a ligação precisa que dê comodidades aos passageiros que, vindos da Beira Baixa, queiram seguir mais depressa e comodamente para Vizeu e Trás-os-Montes.

Porque não ha-de a Companhia de Caminhos de Ferro da Beira Alta tomar sobre si êsse encargo?

Serviria, assim, os interesses de uma região, porque o que se faz presentemente não os serve de modo algum.

Outra das necessidades da Vila e Concelho é a sua electrificação.

Aguas, acabada êste ano a grande obra de Barragem, não deve mais faltar, ainda que tãda a gente, ou, para melhor dizer, algumas pessoas teimam em não querer ver e achar, sempre na ponta da lingua palavras depreciativas para a obra realizada pela Câmara desde 1926.

A modelar Administração Municipal pode servir de exemplo, à parte pequenos defeitos.

Todos os que serviram a Câmara, há 30 anos que os conheço, foram dignos, honestos e honrados. Há divergências por vezes nos métodos e sistemas de trabalho municipal. São apenas casos para remediar.

Esgotos também há. Embora antiquados servem muito bem.

Todavia a população sofre de um certo mal que se pode tornar em defeito grave se não fôr corrigido:

Uza do vício da crítica, por vezes bem injusta para quem lhes dirige os negócios municipais.

Nem ela sabe a soma de sacrifícios e de cuidados que devem ter os homens que dirigem um Concelho.

É fácil criticar e fazer planos para quem está fora da Câmara, mas as condições mudam totalmente quando se é investido nas funções camarárias porque só então é que se conhecem as peias das Leis e Regulamentos, a multiplicidade dos assuntos, a exiguidade dos orçamentos, a teimosia dos homens, e mesmo a sua ignorância.

E, muitas vezes, os homens que administram o concelho, tendo sacrificado a sua vida e saúde, as suas comodidades e bem estar, recebem em paga qualquer cousa de menos correcto e de menos justo por parte dos que estão fora dos negócios municipais.

Tem Trancoso no seu Passado uma lindissima História. Tão linda que não conheço outra no País.

É uma colecção de iluminuras medievais que nenhum concelho tem.

Foi ela que me prendeu à Terra durante 30 anos!

As mãos dos Mortos invizíveis e fortes dominam tenazmente todo aquêlo que procura desvendar as vidas de outras Eras!

Criam-se raizes profundíssimas e fortes, a nossa Vida torna-se quási silenciosa e imovel e o Espírito a pouco e pouco submerge-se em sonho, talvez o Sonho da Morte, por onde perpassa já a Saüdade. A Saüdade é a primeira Estação da Morte.

E visto que temos de partir, talvez para não mais voltar não queremos deixar de voltar, os nossos olhos para uma Povoação que há 30 anos tinha meia dúzia de Casas junto à Estação e vivia tranqüilamente cheiade sôno.

Chama-se ela Vila Franca das Naves-Trancoso, estação de Caminho de Ferro que serve a Vila e que bem podia ser batisada com o nome de Vila Franca Maior, pois o seu desenvolvimento, quer em construções quer em Estabelecimentos comerciais, é qualquer coisa de notável e bom.

A Companhia dos Caminhos de Ferro e a Câmara de Trancoso deviam estudar desde já o problema de ligações. Vila Franca das Naves, Vila Franca Maior, tem um futuro brilhante pelo seu comércio.

Precisa de melhoramentos. Façam-se. Os Homens que acordem e sacudam a sonolência que os invadiu.

A gente nova que trabalhe para o seu engrandecimento.



TRANCOSO — Entrada do Castelo



# S. GIÃO

## de Oliveira do Hospital

À freguesia de S. Gião, assente nas faldas da Serra da Estrêla, lado Norte, tem a seus pés as águas claras do rio Alva. Seus ares puros, suas



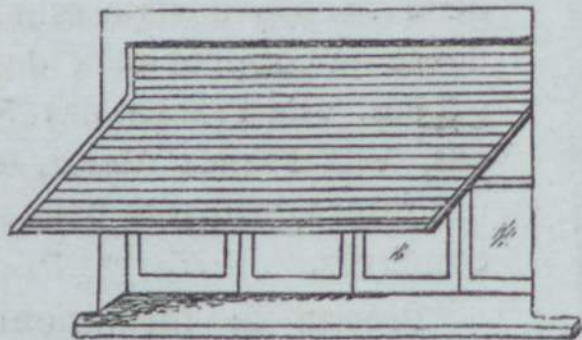
S. Gião de Oliveira do Hospital — Vista Geral

paisagens admiráveis, suas águas frescas, conferem à encantadora freguesia foros de centro turístico, que nunca foram desmentidos.

Como curiosidade artística, S. Gião orgulha-se de possuir uma Igreja Matriz, do século XVIII, em puro estilo D. João V, que vem sendo designada por «Catedral das Beiras».

A terra, além de bela, é extremamente fértil.

Mas S. Gião, que tem na agricultura a base da sua vida económica, que pode ter no turismo uma importante fonte de receita, poderá ser também um centro industrial quando forem exploradas as suas minas de carvão de pedra.



ESTORES SOLAR  
DE TODOS  
OS MODELOS  
E SISTEMAS

**AUGUSTO V. CARDOSO**

Rua Cavaleiro de Oliveira, 55, r/c. E. — LISBOA — Tel. 52123

*Empreendendo  
uma viagem...*



*não se esqueça da sua  
caneta-tinteiro Pelikan*

Deposito transparente. Enchedor automático sem tubo de borracha.

### AGÊNCIA ADUANEIRA DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES DA BEIRA ALTA—VILAR FORMOSO

Ocupa-se, na fronteira de  
Vilar Formoso, de todas  
as operações aduaneiras  
de mercadorias por  
caminho de ferro

ENDEREÇO TELEGRÁFICO:

— V I V A S —

TELEFONE N.º 4





GUARDA — Aspecto da neve

## "A cidade mais alta da Europa"

Pelo DR. ALBERTO DINIZ DA FONSECA

**Q**UEM vem do estrangeiro de comboio ou de automóvel, começa logo a ver de longe a silhueta da Guarda—*a cidade mais alta da Europa, a cidade da Saúde*, a sentinela vigilante contra os inimigos do exterior.

Recortados no azul do céu, veem-se o perfil severo da velha torre de menagem, os coruchéus da Sé Catedral, o segundo monumento do país, as torres esbeltas da Misericórdia, a velha igreja do século XVII, e as moles alterosas do Banco, do Club, do Hospital, do Hotel de Turismo, do Seminário, perdidos no meio do casarão anónimo.

A Guarda é, no dizer dos entendidos, a cidade portuguesa mais característica.

De facto, em nenhuma outra se poderão encontrar, reunidos na mesma praça, exemplares arquitectónicos dos séculos XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII e XIX.

Diz o Dr. Virgílio Correia que não existem hoje fora da arquitectura religiosa, exemplares de casas sobradadas anteriores a D. Manuel.

Pois aqui na Guarda ainda estão de pé as casas altas doadas por D. Diniz à Ordem de Malta!

Os que apreciam as casas de velha silharia portuguesa teem aqui magníficos exemplares. Os solares da Quinta das *Lágrimas*, o *velho paço de D. João I*, a casa do *Barbadão*, a *Torre dos Ferreiros*, a taberna de *D. Jaime*, *Paços Episcopais*, antigo, novo e novíssimo, a casa onde nasceu *Rui de Pina*, e a casa onde ele residia à data do seu falecimento, hoje declarada monumento nacional, e hoje ocupada pela *Domus Municipalis*, o velho convento de S. Francisco, transformado em quartel, a casa do General Póvoas, os restos das velhas muralhas, tudo isso são maravilhas que só na Guarda podem apreciar-se devidamente.



O director do *Paris-Soir*, que, há tempos, nos visitou, ficou encantado com a Guarda e não ponde esconder um movimento de indignação, quando lhe disseram que em Portugal era conhecida pela cidade dos quatro FFFF, *feia, fria, forte e farta*, e notando que o *feia* bem se podia mudar em *formosa*, acrescentou maliciosamente:

— Provavelmente só acham bonito o cimento armado!

O eminente escritor Sousa Costa, também há dias no *Janeiro*, do Pôrto, manifestou uma opinião lisongeira a favor da Guarda.

A Guarda quer em si, quer nas suas obras de arte, quer nos seus arredores pitorescos, é uma cidade digna de ser vista.

A Guarda é o ponto de partida para se visitar a Serra da Estrêla, as vilas de *Sabugal* com o seu lindo Castelo, *Alfaiate*, *Sortelha*, *Almeida*, *Castelo Rodrigo*, com o seu Castelo e o seu lindo Convento de *Santa Maria de Aguiar*, *Vila Nova de Foscôa*, com a sua linda igreja, os seus vinhedos, as suas amendoeiras em flor, tão bonitas como as do Algarve, o *Vale do Mondego* com as suas quintas, etc.

Bastaria só a Sé, com o seu formoso retábulo, a melhor obra de *João de Rua*, para justificar uma visita, mas afora isso há como vemos muitas outras coisas que devem levar-nos a visitá-la.

A Guarda é talvez a única cidade do país onde habitualmente cái neve, e nessas ocasiões a casaria e os campos circunjacentes oferecem um espectáculo maravilhoso.

Outras vezes a névoa que ocupa o fundo dos vales, deixando livres as cumiadas, dá a perfeita ilusão dum lago ou dum mar adormecido, em cujas margens se erguem montanhas alcantiladas povoadas de arvoredo ou de blocos graníticos recobertos de musgo. Sobretudo para os de constituição débil, para os impaludados, convalescentes, neurasténicos, etc. a Guarda é a estância ideal, não falando já dos tuberculosos, que teem no *Sanatório* Sousa Martins, o melhor da península, o remédio pronto para a sua enfermidade.

Quando foi da guerra civil de Espanha, o secretário do general Franco encontrou-se *ético*.

Conduzido imediatamente de Salamanca para a Guarda, passados três meses nem parecia o mesmo e regressou a Espanha, completamente curado.

Mas, infelizmente, a Guarda só tem sido aproveitada para os tuberculosos, quando deveria sê-lo, de preferência, como estância de repouso e para passar a estação calmosa, sobretudo para as pessoas que não podem estar à beira mar.

Até aqui havia uma desculpa — não haver um hotel em termos. Agora, porém, que está concluído um hotel que é dos melhores do país, já não há motivo que impeça o tornar-se a Guarda um lugar preferido para as férias do tempo estival.

Para isso, porém, achamos que é indispensável uma coisa.

Fazer-se uma Avenida da estação da Guarda à cidade, e uma estrada da cidade ao Campo Romão, junto às Penhas Douradas, onde possa circular um *trolleybus*, pondo assim a Serra da Estrêla ao alcance de todas as bolsas.

A Avenida seria a única forma de ligar o bairro da estação à cidade, facilitando o desenvolvimento desta com vantagem para todos.

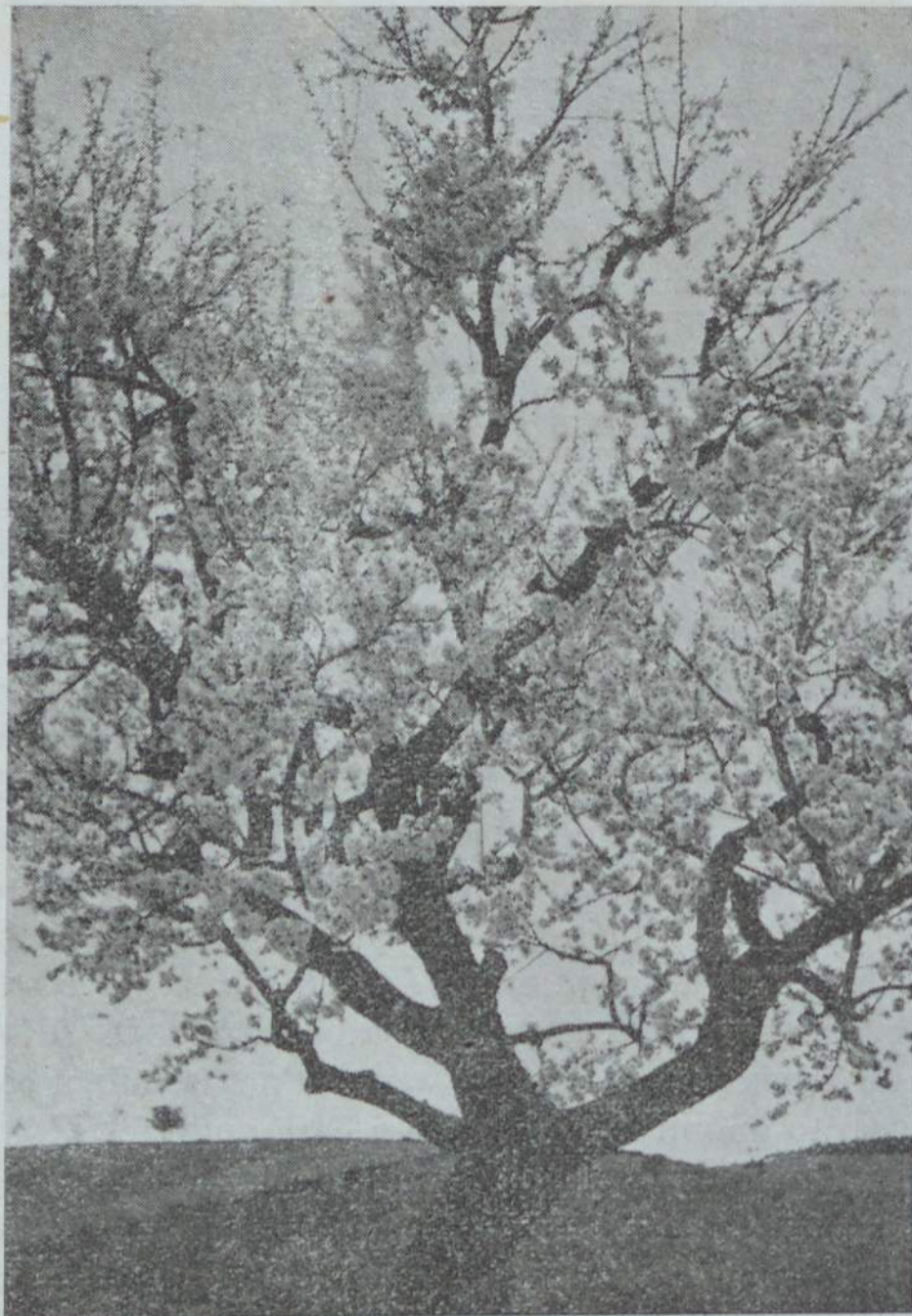
Essa obra deveria ser feita pela Junta Autónoma das Estradas, de colaboração com as Companhias da B. A. e da C. P..

O inestético casarão, que serve actualmente de estação de Caminho de Ferro, seria demolido fazendo-se um ou dois edifícios a substituí-lo no topo da praça onde iria desembocar a Avenida.

O ante-projecto dessa Avenida e da urbanização do bairro da estação está já feito, resta agora pô-lo em execução.

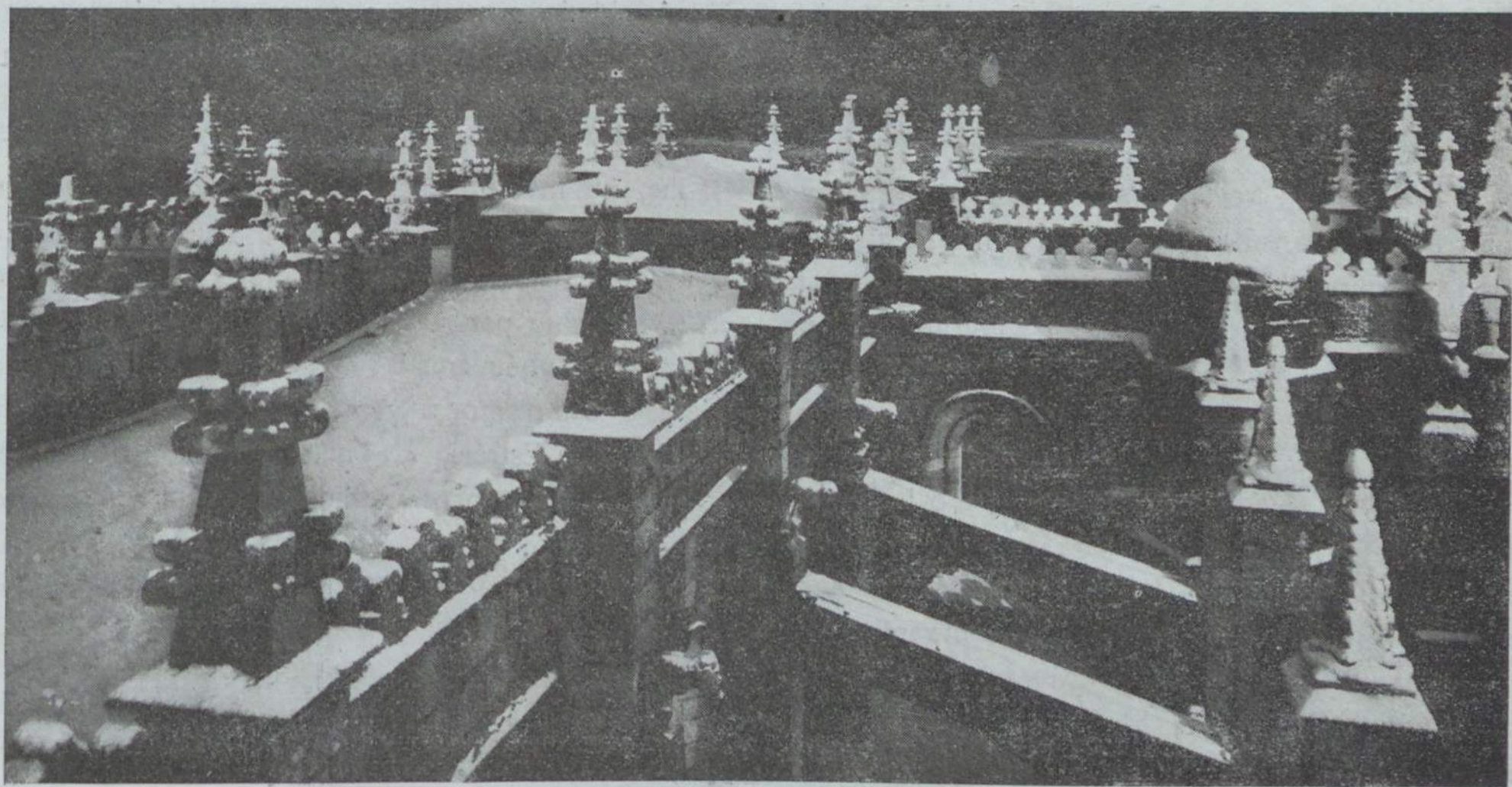
Com essa Avenida tornar-se-ia muito mais exequível a exploração do *Hotel de Turismo* destinado a ser a primeira *Escola Profissional Hoteleira*, do nosso país, pois tem para isso todos os requisitos.

Esperamos que as entidades interessadas não deixarão de considerar o assunto e resolvê-lo rapidamente, a bem da Guarda, a bem do País e a bem dos próprios interesses das duas Companhias atrás citadas.



GUARDA (Arredores)  
— Amendoeiras em flôr





GUARDA — A Catedral em dia de neve

# GUARDA

## A mais alta cidade portuguesa e os seus principais atractivos

Por REBELO DE BETTENCOURT

A cidade da Guarda — que Augusto Gil tanto amava e onde viveu parte da sua mocidade — era, ainda há 20 anos, cognominada assim: *farta, feia e fria*. As terras que a circundavam eram, com efeito, excepcionalmente produtivas. Mas não era despida de certo interesse e até mesmo de certo encanto. Quanto ao ser fria, isso foi uma das suas maiores virtudes e vantagens a ponto de o notável médico e escritor Dr. Ladislau Patrício a ter crismado de «Cidade Sanitária». A crisma ficou. Porém, o adjectivo *feia* já não tem razão de se repetir. Efectivamente, a Guarda, cidade farta e fria, entrou na classe das cidades curiosas, que se devem vêr e conhecer, não

apenas por ser uma cidade sanitária e bemfazeja, sob êsse aspecto, mas também por possuir alguns monumentos de grande e indiscutível mérito artístico. Entre êsses monumentos figura, no primeiro plano, a Catedral, considerada pelos críticos como uma das mais belas do país. Ora uma cidade que encerra um tesouro artístico como êsse templo, cuja construção se iniciou no reinado de D. João I, não pode considerar-se feia, nem mesmo há vinte anos devia ser cognominada assim.

A Catedral, cuja construção se arrastou por alguns séculos, apresenta três estilos: o gótico, o manuelino e o renascença. No século XVII sofreu alterações que a mutilaram.



O notável architecto Resendo Carvalheira, pôde, contudo, há poucos anos, com as indispensáveis obras de restauro, integrá-la de novo na sua verdadeira fisionomia.

É grandioso e severo o seu aspecto. Há qualquer coisa de forte e másculo nas suas linhas gerais. Para essa masculinidade contribuiu o granito de que foi construído o templo. No interior admiram-se alguns belos retábulos, a capela dos Ruas, com o túmulo de D. João de Rua, o cadeiral da capela-mór, paramentos, etc.

O visitante, que tiver o bom gosto e o bom senso de se demorar na cidade, gostará de ver, além da Catedral, o Castelo, embora arruinado, mas justamente classificado de monumento nacional; o monumento ao imortal poeta Augusto Gil; o Museu Regional, onde se coleccionaram em 8 salas preciosidades artísticas antigas e quadros de mestres pintores modernos; a Igreja da Misericórdia, de puro estilo português; o Monumento aos mortos da Grande Guerra, assente no aprazível Jardim José de Lemos; o Padrão dos Centenários; várias casas solarengas, de puro estilo architectónico nacional. Algumas ruas, das mais antigas, pelo seu traçado irregular, despertam a atenção das pessoas que apreciam as coisas pitorescas.

Do alto da Torre de Menagem, que é o mais alto miradouro português, descortina-se um panorama empolgante, de beleza incomparável.

A cidade a pouco e pouco vai-se aformoseando mais e é hoje, graças aos seus monumentos, às suas paisagens e, sobretudo, ao seu frio, uma das mais importantes cidades de turismo do país. A neve empresta-lhe, no inverno, aspectos de beleza surpreendente. Quando o sol brilha no céu, a neve toma cores róseas. Não só os doentes procuram a Guarda no verão e no inverno para tratamento de seus males. Os desportistas também amam esta estância ideal;—no verão, para o campismo, a vida e os exercícios ao ar livre na Serra da Estrêla; no inverno, quando a neve veste tudo de branco, para a prática de jogos e de corridas de «ski».

Hoteis e pensões de excelente organização abundam nesta cidade de turismo e nesta cidade sanitária. O comércio é importante, pois é populosa a cidade, demais a mais sendo também ela um centro industrial.

As suas principais indústrias são os lanifícios, os lacticínios e a pecuária. A agricultura também é rica, pois nos campos, excepcionalmente férteis, não falta água em abundância.

São já numerosos os edifícios novos com que se melhorou grandemente o aspecto da cidade, como o Hotel de Turismo, o edifício da agência do Banco de Portugal e o novo Hospital da Misericórdia.

Cidade de trabalho e turismo, cidade da saúde e centro de desportos, a Guarda só muito injustamente pode considerar-se — se é que ainda algumas pessoas a consideram — cidade feia.



GUARDA — Janela Renascença de um dos antigos Paços-Episcopais



# Os nossos mortos

## D. IDA D'ORNELLAS LOPES BANHOS

Na sua residência, Rua da Palmeira, 56, r/c., e após longos meses de sofrimento, faleceu no dia 30 do mês findo a sr.<sup>a</sup> D. Ida d'Ornellas Lopes Banhos, filha da sr.<sup>a</sup> D. Amélia do Carmo d'Ornellas e do sr. Guilherme Carlos Lopes Banhos, general de Brigada, já falecido; e irmã do nosso director Carlos d'Ornellas Lopes Banhos e do sr. Marino d'Ornellas, secretário da redacção da Revista de Turismo *Viagem* e cunhada da sr.<sup>a</sup> D. Fernanda Pereira da Silva d'Ornellas.



D. Ida d'Ornellas Lopes Banhos

O funeral realizou-se no dia seguinte, às 10 horas, saíndo o feretro da residência da extinta para o cemitério do Alto de S. João, incorporando-se pessoas de família e amizade.

Não foram feitos convites por determinação da família.

Em casa da família e na nossa redacção foram recebidos telegramas e cartões das sr.<sup>as</sup>: D. Laura Borges d'Almeida, D. Maria Tocha, D. Palmira Ribeiro, D. Jóvita Campos Pacheco, D. Gizélia de Brito, D. Isabel Monteiro Faria, D. Ana de C. Amorim Pestana Lopes, D. Laura Castanheira Freire, Escultora D. Úrsula de Leiro Montez, D. Olga M. Rodrigues, D. Cimodocea M. Pamplona Côrte Real, D. Elisa Gorjão, D. Leonilde Judice Guimarães, D. Maria Alzira, D. Beatriz da Silva Braz, D. Helena Sarto de Hortega, D. Sára M. da Silva Biscaya, D. Alexandrina de Melo Leal, D. Elvira da Cruz dos S. Teixeira, D. Maria dos Anjos de Almeida Rodrigues, D. Maria R. Borges de Avila, D. Maria Judice Carneiro da Costa, D. Maria Amélia J. Carneiro, D. Clarisse S. Pinho dos Santos, D. Celeste Alves d'Almeida, D. Preciosa Alves Abrantes, D. Maria Fernanda Rodrigues, D. Aurea M. C. Pereira da Silva, D. Maria A. Lopes de Mendonça, D. Amélia Martins Pires, D. Lídia Saldanha O. S. Ve-

loso de Quadros, D. Laura Costa, D. Felisbela da Luz Coelho Rocha, D. Carolina Piedade, D. Júlia Silva Lopes, D. Leonor A. Moraes Moreira, D. Deborah Prata, D. Aurea Guedes, D. Maria dos Anjos Rodrigues, D. Maria Caldas e filhas, D. Nita Lupi, D. Maria Luisa Franklim, D. Lígia Ribeiro de Paiva Graça, D. Belmira S. A. Pereira da Silva, D. Maria Henriqueta Gorjão, D. Maria Hortense Gorjão, D. Elvira Avelar, D. Alice Filipe da Silva, D. Maria Albertina e D. Ricardina Pereira de Figueiredo.

Escritores e jornalistas: Cesar de Frias, Fernando Batista, José da Natividade Gaspar, Moraes de Carvalho, Rogério Perez, Raúl de Carvalho, Felix Correia, Alexandre Settas, Pedro Correia Marques, Sertório Fragoso, Edmundo de Oliveira, Rodrigues Laranjeira, Santos Vieira, Alvaro de Andrade, Carlos Faro, Mário Rocha, Guedes de Amorim, José Luiz Ribeiro, Luiz Lupi, Jorge Simões, João Coimbra, Tôrres de Carvalho, Marcelino Lima, Rebelo de Bettencourt, Leopoldo Nunes, Jorge Ramos e Carlos Portugal Ribeiro.

E os srs.: General Raúl Esteves, Dr. Azevedo Neves, Conde de Sucena, Engenheiro Raúl da Costa Couvreur, Coronel Lopes Galvão, Dr. Ferreira Deusdado, Coronel Ernesto Pestana Lopes, Dr. Diogo Ribeiro, Comandante Jayme Athias, Professor E. de Campos Coelho, Coronel Esmeraldo de Carvalhais, Carlos Empis, Capitão Jaime Galo, E. A. Strasen, Carlos J. Oliveira, Tenente-coronel Plínio Silva, Visconde do Pôrto de Cruz, Dr. Cristovam de Sousa Pereira, Coronel João de Brito Pimenta d'Almeida, João Batista Duarte, Coronel-aviador A. C. Cifka Duarte, Dr. Jacinto Carreiro, Henrique da Silva Martins, Augusto Sá da Costa, Franz R. Wilberg, Carlos Francisco Méga, Coronel Dr. Joaquim Mata, Capitão Américo dos Santos, Dr. José A. Ascenção Contreiras, Manuel Fialho da França Machado, Tenente-coronel Humberto Luna de Oliveira, Arquitecto Paulino Montez, Capitão Eduardo Emiliano Rêgo, José Vicente, Rolando da Silva, Capitão Tudela de Vasconcelos, A. Gama Reis, Casimiro Gomes Vieira, Filipe Loureiro Viana, José da Cunha Carvalho, Tenente Mariano Moreira Lopes, José Honorato de Carvalho, Manuel Serras, José António Correia, Coronel Afonso Mesquita, Carlos J. Garcia Grill, Joaquim Rodrigues, Hilário Pereira Rodrigues, Dr. Leopoldo do Vale, Raúl Dias do Canto, Carlos José de Sousa, Manuel Daniel Costa, Joaquim Sampaio Júnior, Dr. Paradel de Oliveira, Coronel Simões Carrilho, Carlos Worm da Costa, Manuel José Palma, Luiz Costa, José Amaro, Raul Coluna, José Augusto de Carvalho, Alberto Malaquias de Lemos, Carlos Ferreira Leite, Luiz Mayor Santos, José Mayer, Carlos Coelho, Carlos Mendes da Costa, Mapril Gouveia,



Henrique Afonso Pires, D. António de Hortega y Ceballos, Major Rosa Bastos, Eng.º Palma de Vilhena, Geraldo Magalhães, Dr. Raúl Leal, Carlos H. dos Santos, António Batista Guimarães, José Picão Telo, Carlos Nunes Sereno, Júlio de Matos Machado, José Francisco Bôto, Joaquim Barreira Branco, Carlos Basílio d'Oliveira, Major Caldas de Quadros, Domingos da Silva, Damaso Luiz Seia, José de Seixas, Jaime Caldas de Quadros, Carlos Costa e Silva, Carlos Sourton Rei, António Luiz Simões, Maurício Lopes do Rêgo, Dr. Bento de Sousa, Jaime Machado Alves, Carlos Pedroso de Lima, João Monteiro, Artur de Sousa Flôres, Alvaro Figueiredo d'Almeida, Manuel Gonçalves da Silva, Manuel Nunes, Carlos Mackarty Lopes do Rêgo, Bernardino José da Silva, Carlos C. dos Santos Gonçalves, Higino P. d'Almeida Lopes, Manuel Santos Silva, Carlos Pinto da Silveira, Fernando Judice da Costa, Domingos Martins, Jorge Borges d'Almeida, Lino T. Judice da Costa, Carlos Madeira, João António Barbosa, Tenente Carlos Rodrigues, Velez da Mota, Miguel Ribeiro, Filino Rendeiro, Dr. Virgílio Saque, Cesar de Lemos, Francisco da Silva Brás, Alberto do Espírito Santo, António de Matos, Francisco Mauhin Gonçalves, António J. Marques, Manuel Canhão, Professor Pedro Celestino Gonçalves, Domingos da Silva, Francisco Prata, Carlos Alberto C. Guerra, Levy Gonçalves Moreira, José Lopes, Carlos Leal, Zeferino Augusto Pires, José Pereira da Silva, Carlos Rodrigues Teixeira, Libânio da Silva Biscaia, E. Mendes Catraia, Roberto Tôrres, João H. Alexandre, A. Niza da Silva, Isidro Silva, António Pedrosa, António Pereira da Costa, Manuel Fernandes, João Romão, Major Rocha, Alberto Gorjão, José da Conceição Guerra Júnior, Carlos Alberto Caldeira Guerra, Capitão Tadeu da Silveira, Rogério Filipe, Fausto Nunes Dias, Joaquim T. Judice Bicker, Manuel Pessoa, Ernesto Pancada, Henrique Carlos Perry de Linde Duarte e F. d'Assis Moreno.

\* \* \*

Todos os jornais diários fizeram referência ao acontecimento, destacando-se *O Diário de Lisboa*, *O Século*, *O Jornal do Comércio*, *Diário da Manhã*, *A Voz* e *O Setubalense*, que apresentaram condolências ao nosso director, o que agradecemos reconhecidamente.

\* \* \*

Estavam representadas as firmas: Bleck, L.<sup>da</sup>; Comissão Administrativa da Associação de Socorros Mútuos «Almirante Cândido dos Reis»; Pessoal de escritório e gráfico da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*; Isidro Silva; Albergaria de Lisboa; Grupo Tauromáquico «Sector 1»; Divisores dos Correios Telégrafos e Telefones do Chiado; Senna, Bôto & Leitão, L.<sup>da</sup>; E. A. Strasen, Director da Secção de Turismo dos Caminhos de Ferro Alemães; *Revista Portuguesa* (Órgão oficial da A. I. P.); Engraxadoria Neves, etc.

## CARLOS VASCONCELOS E SÁ

Mais um camarada de Imprensa que desaparece: Carlos Vasconcelos e Sá. Uma doença grave prostrou-o em poucos dias. Cronista mundano, que bem podia dizer-se um dos discípulos e continuadores de Luiz Trigueiros, colaborou em quasi todos se não em todos os jornais do seu tempo e de hoje, animando uma secção que ninguém deixava de ler com interesse. Era um nome conhecido em todos os meios.

Por sua parte êle conhecia toda a gente.

De trato afável, bom conversador, foi exemplo de leal camaradagem. Tinha um amigo em cada conhecido. Quando, no S. Luiz, realizava as suas festas anuais, sempre brilhantes, um público numeroso e distinto enchia-lhe a casa de espectáculos.

Natural de Lisboa, desceu à sepultura, com sessenta anos. Parecia menos idoso, a-pesar-de combatido por um grave desastre de atropelamento, em Março de 1939, que o aproximou das portas da morte.

Na Grande Guerra, distinguiu-se como tenente miliciano de Artilharia. É com saúdade que redigimos estas linhas. Paz à sua alma. À família enlutada, os nossos sentidos pêsames.

■ ■ ■

UMA FIGURA ILUSTRE

## 1.º Centenário do nascimento do General José Estevão de Moraes Sarmiento

Por iniciativa da Direcção da *Revista militar*, foi condignamente celebrado o 1.º centenário do nascimento do general José Estevão de Moraes Sarmiento, no dia 12 do corrente, com uma romagem ao seu túmulo, no Cemitério Ocidental (Prazeres), junto do qual o ilustre presidente da Direcção pronunciou um discurso de elogio à nobre figura do extinto, que foi também director daquela notável revista, e uma sessão extraordinária e especial, para inauguração, na sede da *Revista Militar*, da «Estante General José Estevão de Moraes Sarmiento». A inauguração foi precedida de um discurso pelo ilustre vice-presidente da Direcção.

A Comissão Executiva da comemoração do centenário funcionou sob a presidência honorária de Sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Presidente da República.

\* \* \*

O Município de Beja associou-se à comemoração, colocando uma nova lápida no Largo Moraes Sarmiento, daquela cidade.

\* \* \*

Também a Câmara Municipal de Sintra colaborou na celebração deste centenário, dando o nome de Avenida General José Estevão de Moraes Sarmiento a uma das suas principais artérias,



LINHAS COLONIAIS

RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO  
dos Serviços dos Portos, Caminhos  
de Ferro e Transportes da Colónia  
de Moçambique, do ano de 1941

**R**ECEBEMOS, há pouco, o Relatório do ano económico de 1941 organizado pela Administração dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique. A êsse Relatório já fizemos, oportunamente, referência, e por mais duma vez. Hoje, de novo, voltamos a ocupar-nos dêsse importante documento, transcrevendo para aqui algumas páginas, que nos colocam na presença e no conhecimento de algumas das mais importantes realizações levadas a cabo por aquela Administração.

Às pessoas que se interessam pelo progresso dos nossos caminhos de ferro coloniais julgamos não ser preciso chamar a atenção para o texto que, a seguir, reproduzimos:

Extensão de linha

A extensão de linha férrea em exploração foi aumentada durante o ano de 1941 em 14 quilómetros, na rede de Moçambique, que assim atingiu Mutuáli. Era no fim do ano distribuída da seguinte forma:

Via normal de 1,067:	
Linha de Ressano Garcia, incluindo o ramal do Lígamo . . . . .	94,360
Linha de Goba, incluindo o ramal do Umbelúzi . . . . .	63,570
Linha do Limpopo, incluindo o ramal de Mangulane e Xinavane . . . . .	179,597
Linha de Marracuene, incluindo o ramal do Matadouro. . . . .	34,343
Linha de Inhambane, incluindo o ramal de Inharrime . . . . .	93,250
Linha de Quelimane. . . . .	145,000
Linha de Moçambique . . . . .	456,000
	1:066,120
Via reduzida de 0,75:	
Linha de Gaza, incluindo ramais . . . .	141,500
Total. . . . .	1:207,620
Na linha de Ressano Garcia está assente via dupla na extensão de . . . . .	10,355
Total de linha explorada . . . .	1:217,975

No cais de Lourenço Marques e respectiva gare marítima estavam assentes, no fim do ano de 1941, 62,566 quilómetros, e a extensão de linhas de serviço das gares e desvios particulares atingiu, na rede de Lourenço Marques, 62,644 quilómetros. A extensão das linhas de serviço nas gares, na rede de Gaza, é de 6,479 quilómetros; na linha de Inhambane, 10,438 quilómetros; na linha de Quelimane, 7,712 quilómetros; na linha de Moçambique, 19,357 quilómetros.

Podemos, portanto, dizer que o total de linha assente em exploração é de 1:387,171 quilómetros, contra 1:360,253 em 1940 e 1:304,705 quilómetros em 1939.

Linhas e portos projectados

Nada se adiantou no corrente ano na fixação do plano das linhas férreas e classificação dos portos comerciais na Colónia.

O ante-projecto elaborado sobre êste assunto por esta Direcção, suprimindo linhas de carácter secundário, que por muitos anos podem ser substituídas por carreiras de camionagem automóvel, não logrou a aprovação do Govêrno da Colónia, que achou terem sido incluídas linhas demasiadas, apesar de pouco mais que esboçada a espinha dorsal com as linhas de penetração. Estão, portanto, apenas decididas ou a caminho de o serem as actuais linhas em exploração na rede de Lourenço Marques, com as linhas para o Transval, para a Suazilândia, para o vale do Incomáti por Marracuene, com a extensão para a Manhiça e eventual ligação com a linha de Xinavane, servindo também esta linha o vale do Incomáti, com a extensão para o vale do Limpopo, na direcção do Guijá, cuja exploração foi já inaugurada oficialmente em 29 de Novembro de 1940, em virtude de ter ficado concluída a ponte sobre o Incomáti; a linha de Gaza, para o serviço das florestas de Panda, de que se inauguraram os restantes 22 quilómetros também em 1940; a de Inhambane, com o ramal do Homoíne; a linha de



Tete para Dona Ana, junto à ponte do Zambeze, cuja construção se iniciou em Abril de 1939, tendo o primeiro trôço, de 31 quilómetros, sido inaugurado em 26 de Novembro de 1940, mas tendo a sua exploração sido suspensa por ordem ministerial; a linha de Quelimane, por enquanto apenas com o objectivo de servir o vale do rio Licungo, de natural extensão para o norte, servindo o Alto Molócuè e o Guruè e ligando à linha de Moçambique, e esta linha, com a possível extensão para o Niassa português, em estudo.

Julgamos que para basear o estudo da rede geral da Colónia se deviam primeiramente fazer reconhecimentos no norte do Zambeze e no sul do Save, por brigadas constituídas não só por pessoal técnico de engenharia como também por geólogos, prospectores e médicos, para que se não limitasse o estudo apenas à topografia mas se procurassem as regiões que geologicamente indicassem a existência de áreas mineralizadas, se procurassem os minerais e se estudasse a salubridade, do ponto de vista da colonização.

Sei que junto ao Save e do lado da Rodésia, junto à fronteira, foram encontrados grandes jazigos de carvão e de minério de ferro.

Mais tarde ou mais cedo deve esta região procurar uma saída para o mar. Não há razão para deixar de supor que do outro lado da fronteira, no nosso território, não se encontram minérios análogos. Um caminho de ferro será necessário, somente se tornando conveniente ponderar se o devemos trazer ao caminho de ferro do Limpopo, já construído, atravessando uma região que das autoridades portuguesas é apenas conhecida como reservatório de pretos para as minas do Transval, e que constituiria a primeira aproximação para a ligação da rede ferroviária do sul da Colónia com a do norte, ou se convém levá-lo à Beira. A existência daqueles minérios na fronteira da Rodésia foi-me dada a conhecer pelas autoridades superiores do Caminho de Ferro da Rodésia, que pensam seguramente na ligação para a linha da Beira, afastando a possibilidade da ligação das duas redes. Bom seria que ali fôsse mandada uma brigada estudar a geologia da região e apressarmo-nos a construir a linha que ligasse ao pôrto de Lourenço Marques, onde o capital do Governo investido é já muito importante e de onde mais tarde ou mais cedo desaparecerá parte importante do tráfego de trânsito para o Transval.

Do ponto de vista de economia no custo dos transportes, seria talvez preferível a solução da ligação para a Beira, por ser mais perto, mas perderíamos uma oportunidade de abrir ao desenvolvimento uma grande área e arriscávamo-nos a perder uma justa remuneração para o capital investido em Lourenço Marques, e quem sabe se até as receitas necessárias para garantir a tempo a

indispensável renovação do material em serviço. Precisamos de procurar para o pôrto de Lourenço Marques outro *hinterland* que não seja o Transval.

E não dizemos que a essa brigada para o estudo das condições geológicas se juntassem agrónomos, porque entendemos que se deve, na situação actual de mercados saturados, apenas estudar as possibilidades agrícolas para uso da colonização europeia, cujas áreas de estabelecimento devem ser fixadas primeiro, e ainda para alimentação dos indígenas.

Esse estudo e a organização dessas brigadas cabem dentro das atribuições da Direcção, fixadas no diploma que a criou, muito embora sob a orientação da Direcção Geral do Fomento Colonial do Ministério das Colónias, criada em 1937, como já dissemos nos relatórios anteriores, pelo decreto n.º 26:180, que reformou o referido Ministério.

Uma das brigadas que operassem ao norte do Zambeze deveria ser encarregada do estudo da linha do Bárue.

Infelizmente, o estudo feito pela brigada geológica sob a direcção do engenheiro inglês Hall consta que chegou a conclusões pouco promedoras acêrca do valor do minério aurífero, de que havia tantos indícios. Embora as áreas dos rios sejam auríferas, parece que o oiro vem de jazigos já fora da Colónia e aquelas não são bastante ricas para justificar uma exploração remuneradora. No entanto, isto é o resultado de um primeiro estudo e não constitue razão suficiente para pôr de parte a ligação do vale do Zambeze através do Bárue com a linha da Beira.

Em relatório especial já foi justificada a necessidade da extensão do caminho de ferro de Moçambique para o Niassa português. Além de servir o planalto de que é centro Vila Cabral, eminentemente próprio para colonização europeia, com clima absolutamente idêntico ao melhor da Niasalândia, a região a atravessar é bastante mineralizada para o justificar.

Com efeito, em resultado de reconhecimentos geológicos feitos em 1931, 1932 e 1934, foi reconhecida a existência de carvão próximo do lago Niassa e na bacia do Luchímua. Estes reconhecimentos, levados a efeito pelo sr. engenheiro de minas António Joaquim de Freitas, em 1938, com o auxílio dos serviços da brigada de estudos do caminho de ferro, foram plenamente confirmados naquele segundo local pelo pessoal desta brigada, que localizou, ao atravessar o rio com o traçado do caminho de ferro, a existência de carvão a aflorar nas suas margens.

A existência de carvão próximo do lago Niassa era conhecida de longa data, tendo apenas o reconhecimento de 1941 provado que ele se encontrava mais perto do lago do que se supunha, segundo consta do relatório daquele engenheiro.



É dêsse relatório que extraímos as seguintes indicações:

As análises das amostras dêste carvão deram em média os seguintes resultados:

Humidade . . . . .	9,50
Matérias voláteis . . . . .	36,90
Cinzas . . . . .	14,92
Carbono fixo . . . . .	36,68

O poder calorífero determinado pela bomba a 5:255 calorias é um pouco inferior ao do carvão do Transval.

A camada tem 1<sup>m</sup>,50 de possança no local da amostra, parecendo manter-se a pequena profundidade.

O carvão de Luchímua foi encontrado no reconhecimento de 1934, mergulhando as camadas por debaixo dos depósitos aluvionares. Por reconhecimento continuado em 1936, estas estendem-se num comprimento de 25 quilómetros para montante do afloramento de onde foi tirada a amostra. Neste, a espessura é apenas de alguns centímetros e está entremeada de xisto. As análises feitas de uma camada com 2 metros de espessura deram:

Humidade . . . . .	5,96
Matérias voláteis . . . . .	25,85
Cinzas . . . . .	38,37
Carbono fixo . . . . .	29,82

Poder calorífero, 4:270 calorias, bastante inferior ao do carvão do Transval. A quantidade de cinzas é enorme. Esta amostra estava, porém, entremeada de xisto. E numa outra que o não tinha, os resultados foram:

Humidade . . . . .	8,60
Matérias voláteis . . . . .	36,70
Cinzas . . . . .	2,06
Carbono fixo . . . . .	52,64

Poder calorífero, 6:804 calorias, já bastante superior ao do carvão do Transval.

Também em 1936, junto à circunscrição do Lago, em Unango, o mesmo engenheiro encontrou blocos soltos de galena em quarço, idênticos a outros que haviam sido encontrados por um colono português em uma das linhas de água confluentes, parecendo-lhe tratar-se de jazigo de filão nos xistos, mas êste nem foi procurado nem pesquisado por falta de recursos. O administrador da circunscrição diz também ter encontrado galena a oeste do pôsto de Maniamba. A galena é de muito boa qualidade. E com ela foi encontrada grafite.

Os aluviões examinados indicam que convém continuar com as pesquisas.

No Litunde, a existência de grande número de filões aconselha também a continuar as pesquisas.

No seu relatório, o sr. engenheiro António Joaquim de Freitas conclui por dizer:

«1.º Quanto ao valor do subsolo, os trabalhos de reconhecimento geológico e pesquisas executados até hoje conduziram a muito esperançosos resultados que bem justificam a continuação e intensificação dos trabalhos.

2.º Relativamente a pesquisas, merecem o maior interesse a zona Unango-Maniamba e a zona do Litunde, ambas indicadas no mapa junto; e logo que as grandes esperanças que tenho sôbre aquelas duas regiões principiêm a converter-se em realidade, deverão reconhecer-se os jazigos de carvão do lago e do Luchímua, cuja proximidade de jazigo ou jazigos descobertos pode representar factor económico de grande valor.

3.º Quanto às possibilidades do solo, elas parecem-me importantes em presença do aspecto de algumas zonas povoadas e agricultadas, tanto nas regiões altas (para cima de 1:000 metros) como nas de altitude média (500 a 1:000 metros); em presença do excelente aspecto de animais criados nas zonas altas, parece razoável pensar-se na possibilidade do desenvolvimento pecuário.

4.º Não julgo constituir obstáculo ao desenvolvimento da região a existência de largas zonas com tsé-tsé, cuja eliminação nas faixas de trabalho me parece muito fácil.

5.º As zonas de altitude superior a 1:000 metros são eminentemente próprias para a colonização europeia, cujo estabelecimento da exploração do subsolo, sobretudo se em seu auxílio vier o conhecimento de artigos susceptíveis de exportação rendosa, provenientes de exploração agrícola, pecuária ou florestal.

.....

8.º Quanto ao traçado (do caminho de ferro), confirmo a minha nota de 21 de Fevereiro de 1935, dizendo parecer-me bem o traçado de Cuamba à margem do lago, passando por Catur e Vila Cabral, pelas seguintes razões:

a) É direcção que atravessa as regiões que hoje podemos considerar de mais prometedor futuro;

b) É direcção que corta tôdas as outras de possível desenvolvimento económico, para as quais podem, pois, com facilidade, estabelecer-se oportunamente os ramais necessários;

c) Julgo ser a direcção que permite o acesso mais suave às altitudes elevadas.»

A isto devo acrescentar que também a serra de Mandimba e a bacia do Lugenda contêm manchas fortemente mineralizadas de carácter geológico, conduzindo à existência possível de cobre e carvão.

Minérios que foram estudados pela Repartição de Minas foram encontrados na estrada Metangula-



-Cóbuè, no Malulo, a 55 quilómetros de Vila Cabral, e em Mjulo, a 24 quilómetros junto do rio Liuga, de Maniamba, e ainda calcáreo, bom para o fabrico de cal, em Tegulas, no Malulo, também a 55 quilómetros de Vila Cabral. E já no ano de 1940, ao quilómetro 325 da linha de Moçambique, foram encontradas pirites e calcepirites, que parece formarem um filão.

E, a meu ver, o futuro económico do caminho de ferro de Moçambique está sobretudo na quantidade de riqueza que se puder tirar ao subsolo na região que vem já desde Ribáuè até ao lago, pelo caminho que o sr. Chefe da Repartição de Minas ali deixou indicado. O que é preciso é completar o estudo geológico e as pesquisas, mandando para a região pessoal competente e em quantidade.

E, segundo consta, foram já tomadas providências pelo Governo da Metrópole, encarregando um geólogo inglês de estudar a geologia do norte da Colónia.

Em relação a portos, também não está fixada uma orientação.

Para tôdas as baías onde se fixou uma povoação se pretende o estabelecimento de portos comerciais. Não pode ser. A Colónia não pode estar a desperdiçar as suas economias em portos de valor secundário. Tem de os fixar nas testas das principais linhas de penetração, às quais se ligarão as linhas secundárias existentes ou a construir. Assim, o sul será servido pelo porto de Lourenço Marques; o centro, pelo porto da Beira; o norte, pelo porto de Nacala, como já foi escolhido por S. Ex<sup>a</sup> o Ministro, que para a sua construção mandou abrir concurso à data da elaboração deste relatório.

Não há dúvida que a testa do caminho de ferro de Moçambique não podia passar para a linha deste nome, resolução que alguns tanto se esforçam por obter. Seria um erro económico construir uma ponte de cerca de 4 quilómetros de extensão, talvez aí a 2:000 contos por quilómetro, para ligação do continente com a ilha, para nesta se não encontrar espaço para uma *gare* de dimensões razoáveis, e sem benefício para a navegação, que não ficaria mais abrigada do que hoje está. Não é o caso de Mombaça, como alguns afirmam, pois esta ilha é espaçosa e tem quatro ou cinco vezes a área da de Moçambique, pôde fazer-se nela um cais acostável abrigado e a cidade tem um movimento comercial que a de Moçambique nunca teve nem já agora terá.

### Porto de Nacala

É Nacala o melhor porto, e num futuro remoto deve ser a testa do caminho de ferro de Moçambique, como já está resolvido. É de esperar, porém, que enquanto não houver neste porto um tráfego de 200.000 toneladas não seja possível evitar *deficit*

na sua exploração. Quere dizer: teremos que esperar que êle triplique a tonelagem que hoje transporta. É necessário, além disso, construir 60 ou 70 quilómetros desde a linha de Moçambique actual até ao porto de Nacalao, que hoje representa um investimento de mais de 30:000 contos, a ser percorridos nestes anos mais próximos, digamos por 80:000 toneladas, na sua grande maioria de tráfego pobre, como o algodão que, apesar do seu valor paga como se fôsse pedra ou areia.

Foi no ano de 1939, como já se disse nos relatórios anteriores, concluído o trabalho de campo do estudo do porto de Nacala e do trôço de linha férrea ligando êste porto à linha férrea de Moçambique, para isso tendo sido criado o Fundo de Fomento, válido por 5 anos desde 1937, para a execução destas obras e de outras de necessidade na Colónia.

Durante o ano de 1941 ficou concluído, no Ministério das Colónias, o projecto definitivo do porto de Nacala, tendo sido aberto já concurso em Lisboa, com realização em 27 de Maio de 1942, para a execução dos seguintes trabalhos que constituem a primeira fase da empreitada:

a) Um cais acostável fundado a  $-9^m,30$ , na extensão de 445 metros, em dois troços, um de 300 metros, marginal, e outro de 145 metros;

b) Um cais acostável fundado a  $-3$  metros, na extensão de 200 metros;

c) Obras de retenção dos aterros na extensão de cerca de 2:580 metros;

d) Escavações e aterros;

e) Uma rampa de varagem;

f) Drenagem;

g) Obras acessórias.

No orçamento do ano de 1942 foi inscrita a verba de 6:000 contos para dar início a estes trabalhos.

Quanto a Porto Amélia, podendo o distrito de Cabo Delgado ser tributário da linha de Moçambique, utilizaria o porto-testa desta linha, a não ser que subsistisse a idéia de também daquele porto fazer sair uma linha de penetração para o Niassa, mas com o grande inconveniente de atravessar uma área improdutiva, porque é desabitada devido à doença do sono que ali prevalece apesar de toda a profilaxia e da manutenção da brigada de combate.

Além, portanto, dos três portos que deixo indicados, só se sente a necessidade imperiosa de construir na testa do caminho de ferro de Quelimane uma ponte-cais análoga à de Inhambane, para serviço de cabotagem e que muito concorreria para facilitar o comércio de produtos indígenas e melhoraria as finanças daquele caminho de ferro. Uma tonelada de mercadoria é hoje sobrecarregada em Quelimane com 5 xelins e 6 dinheiros, para ser



levada de terra ao navio, e *vice versa*, e quando se não trate de carga difícil de manusear, porque então vai até 7 xelins e 6 dinheiros.

Ora, no pôrto de Inhambane, a mercadoria da Colónia paga 1 xelim de direitos de cais — o milho paga 1 xelim e 4 dinheiros — e 1 xelim e 10 dinheiros de carregamento, mais 11 dinheiros de estiva. Quere dizer: no total, o encargo é de 2 xelins e 10 dinheiros por tonelada, ou seja pouco mais de metade do que actualmente paga em Quelimane, com o inconveniente de um manuseamento muito mais moroso.

Foi iniciado no ano de 1939, como já referimos no relatório anterior, o estudo preliminar da ponte-cais de Quelimane, pelo chefe da Divisão de Exploração, que tem encontrado certo desencorajamento por parte dos agentes da Companhia da Zambézia e da Societé du Madal, que hoje têm o monopólio das cargas e descargas naquele pôrto, por serem estas companhias as únicas que possuem batelões, e que fazem o preço que querem.

Não creio, porém, que os interesses particulares destas companhias possam antepor-se ao interesse geral.

O ante-projecto desta ponte-cais ficou concluído este ano, esperando-se agora a sua aprovação.

Tem-se falado muito no pôrto de Pebane como futuro pôrto-testa do caminho de ferro de Quelimane. Sobre este assunto, como em muitos outros da Colónia, tem-se falado sem conhecimento de causa.

Em primeiro lugar, o levantamento hidrográfico do pôrto de Pebane, feito pela brigada de Marinha, provou que este pôrto não tem melhores fundos que o pôrto de Quelimane, e a sua barra, de areia, variável como a deste pôrto, exigiria uma dragagem permanente que, mesmo assim, nunca permitiria mais que o acesso dos barcos de cabotagem e, portanto, sem constituir uma melhor saída para os produtos da Zambézia que o pôrto de Quelimane.

Em segundo lugar, o caminho de ferro que poderia ser dirigido a Pebane nunca poderia ser o actual caminho de ferro de Quelimane; teria que ser um que, servindo a Zambézia, vindo mesmo da baía do Chire, teria de dirigir-se ao actual extremo do caminho de ferro de Quelimane, em Mocuba, para então se dirigir directamente para Pebane.

Tem sido a Zambézia a região da Colónia mais estudada com o fim de a servir por caminho de ferro.

Cinco estudos se fizeram ordenados pelo Ministério com directrizes e objectivos diferentes, umas vezes para servir a bacia do Chire, outras para servir o Alto Chire, outras para servir a bacia do Licungo e, por fim, uma para ligar Tete e a Angónia e Marávia a Quelimane. O que foi para diante foi o que serve a bacia do Licungo,

que passou em Mocuba. Dos outros nenhum se aproveitou, apesar de se terem feito trabalhos importantes de terraplenagens e obras de arte além de Nhamacurra, na direcção do Chire.

No entanto, sem qualquer contrato de concessão devidamente definido, foi entregue à Companhia do Boror a exploração do pôrto de Macuze, próximo de Quelimane, concorrendo com este e desviando pela via fluvial, desde Nhamacurra, o tráfego que pertence à linha de Quelimane, saído da área ao sul desta linha e que lá não entra.

A situação daquele pôrto, explorado por uma empresa particular, contraria a doutrina estabelecida sobre o assunto no Acto Colonial.

Em relação a vias de comunicação, não podemos deixar passar em claro a via aérea, que promete ser de grande futuro nesta Colónia, onde os caminhos de ferro estão ainda separados uns dos outros, não permitindo a passagem entre as regiões por eles servidas por meios acelerados de transporte, pois mesmo por estrada, que se encontram regularmente ligados os distritos de Lourenço Marques e Inhambane e os de Moçambique, Quelimane e Tete, já o mesmo não sucede entre estes dois grupos, separados pelo território administrado pela Companhia de Moçambique, de onde não irradiam ligações permanentes para as regiões ao norte e sul dêle.

Como diremos adiante, o serviço de transportes regulares aéreos (juntamente com a carreira entre Lourenço Marques e Germiston, iniciada, como dissemos no relatório anterior, a 20 de Dezembro de 1938, mas suspensa no ano de 1940 devido à situação internacional) continua a mostrar-se progressivo e a gozar do favor do público, que pedia a extensão das carreiras até Mocimboa da Praia e Tete, tendo esta última sido aberta à exploração no ano anterior e a primeira no corrente ano.

Como já acentuámos nos relatórios anteriores, aproxima-se a data — após a passagem do território de Manica e Sofala para a administração directa do Estado — em que o Governo pode usar do direito de rescisão da concessão da exploração do pôrto da Beira, que, nos termos do presente no Acto Colonial, devia estar também sob a administração directa do Estado. Para isso ter-se-á de pagar ao concessionário, durante o que falta do período da concessão, uma importância anual igual à média do rendimento nos últimos três anos findos naquela data.

Não julgamos que tal seja impossível às finanças da Administração. Com efeito, a data em que a rescisão é possível é em 1945, isto é, três anos após o prazo em que devem estar executados os planos previstos no decreto que criou o Fundo de Fomento.

Ora durante 5 anos, a contar de 1938, tem a Administração de contribuir para tal fundo com 15:000 contos anualmente. Esta contribuição cessará



em 1942 e, portanto, a partir de 1943 pode a Administração dar outra aplicação a essa importância, a qual sem dificuldade poderia fazer face a um empréstimo que resgatasse o capital e respectivos encargos investidos na construção do porto da Beira, tanto mais que o rendimento dêste porto tem andado à razão de £250:000.

Seria mesmo talvez possível fazer o resgate com o pagamento inicial de uma maior contribuição, afim de, mantendo o pagamento de uma anuidade compatível com as possibilidades financeiras da Administração, poder fazer a amortização do empréstimo em mais curto prazo. A Administração não teria dificuldades de cambiais, visto que entregou ao Governo, em 8 anos, quasi £8.000:000, das quais não chegou a utilizar £3.000:000.

A situação económica da Colónia e da Administração que resulta do estado de guerra é que poderá criar dificuldades a êste objectivo, mas a cuidadosa política seguida pelo Governo é de esperar que consiga anular essas dificuldades e consiga que saíamos mais fortes desta contenda em que as grandes nações se estão enfraquecendo.

### Estudos

1. Continuou-se até Agosto do corrente ano com o estudo do caminho de ferro de Tete. Nada foi resolvido acêrca da extensão do caminho de ferro de Marracuene para a Manhiça.

### Trabalhos efectuados — Caminho de Ferro de Tete

2. No caminho de ferro de Tete foram realizados os seguintes trabalhos:

#### *I) De campo:*

6.º e 7.º troços do caminho de ferro de Tete, 110 quilómetros (do quilómetro 197,460 ao quilómetro 307,460):

- Limpeza da picada da poligonal;
- Abertura de picadas para o traçado;
- Implantação de alinhamentos;
- Piquetagem;
- Medição e contra-medição;
- Nivelamento e contra-nivelamento;

Adaptação dos 30 quilómetros da picada da poligonal a passagem para carros e construção de passagens sobre os rios.

8.º trôço do caminho de ferro de Tete, 70 quilómetros (do quilómetro 317,460 ao quilómetro 387,460):

- Limpeza da picada da poligonal;
- Confronto entre a planta taquiométrica e o terreno.

### Ramal da Angónia

Limpeza de 20 quilómetros da picada da poligonal.

3.º, 4.º e 5.º troços do caminho de ferro de Tete, 110 quilómetros (do quilómetro 100 ao quilómetro 210):

Abertura e limpeza da picada para passagem de viaturas automóveis.

#### *3.º trôço:*

Implantação de alinhamentos do quilómetro 100 ao quilómetro 127;

Sondagens do quilómetro 100 ao quilómetro 103;

Referências de nivelamento do quilómetro 100 ao quilómetro 115.

#### *II) De gabinete:*

Ramal da Angónia, 70 quilómetros:

Cálculo de cadernetas taquiométricas;

Desenho da planta taquiométrica;

Desenho do perfil taquiométrico;

Cópia dos 70 quilómetros da faixa taquiométrica e dos primeiros 24 quilómetros do perfil taquiométrico.

Cálculo das coordenadas rectangulares e das polares do vértice Mangani em relação ao vértice Dómuè, tomado como origem.

Cálculo do triângulo Dómuè, Mangani, marco 14 do levantamento do ramal da Angónia e das coordenadas dêste vértice para o cálculo das coordenadas aos vértices de toda a poligonal do levantamento e possível implantação dêsses vértices, numa planta na escala de 1/50:000 e noutra na escala de 1/250:000, decalcado sobre as cartas da Colónia n.ºs 13 e 14.

Trabalho idêntico se fez para a implantação na carta da Colónia do traçado do caminho de ferro de Tete até ao vértice AD 15, ao quilómetro 29, ponto em que se encontrava feito o restabelecimento do traçado definitivo.

### Considerações sobre o trabalho feito

A quantidade de trabalhos de gabinete não foi muito grande, mas pode ser considerado razoável o seu rendimento para tempo normal.

Dos trabalhos de campo já se não pode dizer o mesmo, pois o esforço despendido foi notável.

A organização e orientação dada aos trabalhos foi de molde a poder tirar-se deles um rendimento bom.

Não é sem disciplina, sem esforço, sem organização e boa vontade que se pode implantar um traçado num terreno 70 por cento montanhoso, introduzindo-se-lhe melhorias bem sensíveis, sem



ser à custa de um maior movimento de terras, numa extensão de 110 quilómetros (6.º e 7.º troços), num curto espaço de tempo, sendo o rendimento, por dia útil, de 1:860 metros.

O rendimento obtido com o pessoal desta brigada é superior ao que vem indicado em todos os tratados de caminhos de ferro.

### Pessoal indígena da Brigada de Estudos de Tete

O pessoal indígena que trabalhou nesta brigada foi constituído por indígenas voluntários da circunscrição da Macanga e postos da Benga e Zóbuè (concelho de Tete). O seu comportamento foi bom e verificou-se a sua boa vontade em trabalhar em brigadas de caminhos de ferro, onde, aliás, são bem tratados, nada lhes faltando, desde uma boa alimentação e bons acampamentos até uma cuidada assistência médica.

### Despesas da Brigada de Estudos de Tete

A despesa com esta brigada foi de 815.528\$63, não incluindo o partícipe dos serviços centrais e da administração geral, sendo as despesas com pessoal de 687.421\$58 e com material de 128.107\$05, em comparação com 759.537\$74 e 135.675\$69, respectivamente, em 1940, e 671.410\$55 e 114.458\$09, respectivamente, em 1939.

### Despesa total com estudos

A despesa efectuada com estudos, neste ano, foi de 1:287 contos, 1:022 contos com pessoal e 265 contos com material.

A despesa só das brigadas, excluídas as despesas dos serviços centrais, foi de 830 contos em pessoal e 128 contos em material, em comparação com 1:094 e 207 contos, respectivamente, no ano anterior, e 2:250 e 235 contos, respectivamente, em 1939.

### Novas oficinas e gare de triagem em Lourenço Marques

A acumulação de tráfego e de material circulante na rede de Lourenço Marques impunha o estudo do projecto de novas oficinas para a reparação daquele material na rede de Lourenço Marques, bem como da criação de uma gare de triagem que não existe de facto neste pôrto, embora pareça muito extraordinário depois de tantos anos de exploração.

Foi elaborado o ante-projecto destas instalações

e submetido à consideração das instâncias superiores.

O orçamento destes trabalhos monta a 73:500 contos.

### Doca seca para serviço de longo curso

Continua pendente de aprovação superior o projecto e orçamento de uma doca seca para navios de 10:000 toneladas, com as maiores dimensões em comprimento, calado e largura dos navios conhecidos de qualquer espécie.

Esta obra importará em 70:000 contos.

### Linha de Moçambique

Continuou a construção da linha de Moçambique, com a brigada anterior, por administração directa, tendo sido aberto à exploração provisória o trôço do quilómetro 442 ao quilómetro 456 (Mutáli), e entregou-se à exploração definitiva o trôço do quilómetro 410 ao quilómetro 442, em 11 de Novembro.

### Cais acostável de Lourenço Marques

O prolongamento em mais 300 metros do cais acostável de Lourenço Marques, já autorizado, não foi levado a efeito por virtude de a situação internacional o não permitir, devido à falta de materiais, embora sendo de toda a conveniência a sua conclusão, especialmente logo que a guerra seja terminada, pois a afluência de navios, anteriormente a esta, já o exigia.

### Povoações comerciais

Tem-se esforçado a Administração por estabelecer povoações comerciais ao longo das linhas férreas.

De facto, a criação de povoações ao longo das linhas, com o natural desenvolvimento do seu comércio, traria vantagens ao caminho de ferro pelo incremento que as culturas indígenas viriam a tomar nas regiões, porque os indígenas, com os seus produtos, acorreriam facilmente às casas comerciais que ali se estabelecessem, no interesse de os venderem ou permutarem por mercadorias, havendo assim a possibilidade de o caminho de ferro ter maior tráfego.

Esta idéia tem sido bem recebida pelas autoridades administrativas.

Foi pedida a criação das seguintes povoações: junto à estação de Ribáuè, na linha de Moçambique; junto à estação de Malema, na linha de Moçambique; junto à estação de Iapala, na linha de Moçambique; junto à estação de Mutarara, na linha de Tete.



# De Lisboa a Berlim

## em

# combóio eléctrico?

Por JOÃO DA C. REYNALDO

VÁRIOS homens de ciência têm profetizado, por cálculos pré-estabelecidos, que o carvão e a gasolina têm os dias contados, isto é, o seu esgotamento está previsto. Como poderão no mundo de amanhã — se aquêles vaticínios fôrem acertados, centenas de locomotivas atravessar o nosso Continente, como serpentes, em todas as direcções? Poder-se-ia dizer que estavamos apresentando um problema de economia; todavia, assim não é, porquanto êste já está a ser estudado. Como? Por novos combustíveis? Nada disso; simplesmente pela electricidade. Ora vejamos:

O problema das Hidro-Eléctricas, tem no mundo da economia de carvão, a expressão máxima das realidades actuais. Em Portugal, como em todas as nações europeias, verifica-se as vantagens, aliás pouco desenvolvidas, de tal sistema. No nosso país, até 1941, apenas estavam aproveitados 279.830 kw. de rendimento em energia, distribuídos por várias centrais hidro-eléctricas.

Por causa das suas insuficientes reservas de carvão, a Espanha dedicou a sua atenção, com a ajuda de capitais estrangeiros, às fôrças hidráulicas dos Pirinéus e conjugou a sua utilização para fins de hidráulica agrícola com a produção da energia eléctrica. Até ao rebentar da Guerra Civil, a Espanha contava somente com uma produção de corrente, por ano, de 2,4 biliões de kw. Os Pirinéus

representam também para a França uma das fontes de fôrça motriz, ao lado dos Alpes e do Maciço Central.

A rêde que liga o distrito de Paris, o Oeste e o Noroeste da França com o Maciço Central não tem contudo, para o abastecimento de electricidade da França, a importância que podia atingir pelo aproveitamento das fôrças hidro-eléctricas dos Alpes e dos Pirinéus. A França planeou já, em 1938, uma poderosa central hidro-eléctrica em Gênissiat, sobre o Ródano, e uma igualmente importante em Aigle, na Dordogne (Maciço Central), que acarretariam conjuntamente uma economia de meio milhão de toneladas de carvão. A expansão da importação de carvão e a sua necessidade para a indústria do alumínio, para re completamento das falhas de abastecimento da indústria dos metais de liga e o aumento de produção de azoto, com o objectivo de mais abundantes fornecimentos de adubos artificiais, à agricultura francesa, levantou de novo a atenção, na França, para a continuação do aproveitamento das fôrças hidro-eléctricas. De uma produção anual de cerca de 19 biliões de kw. cabem 55 % à energia hidro-eléctrica.

Os Alpes, na sua parte norte, põem à disposição da Alemanha, as suas fôrças; na vertente sul dão-nas à Itália, enquanto que a Suíça jaz completamente no meio dêles. Os reservatórios das fôr-



ças motrizes da Alemanha ficam, por isso, no Sul e na Marca do Leste, onde deve ser alcançada uma produção de 4 bilhões de kw. na Central de Tauern, que se encontra em construção, dos quais está fixado um bilhão de kw. para o antigo território daquela nação.

A Itália aproveitou até 1938 cerca de 30 % das poderosas forças hidráulicas que estão à sua disposição na fronteira dos Alpes e que produzem 70 % de toda a produção actual de electricidade e assim conta com uma produção de mais de 15 bilhões de kw. A capacidade de força motriz alcançava no começo do ano de 1940, 5,2 milhões de kw. A parte das centrais térmicas mal alcançava 1/6. Até 1944 deviam ser aproveitados outros 20 %.

A capacidade de produção dos estabelecimentos hidro-eléctricos suíços subiu de 0,6 milhões de kw. para 2 milhões kw. respectivamente do ano de 1915 para 1939. O aproveitamento agora de novo planeado deve alargar-se até ao ano de 1953 e até lá esperam obter mais 2,2 milhões de kw. Neste plano representa o maior papel a construção da barragem do Vale do Reno e o projecto da barragem do Reuss. Este projecto é um dos maiores da Europa e deve possuir uma capacidade de 948.000 kw. com uma produção de cerca de 3,2 bilhões de kw.

Ao lado da Suíça está uma das regiões cujo desenvolvimento apresenta mais próspero futuro para a força energética da Europa do Sudeste e que compreende um território de 900.000 km<sup>2</sup> com 60 milhões de habitantes, e no ano de 1939 produziu cerca de 4,5 bilhões de kw. isto é, cerca de 75 kw. por habitante, para uma média de consumo

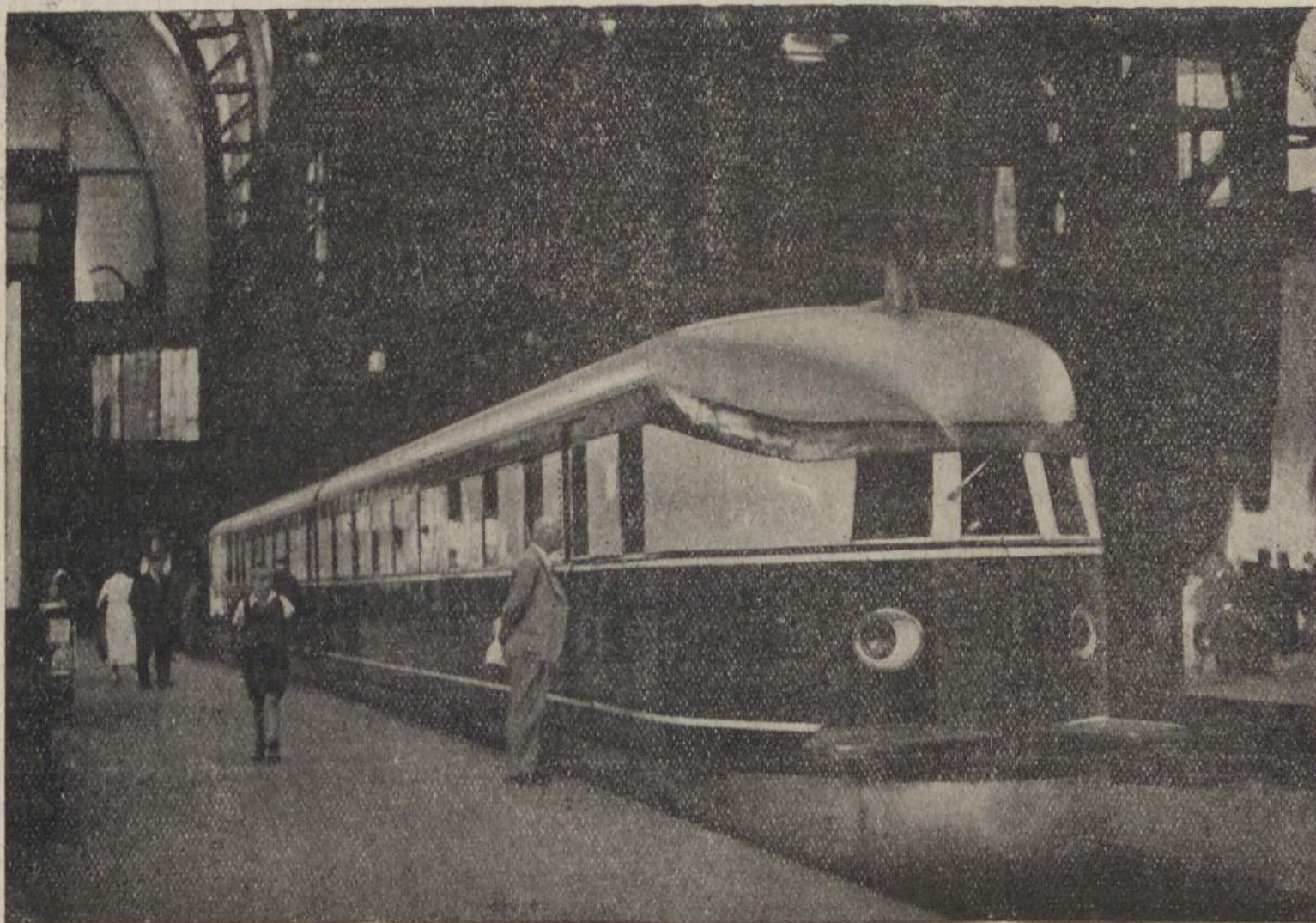
européu de 400 kw. por cabeça (Hungria, 130 kw. Roménia 60 kw. Bulgária 44 kw.). Na Europa Central, Ocidental e do Norte produz-se desde 10 a 20 vezes mais energia eléctrica.

A Europa do Norte constitui ao lado da Suíça e do Sudeste Europeu, a terceira grande reserva de forças. Trata-se sobretudo da Noruega, Suécia e Finlândia, enquanto que a Dinamarca retrocede na produção de electricidade. O grau de aproveitamento mantem-se ali entre 16 a 23 %. O atraso da produção de energia funda-se não sómente na falta de capitais, mas também na falta de material, como, por exemplo, na Suécia, onde é notável a falta de cobre.

O país com um futuro mais rico em produção eléctrica é a Noruega, cuja capacidade de produção hidro-eléctrica é avaliada em 12,1 milhões de kw. dos quais apenas estão utilizados 1,9 milhões de kw. ou seja 16 %. Apesar do aproveitamento de todas as reservas hidro-eléctricas ainda existentes na Europa, não se pode contestar o facto de que o aumento de consumo de energia dos próximos 20 a 30 anos não pode ser unicamente coberto por aquelas fontes.

Trata-se hoje de colocar também a força do vento ao serviço da produção de energia. A Dinamarca seguiu já esta orientação em grande escala e foi o primeiro país europeu que tomou esta iniciativa, pois não dispunha nem de grandes forças hidro-eléctricas, nem de existências de carvão.

O que ninguém poderá afirmar hoje, é que no mundo de amanhã, para efeitos de economia carbonífera, se não possa ir de Lisboa a Berlim de comboio movido a força electro-motriz.



O «Fliegender» na estação antes da partida



## Uma conferência do dr. Américo Marinho sobre

# «O descalabro da Festa de Toiros em Portugal»

**N**A séde do Grupo Tauromáquico «Sector 1» realizou o dr. Américo Marinho uma conferência a que deu o título sugestivo de «O descalabro da Festa de Toiros em Portugal».

Presidiu à sessão o sr. Carlos d'Ornellas, que sentou à sua direita os srs. dr. Aristides Fragoso e o jornalista Fernando Batista e à esquerda o novilheiro mexicano Gregório Garcia e o dr. Saraiva Lima.

O Presidente da Direcção do «Sector 1» Carlos d'Ornellas disse:

*Minhas Senhoras e Meus Senhores:*

*Com a circular de 12 do corrente enviada aos nossos prezados consócios, informámos que, durante o período de férias em que vamos entrar, seriam suspensos os trabalhos de propaganda da festa brava.*

*O nosso ciclo de actividades encerra-se esta noite com «O descalabro da Festa de Toiros», emocionante conferência do distinto professor sr. dr. Américo Marinho, que, mais uma vez, nos vai encantar com afirmações desempoeiradas e com os ditos de espírito irrequieto, que tanto caracterizam o nosso ilustre conferente de hoje.*

*Tarefa difícil é fazer a apresentação do conferente, nos termos em que me seria grato ao meu espírito e ao meu coração de amigo. Mas a sua modéstia levou-o até a não me fornecer umas simples notas biográficas, para que eu pudesse ir além das frases e dos adjectivos banais, à força de repetidos, e que, a-pesar-da sua sinceridade, não dão o realce necessário para apresentar uma pessoa da categoria do sr. dr. Américo Marinho.*

*Enfraquecido eu com o não fornecimento dessas notas biográficas, resolvi, na minha qualidade de jornalista, entrevistar o contínuo do Instituto Industrial de*

*Lisboa. Poderia, é certo, ter procurado o seu Director, mas quis, antes, falar a um homem que indiferente ao calor que faz vestia um casacão de grosso calibre e que conhece mais ou menos a vida dos professores e dos alunos.*

*— Boa noite!*

*— Boa noite! — respondeu-me delicadamente o homem.*

*— O senhor conhece o sr. dr. Américo Marinho?*

*— Ora essa! então não havia de conhecê-lo?*

*— Pode dizer-me alguma coisa sobre as suas boas ou más qualidades?*

*— Olhe, só lhe sei dizer que é uma das boas coisas que há por cá. Se deseja saber mais, procure os alunos que estes é que podem dizer o que êle é como professor.*

*— Então não quiere dizer-me mais nada?*

*— O senhor parece que está mas é a brincar comigo.*

*— Não estou, juro-lhe.*

*E tive que dar uma explicação ao porteiro para que não julgasse mal da minha atitude.*

*Fui, então, à procura dum aluno.*

*— Boa noite! O senhor conhece o sr. dr. Américo Marinho?*

*— Sim, senhor. É um dos meus professores. Deseja que o vá chamar?*

*— Não, senhor. Deus me livre disso. O que desejo saber é que tal é êle como professor e amigo dos alunos.*

*— Trata-se dum pedidosinho para os exames?*

*— Não, senhor, nada disso. Não vê o senhor que um grupo de amigos pretende oferecer-lhe um almoço e como um dêles se propõe aplicar-lhe um discurso eu gostaria por isso de saber se êle é ou não boa pessoa. Escusado será explicar-lhe que já*



*nós estávamos fartos de saber que êle é boa pessoa, mas queríamos novos pormenores, novos depoimentos, maior número de provas.*

*Resposta do estudante:*

*— Eu e os meus companheiros podemos garantir a V. Ex.<sup>a</sup> que o sr. dr. Américo Marinho é um bom professor. Possui uma maneira especial de ensinar que cativa todos os alunos. Sabe ensinar, dispondo bem o aluno e colocando-o perfeitamente à vontade. Se vamos a exame e apanhamos um «chumbo», a culpa é nossa, porque às vezes o nosso querido professor constrói uma ponte de passagem que nos obriga a dar o «ai» de salvação.*

*— Muito obrigado pelas suas informações. Boa noite.*

*— Boa noite.*

*Tinha jurado vingar-me do dr. Américo Marinho por não me ter fornecido as ambicionadas notas biográficas.*

*Dirigi-me, finalmente, a um escritório da baixa e procurei um Carlos de nome e leal na amizade:—o Carlos Bazílio de Oliveira, que teceu tantos elogios do nosso conferente de hoje que não pude de deixar de exclamar: Oh, meu amigo, as suas palavras são suspeitas porque com essa cabazada de elogios não pode ocultar a sua grande amizade por êle.*

*— Sou efectivamente muito amigo dêle. Mas quem não é amigo do dr. Américo Marinho?*

*— Tem razão.*

*Estava realizada a última entrevista. Esfreguei as mãos. A vingança é uma arma terrível e deliciosa...*

*Minhas Senhoras e Meus Senhores:*

*O distinto conferencista de hoje é uma pessoa estimável, um trabalhador incansável e exemplar, que todos nós consideramos e admiramos. O Grupo Tauromáquico «Sector 1» tem nêle um dos seus mais prestantes amigos. Culto e desassombrado, vamos ter o prazer de ouvi-lo na sua esgrima ágil contra tudo e contra todas as coisas que, no seu entender, são prejudiciais à Festa Brava.*

Em seguida o sr. dr. Américo Marinho falou à assistência nestes termos:

*Minhas Senhoras e Meus Senhores*

Deveres da minha vida profissional forçaram-me a abandonar as trincheiras da primeira linha na luta em prol da depuração da festa brava.

Mas, afastado, embora, do ardor da peleja, nem por isso eu tenho deixado de seguir as evoluções das várias fases da batalha que se trava, já não no redondel da praça de toiros, entre a fera e o homem, mas na arena da vida, onde a ânsia exclusiva do ganho, na luta de interesses, faz olvidar o respeito que muitos a si próprios devem e que devem aos outros, muito em especial à afición. E tudo isto se tem passado ante a criminosa indiferença de muitos — e por isso a Festa de Toiros chegou ao nível degradante em que se encontra, tão abastardada, mudado todo o simbolismo do espectáculo, anulada tôda a emoção da luta, esquecida tôda a beleza da Festa!

Foi, então, que o «Sector 1», último baluarte na defesa da Festa Brava, fêz soar o clarim num desejo de cerrar fileiras para que, de novo, se metam ombros à empresa de expurgar a corrida de Toiros dos escalrachos que a minam. E, como nesta luta, para se baterem, se não procuram apenas marechais, mas também soldados — por isso eu me encontro aqui, soldado raso da legião dos aficionados, neste posto de honra, como o são todos os postos de combate.

Perdõe-se-me êste entroito de sabor tão bélico; isto é, talvez, influência da leitura dos comunicados dos quartéis gerais das fôrças que se batem, numa senha atroz de extermínio mútuo, em lutas mais ferozes, menos humanas e menos belas que a luta que se trava na arena entre o diestro e o toiro. Que aqui, a fera é só uma e o homem enaltece e enobrece, na luta, as suas qualidades de valor e de inteligência; e ali, o rei da criação, degrada-se ao último ponto na escala da feracidade, da animalidade.

Não venho falar-vos da beleza da festa brava; tema bastas vezes tratado, julgo que não vale a pena, por agora, abordá-lo. Essa beleza é, para os aficionados, uma verdade axiomática e, como os que me escutam, são aficionados, não há, a meu ver, que demonstrar-lhes o que, por sua natureza está, para êles, provado.

Quero, apenas, estigmatizar todos aqueles por virtude de quem o descalabro da Festa de Toiros se nota e se acentua e tudo aquilo que, para êsse descalabro, tem concorrido. E, porque sempre me habituei a utilizar as palavras para só dizer o que sinto, sou por vezes rude no ataque, contundente no expressar da minha forma de sentir. Que me perdôem, mas é tarde, agora, para emendar a mão; burro velho não toma andadura...

*Meus Senhores e Minhas Senhoras:*

Quanto em vida de J. J. S. Segurado, a Festa de Toiros começou a abandalhar-se, chegando as exhibições do grotesco à lide de rês em automóvel; quando então, as corridas de toiros se transmudavam de espectáculo varonil, em ignominosa e



poltraneira palhaçada, um punhado de aficionados resolveu pugnar pela defesa da Festa, procurando fazer com que ela fôsse realizada em tôda a sua verdade — batendo-se, enfim, pelas corridas com Toiros de Morte. E surgiu o «Sector 1».

Organismo de combate, o «Sector 1» encetou uma campanha de demolição, procurando aniquilar o que havia de mau na corrida; e, concomitantemente, tentou lançar as bases precisas para se conseguir o ambiente necessário à realização das corridas de verdade. Mas, se a acção demolidora encontrou terreno propício para a sua proliferação e frutificou, os esforços feitos com intuito construtivo, quiçá por uma má estimativa de reacção que a campanha originaria, não foram suficientemente coordenados nem capazmente forte para obterem êxito completo.

À acção inicial, que lançara a desorientação no campo adversário e colocara o «Sector 1» a dois passos da vitória, seguiu-se uma reacção forte que agitou o pendão dum peseudo-humanitarismo; e, lançada num meio repleto de meninos que usavam o casaco a subir-lhes pela espinha, para que bem se notassem as linhas feminis da cintura de vespa e o andar dengoso de borboleta tresnoitada, tudo acompanhado por um agitar sambesco das ancas, de uns meninos a quem os pasteis de bacalhau e o cheiro a vinho causavam náuseas por que atafuhlavam o estômago com pastelinhos de nata regados a copinhos de leite, e a quem repugnavam os espectáculos másculos, essa reacção ganhou corpo, progrediu — triunfou.

Sejamos fortes. Tenhamos sempre a fôrça moral de suportar as conseqüências dos erros cometidos, porque êste proceder nobre dignifica quem o assume.

Em face da attitude dos seus adversários o «Sector 1», que demolira sem construir, não soubera coordenar os seus esforços e pôr numa acção construtora o mesmo entusiasmo que posera na acção demolidora; e deixou-se adormecer sobre os primeiros louros que conquistara. E, dêste estado de coisas, resultou a desorientação na Festa de Toiros. Mas, não se atribua ao «Sector 1», como se tem pretendido fazê-lo, tôda a responsabilidade dessa desorientação porque êle, afinal, e bem vistas as coisas, é quem menor quinhão tem nas culpas.

De facto, o «Sector 1», ao levar a efeito a sua campanha, não cuidou senão dos interesses da Festa Brava, alheando-se completamente dos artistas tauromáquicos e, muito principalmente, dos das Emprêsas. Lutou contra organizações falhas de seriedade tauromáquica, procurando conseguir a realização de corridas com toiros de morte. Ora, se estas corridas se conseguissem resultaria daí uma selecção natural dos que, por envergarem o traje de luces, se julgam toireiros e, alguns dêstes, muitos, talvez, teriam de abandonar o modo de

vida, trocando-o por outro para o qual tivessem mais adaptação e propensão ou, por carência de faculdades e de conhecimentos técnicos, teriam de deixar de actuar nas corridas com toiros de morte nas quais os cornúpetos, de cornos destapados, infundem mais respeito; porque o corno sem gabardines perfura e mata.

Conseqüentemente, em vez de um auxílio e de uma coadjuvação à campanha do «Sector 1», esboçou-se, de começo e desenvolveu-se, depois, no meio dos artistas tauromáquicos uma animadversão contra a Colectividade e uma reacção contra os objectivos do «Sector 1», animadversão que, para honra do Grupo, ainda hoje existe. E foi isto, mais do que a falta de coordenação de esforços criadores do «Sector 1», que originou tôda a confusão e levou a corrida de touros a encetar os primeiros passos na senda do seu descalabro.

Não se julgue, por ter eu afirmado que, a conseguirem-se toiros de morte, uma parte dos toireiros portugueses teria de mudar de vida, que não creio nas qualidades dos artistas nacionais. Muito pelo contrário: eu não pertenço ao número dos que afirmam «urbi et orbi», que se não pode ser toireiro sendo português. Eu acredito na possibilidade de, também entre nós, haver toireiros de verdade, toireiros com T grande; não lhes faltam, para isso, nem valor, nem aficcion. Mas, com a lide de toiros corridos e com a ausência da possibilidade de um treino consciencioso e aturado nos intervalos da temporada, só difficilmente se conseguirá, entre os artistas nacionais, quem possa, com pundonôr, envergar o traje de luces para uma corrida formal.

Êsse rapaz cheio de boa vontade e de valor que é Augusto Gomes, que justamente aspira ascender na escala tauromáquica, teve, para treinar-se, de ir a Espanha e pagar do seu bolso 3 novilhos que estoqueou, em treino.

Como podem aqui surgir artistas perfeitos se lhes falta o treino, êsse contacto que, quási permanentemente, deve existir entre toireiro e toiro?

Disse Alamares, num interessante opúsculo, que o lidador que se presa e que espera, na sua profissão, arriscada como poucas, escalar a pontos mais elevados, se entrega breves dias à família, à paz do lar, para depois seguir para o campo a praticar o que já sabe, a não esquecer o que fez ante as feras ou a aprender coisas novas para as dar a conhecer na temporada próxima. Mas, como podem os artistas nacionais realizar êste desiderato, se os ganaderos portugueses, na sua generalidade, raro lhes facultam possibilidade de treino, raro os admitem às suas tentas? Mas, em contraposição, a qualquer misérriimo maleta que surja com rótulo do País vizinho, só porque fale a língua de Cervantes, e cheire um pouco a D. Quixote, não se negam todas as possibilidades de treino...



E é isto, Minhas Senhoras e Meus Senhores, que me torna céptico quanto às possibilidades de ver surgir artistas nacionais, que não a descrença no seu valor e nas suas qualidades.

Para por côbro à confusão criada pelo estado de coisas que aponte, faltou a acção orientadora da Imprensa. Ela, melhor do que ninguém, poderia fazer desanuviar o negrume do ambiente, colocar no seu lugar as coisas que andavam fora d'ele, criando uma atmosfera propícia ao triunfo da causa do «Sector 1», ensinando, demonstrando, orientando, como ela o sabe muito bem fazer — quando quer e lhe apetece... Mas, se alguns críticos tauromáquicos abertamente e desassombadamente secundaram e impulsionaram os esforços do Grupo, procurando, com o seu saber, com os seus vastos conhecimentos, fazer surgir uma opinião pública forte e um ambiente propício à nossa causa, outros, pela sua indiferença, pelo seu silêncio que me não coíbo de apodar de lesa Festa Brava ou, quiçá, pelas dificuldades encontradas nos jornais onde exerciam a sua actividade, para neles tratarem com o desenvolvimento preciso a momentosa questão dos Toiros de Morte, deixaram que se adensasse o bando dos que, sobretudo na sombra, iam desenvolvendo uma campanha derrotista, iam esboroando o trabalho do «Sector 1»; e, assim, mais se aumentou a desorientação da Festa Brava, mais se acentuou o descalabro da Festa de Toiros.

Mas compreende-se e justifica-se a indiferença da chamada grande Imprensa ante a questão dos Toiros de Morte. Com um assunto desta natureza não poderiam os grandes jornais perder tempo, que todo era pouco para ser dedicado a magnas questões de vital interesse para a nacionalidade.

Dedicar espaço e tempo à questão de toiros de morte, quando as finanças públicas perigariam se não se tratasse com esmero e especial cuidado o inadiável assunto do Concurso de bonecos mais ou menos nacionais?!... Perder tempo e espaço com um assunto de lana caprina, como êsse da Festa Brava, que interessava e interessa milhares de portugueses, quando poderiam ruir obras de incontestável valor para o fomento nacional se não se levasse a bom termo um concurso de versinhos mais ou menos populares?!... E tantos, tantos outros assuntos como êstes que aponto, igualmente de inquestionável valor colectivo e de inexcedível valor nacional!

Se se fizeram tantas «semanas» a propósito e a despropósito de tudo e de nada, porque se não fez uma semana da Festa Brava?

Se se gritou tanto para se salvarem variadíssimas coisas, desde as meninas às frutas, porque não se gritou mais um pouco para que se salvasse também a Festa de Toiros, espectáculo retintamente nacional e exuberantemente viril e galhardo?

Eu sei que me podem objectar que Portugal é um País de toiradas e não um País de corridas de toiros e que, por isso, se a Imprensa, hoje, fizesse uma campanha em pròl da morte dos toiros, seria forçada, amanhã, quando, por acidente, um penco morresse na praça, a reclamar a suspensão dos toiros de morte. Mas eu não posso crêr em tal objecção porque, crêr nela, seria descrer do valor da Imprensa como criadora de uma corrente forte de opinião. E, desde que esta corrente se criasse, os protestos não surgiriam.

Acidentes dão-se nas ruas, com os atropelamentos, e ninguém pede a suspensão do trânsito de automóveis. Acidentes dão-se nos circos, quando um artista escaqueira as costelas por virtude de uma queda — e ninguém clama para que espectáculos de circo sejam abolidos.

E, assim, por falta de um apoio sólido, ordenado e orientador dos jornais, se perdeu o êxito que fôra inialmente alcançado pelo «Sector 1» e que à imprensa fácil seria transformar em triunfo completo.

A coroar tudo isto, vem a pécha dos toiros corridos, bichos «sabidos» e «ressabidos», que, por vezes, conhecem mais do toureio que o próprio artista, tantas e tantas vezes o animalejo frequentou as arenas das praças de toiros. E haverá possibilidade de se fazer uma lide em termos com animais nestas condições?

Mas, contra isto, não protestam os da «Protectora». Aos componentes dessas associações de candura, só causa arrepios a morte do toiro na arena, como epílogo de uma luta leal e nobre; mas não apoquentam que os animais sejam uma e muitas vezes bandarilhados e que vão curar nas lezirias, roídos pela fébre e atormentados pelas moscas, as chagas que o ferro lhes causou!

Como Montherlant tinha razão ao afirmar que a bondade é como certos medicamentos; os verdadeiros curam; os falsos podem matar...

E surgem, finalmente, as Emprêsas, com organizações de carteles falhos de interesse, apresentando toiros que mais parecem cabras, tão terciados são, ou fazendo no fundo do alguidar que é a arena do Campo Pequeno, êsse cortejo carnavalesco a que se chamou corrida goyesca e que tão bem apodado foi, pelos aficionados, da corrida grotesca.

A corrida de toiros tem o seu fundamento na emoção; desde que esta emoção desapareça, o espectáculo perde em brilho, em beleza, em simbolismo o que ganha em charlotada, em poltrance, em insipidez. E a emoção desaparece quando o toireiro deixa de defrontar um toiro — para combater um gato. Ora para êstes lá estão os cães...

Há que apresentar toiros de pêso — evidentemente que me não refiro ao toiro mastodontico, mas ao toiro de pêso normal: 280 a 300 quilos, e



não mimosear a «aficion» com a escória das ganaderias, reclamando-a como o supra sumo da bravura e o escol de uma casta.

E, porque se tem usado e abusado em ludibriar o público por semelhante forma, êste acabou por descer, sorri à adjectivação com que as Emprêsas *ofendem* os toiros chamando-lhes o que elles não são nem nunca foram, e foge.

E sorri, ainda, quando vê surgir num cartaz de inauguração de época um novilheiro dos que ocupam os últimos lugares na escala hierárquica da tauromaquia, mimoseado com uma série de adjectivos que honrariam um dos diestros de maior nomeada.

Mas não sorri, e encara a sério a função, quando vê aparecer um cartaz em que figuram, na mesma tarde, Simão, Ortega, Pepe Luiz e António Bienvenida.

Então, bem a sério, ocorre à bilheteira, enche a praça até ao topo numa demonstração insofismável de que não desapareceu a «aficion», numa afirmação clara e evidente do que essa «aficion» quer — e é agora a Emprêsa quem ri; e ri, não pelo prazer de sentir satisfeitos os aficionados, mas pela alegria de contemplar cheias as «burras». E êsse público já não sorri, mas grita de entusiasmo quando um Gregório Garcia lhe dá uma tarde, se não de arte, pelo menos de emoção, dessa emoção que é base de todo o espectáculo de toiros. E o seu grito de entusiasmo é aqui secundado por outro grito, também de entusiasmo, da Emprêsa. Mas, nestes dois gritos, ambos estridentes, ambos fortes, nota-se bem a posição de quem os dá: o aficionado grita, de entusiasmo pelo amor à Festa Brava; a Emprêsa grita com entusiasmo por saber que poderá, poucos dias depois, realizar um novo espectáculo, à base do mesmo Garcia, ao qual pagará *dez reis de mel coado*, exigindo, porém, do público, preços que pediam Santa Marta, como os aficionados pedem toiros de de morte...

Eu sei que está espalhado o critério de que o cartel da corrida inaugural de uma época, porque, sendo a primeira, tem um público especial que vai ver o espectáculo apenas uma vez por ano — em domingo de Páscoa —, não carece de cuidado especial. Qualquer Cabré serve para a função. A única condição a atender é que êsse cartel seja barato para que, logo de comêço, o lucro seja compensador. E eu, salvo o devido respeito que me merecem as opiniões alheias, julgo ser um êrro esta forma de encarar a questão, pelo menos sob o ponto de vista aficionado.

Precisamente por haver pessoas que sómente vão à primeira corrida é que me parece ser necessário organizar para esta um cartel convenientemente cuidado para levar os que só em domingo de Páscoa vão aos toiros, a sentirem, por virtude da beleza de espectáculo que se lhes proporcionou,

o desejo de lá voltar. E, para corroborar esta minha maneira de ver, quero contar-lhes o que comigo de deu, dias antes da realização da segunda corrida desta época:

Julgo que êste facto justifica bem a minha forma de ver, que poderá não ser o das Emprêsas, mas que é de aficionado. É que eu e elas encaramos a questão por prismas diferentes: eu, vejo-a como aficionado; elas encaram-na como comerciantes; eu, porque pago, para ver a corrida; elas, porque pagam para a organizar e não esquecem que o lucro é a diferença entre a receita cobrada e a despesa efectuada...

Tem-se procurado justificar a má qualidade dos toiros apresentados nas praças do País, nomeadamente na praça da Capital, com a falta de curros em condições, visto os melhores, segundo se alega, seguirem para Espana. Isto para ser desfiado, daria pano para mangas, perdoe-se-me o plebeismo. Quero apenas frizar que, para obstar a êste inconveniente, mais ou menos fundamentado, procurou o «Sector 1» levar até junto das instâncias superiores, uma exposição na qual se advogaria a proibição da saída de toiros para o País vizinho, desde que faltassem para as organizações das corridas entre nós; e, nesta ordem de ideias, solicitou a comparencia, numa reunião magna, de todas as entidades interessadas no assunto. Como não podia deixar de ser, todos primaram pela elegância da sua ausência.

Cabe aqui uma referência muito especial e um justo louvor ao digno representante da Federação das Sociedades de Recreio, que nunca deixou de comparecer a todas as reuniões marcadas.

E digam-me V. Ex.<sup>as</sup>, Meus Senhores e Minhas Senhoras, se com tão perfeita coesão, com tão requintada coordenação de esforços, com tão sublime unidade de vistas admira o descalabro a que chegou a Festa de Toiros!

Meus Senhores e Minhas Senhoras:

Vai longa esta parlenda e muito, muito ainda havia para dizer acerca do tema que escolhi para motivo da minha palestra. Mas, para enfadar, basta o que aí fica; e permita-se-me que aponte agora o que julgo poderia, talvez, fazer entrar nos eixos o que tão fôra deles anda.

Devo desde já declarar que sou um partidário acérrimo da corrida formal, da corrida com toiros de morte. E sou-o porque, vendo na lide de um toiro uma expressão de sentido e não uma brutalidade de instinto, acho que é a corrida com toiros de morte a expressão única dêsse sentido.

Pugno pela corrida de toiros de morte não porque desconheça os perigos a que o «diestro» se expõe, mas porque quero vê-lo brilhar, quero vê-lo vencer êsses perigos. Vou para uma corrida de



toiros, não para ver morrer — mas para vêr como se não morre!

Defendo a corrida formal pelo simbolismo do espectáculo e «pela beleza multiforme de que se revestem, nela, a bravura e a coragem».

Bato-me pela Festa Brava porque, como alguém o disse, essa corrida é uma sucessão de atitudes de requintada beleza plástica onde a expressão do movimento põe cintilações de chispa e o corpo do toireiro, adornando-se e cingindo-se, atinge halos de côr e perfeições de estátua.

Desejo as corridas com toiros de morte porque, como o afirmou Fialho, correr toiros sem morte é como vencer uma batalha sem as honras do triunfo: o vencedor facilmente se confunde com os vencidos e esta nobre cena do desfôrço que os molengões dos legistas vão abatendo no homem, a pretexto de civilizá-lo, esta necessidade instantânea de vencer que em nós existe, e de que a corrida de toiros é a figuração peninsular mais altaneira, nada a intensifica melhor do que a rez tombando.

Mas, se sou um partidário acérrimo das corridas com toiros de morte, não posso, nem devo, por êsse facto, deixar-me embalar por utopias e acreditar, por indesculpável cegueira, na possibilidade de termos, entre nós, num futuro próximo, o espectáculo pelo qual nos temos batido, pelo qual o «Sector 1» tem pugnado. Se não se conseguiu a realização de uma corrida com toiros de morte em benefício das vítimas do ciclone — e bem fortes foram as influências que, para tal, se moveram — eu não creio na possibilidade de se conseguir a realização de tais corridas, pelo menos numa época próxima. Mas no que creio, e isso fervorosamente, é na possibilidade de se poderem visar as corridas de toiros que se realizem entre nós, em moldes mais consentaneos com o pundonor, com a verdade e até com a decência e a vergonha. Para isso carece-se, quanto a mim, de levar as instâncias oficiais que no assunto interveem, a elaborar um regulamento pelo qual se norteie a realização dos espectáculos de toiros. Pois se os outros espectáculos se regem por regulamentos próprios, êste não há de reger-se porquê?...

E, por que assim o pensou uma das direcções do G. T. «Sector 1» a que, à falta de outro, tive a honra de presidir, nêsse sentido ela deu os primeiros passos. E permita-se-me que, nêste momento, primeira vez que falo em público depois de abandonar a Direcção desta Colectividade, eu preste, dêste lugar, as minhas mais sinceras homenagens a Carlos d'Ornellas, meu braço direito nas direcções de que ambos fizemos parte, e a cuja actividade, e a cujo dinamismo o Grupo muito e muito deve. Era êle, afinal quem mais trabalhava e era eu, porque Presidente, quem se engalanava com as penas de pavão. Carlos d'Ornellas é bem digno desta singela homenagem que lhe presto e muito

merecedor do carinho e amizade de todos os sócios do Grupo pelo muito que, pela Colectividade tem feito, com prejuizo da sua saúde, do seu bem estar, do seu sossêgo e até dos seus interesses.

E permita-se-me ainda que enderece, também, um sincero agradecimento a todos aqueles que foram meus colaboradores nas Direcções a que tive a honra de presidir, agradecimento de que são merecedores pela lealdade e dedicação com que sempre a sua colaboração me foi prestada.

Perdoe-se-me êste parentesis; mas não ficaria bem com a minha consciência se não prestasse, publicamente, esta justa homenagem a quem, com tanta dedicação e com tanta amizade me ajudou a suportar as agruras de uma missão bem difícil e bem ingrata.

Dizia eu, Minhas Senhoras e Meus Senhores, que se torna necessário organizar um regulamento no qual se fixem as normas que devem reger a realização das corridas de toiros; e, para elaborar um tal regulamento, deveria ser constituída uma comissão da qual fizessem parte ganaderos, abalisados críticos e aficionados de reconhecido valor. E procurar-se-ia, então, conseguir que desse regulamento constasse a permissão do tércio de varas, absolutamente indispensável na lide.

Êste, salvo melhor opinião, o caminho a seguir para vêr se se consegue carrilar a Festa de Toiros e aquêle a que o «Sector 1» deve meter ombros, procurando, ao mesmo tempo, levar a Imprensa a secundar os seus esforços numa campanha forte e decidida. E, ninguém melhor que Carlos d'Ornellas, jornalista distinto, poderá conseguir um tal auxílio da Imprensa pelas ligações e influências de que dispõe no meio jornalístico do meu País.

Meus Senhores e Minhas Senhoras.

Vai longo êste arengar, monótono e sem brilho e V. Ex.<sup>as</sup> estão anciosas porque termine — e vou fazer-vos a vontade. Mas, se me espraiei, foi por que julgo ser urgente salvar a Festa Brava do descalabro que a mina como lepra; e, parece-me que, para o fazer, nada melhor do que apontar os erros passados, para que nêles se não reincida, e procurar encetar caminho novo e seguro.

A Festa Brava, escola de pundonor e de galhardia, não pode morrer porque, se morresse, partir-se-ia mais uma fibra da alma popular, na feliz expressão de Oliveira Martins.

A corrida de Toiros, que tem as suas raízes num passado remotíssimo e que sempre teve lugar de honra nas mais nobres festas de todos os Grandes da nossa História, quando ser Grande era ser Homem e se não descobrira, ainda, o sexo neutro, não deve desaparecer ante a campanha ou o esforço de um punhado de molengões, cujos actos de bravura se limitam à ingestão de uns pastelinhos



no campo de batalha de alguma leitaria, ou ante a ganância dos que, para tratarem do enchimento das «burras» não pensam — nem isso lhes importa — que a Festa Brava se abastarde e se transmude em festa mansa, e que a aficion se dessore à fôrça de lhe serem ministradas autênticas patacoadas charlatânicas em vez de verdadeiras corridas.

A Festa de Toiros tem que viver, ou antes, que reviver — porque ela actualmente não vive, vegeta numa morbidez enervante ou arrasta-se numa farçada sordida; — e tem que viver porque nenhum outro espectáculo se lhe iguala em virilidade, em manifestações de destreza, em emoção, em animação e em côr.

Mas é necessário, como diz Mota Cabral, tourear-se como se deve, sem hipocrisias a mantelarem preversidades repetidas e pôr termo ao toureio a fingir que, além de não satisfazer o público dá, como figuração do génio batalhador do povo, uma idéa de covardia que êle não merece.

É incomparável o ambiente em que uma corrida de toiros decorre! E, da multidão que a contempla, agitada por ondas de paixão e na qual se destacam, como estrêlas cintilando por entre o rasgar de nuvens em céu caliginoso, as toilettes garridas de lindas mulheres que trouxeram para esta festa de arte e de emoção, de entre os seus sorrisos alegres e lindos, o mais lindo e alegre de todos, dessa multidão brotam uma satisfação pura e uma alegria sã.

Permita-se-me ainda, para terminar, que me dirija a todos vós e vos implore, como aficionado, que secundeis, dentro das vossas possibilidades, uma campanha que se encete em prol da depuração da Festa Brava, da organização de um Regulamento para o espectáculo de toiros e da introdução do tércio de varas na corrida.

O tércio de varas é absolutamente necessário para que a lide seja o que deve ser. É o único onde bem se pode ver o toiro — e ao verdadeiro aficionado é o toiro que, em primeiro lugar, interessa.

O tércio de varas, inspirador de tantas manifestações de arte, entre as quais me apraz citar a dêsse Mestre que é Delfim Maya, é, como o afirmou algures Fernando Batista, aquêle que faz aficionados pelo coração e só pode ser considerado um tércio bárbaro pelos que coisa alguma entendem

da lide de uma rês brava. E não é para êsses, evidentemente, que as corridas de toiros se realizam. Porque, para as almas cândidas que sentem aquilo a que chamam o sacrifício do toiro como se elas próprias estivessem sob o castigo da puya, para essas criou-se outro espectáculo muito mais humano e menos bárbaro, que é o tiro aos pombos, festa cheia de valor e de graça e na qual o atirador arrisca, cheio de emocionante bravura, alguns escudos para mimosear uns pobres pombos que, ao baterem as asas na ância da liberdade não cortavam com a coragem do atirador que, com uma chumbada certa, lhes corta para sempre a vida ou, o que é pior, os atira, a estrubuchar nas vascas da morte, para os dentes afilados de algum cão.

Meus Senhores e Minhas Senhoras:

Se do tércio de varas o toiro sai sangrando e o sangue, escoando pelo corpo do cornúpeto, mancha de rubro; aqui e ali, a areia do redondel, essas manchas sanguíneas não embrutecem o espírito do aficionado, não lhe criam instintos canibalescos nem lhe depravam o sentir porque, ao olhá-las, êle tem presente na memória aquela quadra popular que já tive o prazer de citar numa palestra anterior e que de novo aqui repito:

*Quando o toiro nobre, exangue,  
Morre, dobrando os joelhos,  
Na arena há manchas de sangue  
Que lembram cravos vermelhos».*

Uma prolongada salva de palmas coroou a conferência do ilustre professor.

O presidente referiu-se depois a várias passagens da conferência, salientando o interesse na defesa do tércio de varas e dos toiros puros para que a festa possa viver e ser alimentada com a nossa fé e progredindo com a vontade de todos os aficionados.

\* \* \*

Por proposta do presidente foi depois prestada homenagem aos sócios e amigos que partiram para Valência, sendo-lhes oferecido um «Pôrto d'honra», durante o qual usaram da palavra vários oradores.





## Os caminhos de ferro da Rodésia no ano económico findo

O Trust dos caminhos de ferro da Rodésia, que controla todos os caminhos de ferro das Rodésias e ainda o da Beira Railway, que vai do nosso pôrto da Beira à fronteira daquela Colónia, acaba de distribuir um dividendo aos seus accionistas contra 16 % no ano anterior.

A redução do dividendo não significa menor rendimento dos caminhos de ferro controlados, mas é consequência de uma forte tributação do Governo da Rodésia e do Governo Imperial.

A Companhia dos caminhos de ferro (Rodésia Railways) teve uma receita bruta anual de 6.002.993 libras, superior em 272.315 libras à receita do ano anterior, sinal de uma maior actividade comercial e as despesas de exploração somaram 3.446.333 libras, com um coeficiente, portanto, de 57,4 %. No ano anterior a despesa com a exploração elevou-se a 3.204.781, com um coeficiente de exploração de 55,9 %. O aumento da receita foi superior ao aumento de despesa em 30.763 libras.

O lucro da exploração foi de 2.556.660 libras, contra 2.525.897 no ano anterior. Podia por isso logicamente dar maior dividendo. Mas a contribuição chamada «income tax» e a contribuição sobre excesso de lucros levou-lhe 1.309.879 libras para o Reino Unido e 234.896 para o Governo local. Total 1.544.775 libras, contos 1.031.368 no ano anterior. Pagou a Companhia, a mais, de contribuição 513.407 libras, importância que lhe permitiria dar um dividendo incomparavelmente maior do que a do ano anterior.

O juro às obrigações absorveu 892.434 libras; a amortização do capital absorveu 208.268 libras. Um fundo especial de estabilização de tarifas levou 273.680 libras.

O fundo de depreciação e de renovação de material 176.327 libras, além de 540.511 gastas durante o ano.

Para dividendo ao capital só foi possível destinar 125.000 libras.

\* \* \*

As receitas do ano corrente devem ser superiores às do ano que findou. Durante os primeiros 5 meses arrecadaram os cofres da Companhia de receitas da exploração 3.929.793 libras, elevando-se as despesas a 2.176.594. A manter-se durante os 7 últimos meses a mesma relação entre receitas e despesas, o coeficiente de exploração ainda será inferior ao do ano de 1940/41.

E os accionistas podem alimentar a esperança de receberem um dividendo maior.

## «OS CARLOS»

comemoram a passagem  
do XIV ano de fundação

O conhecido Grupo «Os Carlos» vai comemorar no dia 4 de Novembro mais um aniversário.

Do programa, que brevemente será anunciado, faz parte uma missa por alma de todos os Carlos falecidos, um bode na importância de cinco mil escudos e o tradicional banquete de confraternização, cuja inscrição, limitada a 120 sócios, está aberta na sede do Grupo.

Começaram a ser recebidos enxovais para serem distribuídos a crianças que nasçam nesse dia e a quem os pais queiram que lhes seja dado o nome de Carlos.

## Engenheiro Manito Tôrres

Por motivo de saúde, o nosso ilustre amigo e colaborador, sr. Engenheiro Carlos Manito Tôrres, não só se viu obrigado a resignar as suas funções de Governador Civil Substituto de Setúbal, como também as de Director da Escola Industrial e Comercial de João Vaz, da mesma cidade.

Fazemos sinceros votos pelo restabelecimento da sua saúde.

## Publicações recebidas

### Memória de la Mutualidade de la F. I. A. T. C.

Foi-nos enviada de Barcelona a «Memória», relativa ao exercício de 1942, da «Mutualidade de la F. I. A. T. C.», de que é presidente D. Magin Roca Sangrà.

A «Mutualidade» possui já alguns imóveis importantes, como o edifício da Avenida José António Primo de Rivera, onde se instalaram a sede e os serviços clínicos. Agradecemos o envio de um exemplar do referido relatório.

### Palestra — pelo Dr. Américo Marinho

Na sessão de 30 de Julho do corrente ano do «Círculo Gomes de Sá», o sr. dr. Américo Marinho proferiu uma Palestra interessantíssima sobre toureiros e touradas. O tema, de flagrante actualidade, abordou esta pergunta: Gregório Garcia é ou não toureiro?

Bem andou o «Círculo Gomes de Sá» em ter mandado imprimir em folheto as palavras autorizadas do dr. Américo Marinho, velho aficionado, a quem a causa da Festa Brava deve muitos serviços.



# Há 50 anos

(Da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 16 de Outubro de 1893)

## Caminho de ferro de Valle do Vouga

Procede-se actualmente ao estudo do caminho de ferro do Valle do Vouga, entre Espinho e o Caima.

Esta linha, cuja concessão foi pedida em janeiro de 1889, pelo sr. Frederico Palha, só agora pode ser estudada em consequencia da grave crise por que o paiz tem passado, e a não ser a iniciativa de alguns homens intelligentes que professam a opinião de que o paiz não pôde estar parado, porque parar é morrer, a provincia da Beira teria ainda de esperar muito tempo a realisação de um melhoramento tão desejado, como é o caminho de ferro do Valle de Vouga. Felizmente ha agora toda a probabilidade de que a empresa vá por diante, pois que o estudo já feito tem mostrado não serem illusorias as condições excepcionaes d'esta linha, tanto sob o ponto de vista technico como sob o da riqueza e importancia da região por elle atravessada.

Os estudos começaram em Espinho e em Oliveira de Azemeis, ao mesmo tempo.

De Espinho o traçado eleva-se sem difficuldade até Paços de Brandão e S. João de Ver; passa entre Villa da Feira e S. Fins; approxima-se da Arrifana, e attinge S. João da Madeira, ponto mais alto de toda a linha.

Em seguida desce para Coito de Cocujães, onde deverá atravessar a ribeira d'Ul; e procurará passar o mais perto possivel de Oliveira de Azemeis, elevando-se na encosta esquerda da ribeira d'Ul tanto quanto o permittir a passagem da ribeira de Oliveira, ou rio Antuan, que é a linha d'agua mais importante da parte do traçado em estudo. Esta passagem far-se-ha no sitio denominado Porto de Cano. Ahi começa a linha a subir para attingir a cumiada divisoria do Antuan e do Caima, perto de Fradellos. N'esta subida encontra Macenhata, Travanca, Bemposta e Branca.

Na cumiada ficará uma estação que serve bem Carvalhal, Fradellos e Albergaria Nova.

A descida para o Caima não offerece difficuldade, passando-se por Valle Maior e Açores.

A distância total até o Caima será de proximamente 48 kilometros.

As condições d'este traçado são excellentes. O limite máximo das inclinações é de 20 millimetros; o limite minimo de raios de curva é de 80 metros, raras vezes empregado. Não ha obras d'arte importantes, pois que a ponte sobre o rio Antuan não terá mais de 12<sup>m</sup> de vão. Não ha grandes trincheiras, nem grandes aterros, nem tunneis, nem viaductos, em virtude da grande flexibilidade da linha que lhe permite amoldar-se ás ondulações do terreno.

Pelo que respeita aos recursos do paiz servido por esta via ferrea pôde-se dizer que todas as estações, sem excepção alguma, ficam perto dos centros de população ou de industria.

Começando por Paços de Brandão (pois de Espinho é desnecessario fallar) mencionarei a população de mais de 5:000 habitantes das freguezias proximas e a industria, muito desenvolvida, do papel pardo. A estação de S. João de Ver servirá as Caldas de S. Jorge, muito procuradas pelos povos da Beira, e a industria da cortiça que n'esta localidade existe em grande escala. Ha tambem em S. Jorge um mer-

cado muito concorrido. A estação de Villa da Feira serve igualmente S. Fins.

A população do concelho é de mais de 40:000 habitantes.

Em S. João da Madeira serve-se tambem Arrifana, Escapões e outras povoações, isto é, um centro importantissimo de população, onde se fabrica a maior parte dos chapeos vendidos nas chapelarias do Porto.

O Coito de Cocujães tem 800 fogos e perto de 4:000 habitantes.

Oliveira de Azemeis é muito conhecida para que seja necessário encarecer a sua importancia. Póde-se considerar um pedaço do Minho, tal é a abundancia de agua que se encontra por toda a parte. Não ha duvida que o concelho de Oliveira de Azemeis tem um grande futuro na creação de gado; e a tradição auxilia esta industria, pois de longa data se fabrica ali optima manteiga que se vende a 460 réis o quilogramma.

Entre Macenhata e travanca fica uma estação que servirá bem estas duas povoações, bem como a grande fabrica de lanificios do Caima.

A estação de Bemposta é ao mesmo tempo estação para o Pinheiro, Loureiro, Palmaz, etc. A estação de Branca serve tambem Albergaria Nova, Corbal e outras povoações.

A estação do Carvalhal, situada, como já disse, entre Fradellos, Carvalhal e Albergaria Nova irá dar novo incremento à grande fabrica de pasta de madeira para papel, ultimamente estabelecida junto ao Caima no sitio do Carvalhal. É já hoje importantissima a producção d'esta fabrica, como prova o grande numero de carros que transportam diariamente madeira de pinho para a fabrica do Carvalhal, procedentes de pinhaes de Villa da Feira e Arrifana. Finalmente em Valle Maior há a fabrica de papel muito conhecida.

Á vista da industria actualmente existente no valle do Caima e seus afluentes, onde há cerca de 140 moinhos, não é certamente utopia esperar que n'um futuro proximo este valle será um centro industrial de primeira ordem.

Toda a região atravessada desde Espinho até Valle Maior (excepto alguns pinhaes que não deixam ver a paizagem) é de grande belleza, e disfructa-se bem do caminho de ferro porque este vae quasi sempre muito alto.

Na margem do Vouga onde não ha ainda estudos, além dos que o governo mandou elaborar, entre Vizeu e Estarreja, a paizagem continua admiravel; o Valle de Lafões tem uma reputação legendaria. Os excellentes banhos thermaes de S. Pedro do Sul, situados n'um paiz muito pittoresco e perto de um caminho de ferro, não podem deixar de ser, no futuro, o Aix-les-Bains portuguez; isto é, um manancial de rendimento para a sociedade que os explorar e para o caminho de ferro que transportar para lá os passageiros.

X. C.

## Linhas portuguezas

**Viação Urbana de Lisboa.** — Não é verdadeira a noticia, dada por alguns collegas diarios, de que já começaram os trabalhos de assentamento da linha do Rocio a S. Sebastião da Pedreira.

Esta obra espera-se que principie n'um breve praso, mas, por enquanto, ainda não foi encetada.

**Estação Central da Covilhã.** — Abre no dia 1 de novembro uma estação central, na Covilhã, na rua do Marquez d'Avila no mesmo edificio cujo 1.º andar é occupado pela estação telegrapho-postal. Não podia ser melhor localizada.

ESTE NÚMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA



# A Guerra

## e os Caminhos de Ferro

LXXXIII

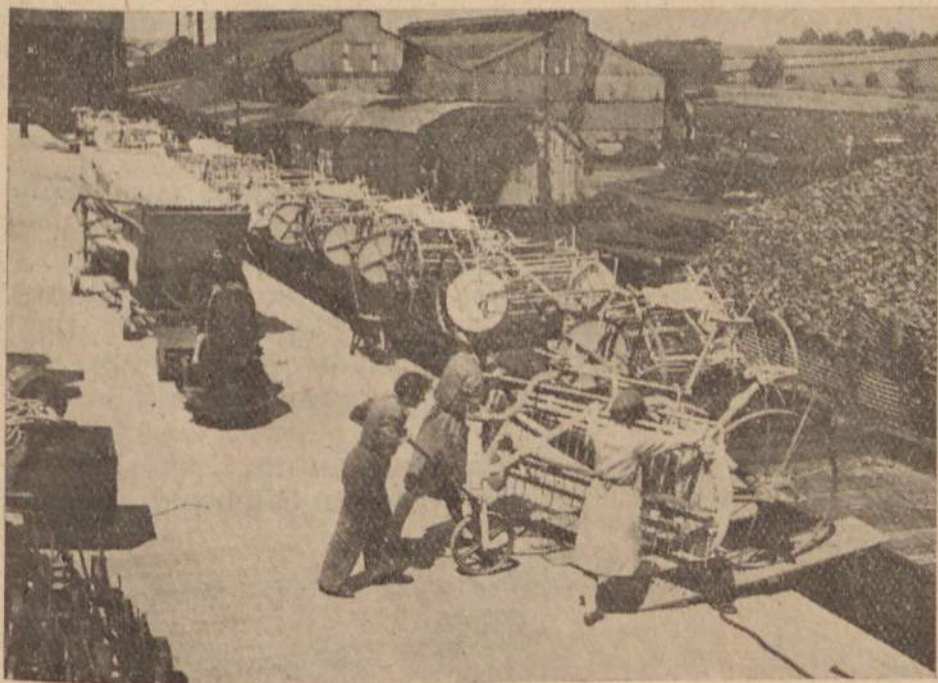
«Rádio Roma» informa que as comunicações ferroviárias de Roma foram, em parte, restabelecidas. Três combóios partiram para Florença. Outros combóios seguiram para Ancona e Pescara. Vindo de Bolonha e Florença, chegou àquela capital um combóio, com algumas carruagens provenientes de Turim e que tinham sido ligadas em Florença.

A circulação de autobus e «eléctricos» foi parcialmente restabelecida.

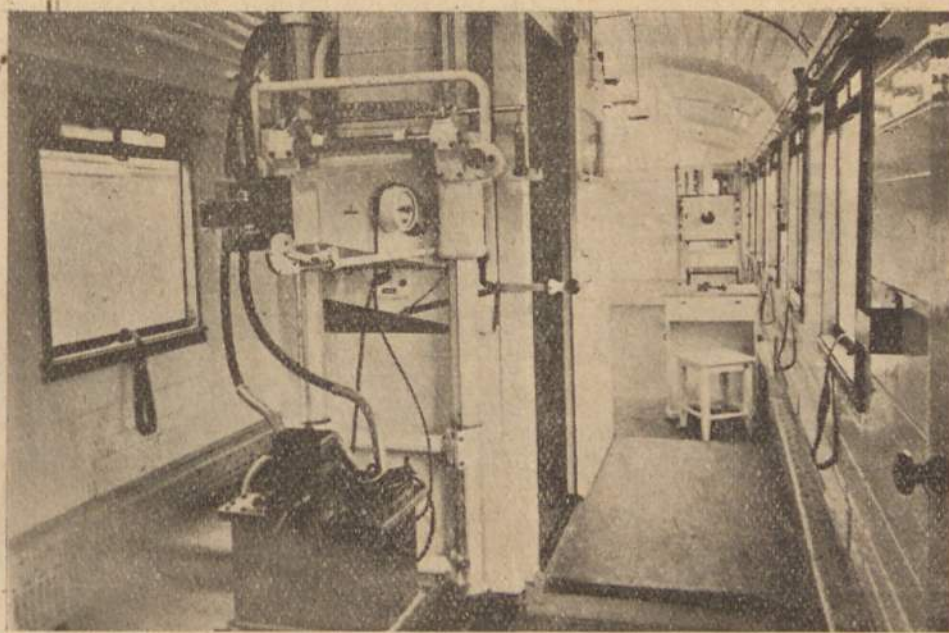
— «E. T.», em telegrama de Argel, diz que a Rádio local dirigiu um apêlo aos engenheiros e operários ferroviários franceses para em vinte e quatro horas causarem os maiores estragos possíveis às comunicações ferroviárias para o Sul da França e Itália, principalmente nas linhas que fazem a ligação de Turim e Génova, assim como para pôrem fora de acção as geradoras eléctricas, que fornecem as linhas férreas.

— Outro telegrama da mesma origem diz que milhares de operários ferroviários italianos recusaram-se a trabalhar às ordens dos alemães e anunciam-se actos de sabotagem contra as linhas de comunicação alemãs, por toda a Itália.

— Diz a «U. P.» que um telegrama de Reggio di Calabria anuncia que uma coluna de ingleses



No coração da Inglaterra, as mulheres empregadas nos caminhos de ferro, em substituição dos homens, carregam um combóio com alfaias agrícolas



ALEMANHA — Um serviço de Ráio X ambulante

e canadianos avança, rapidamente, sobre o aeródromo e entroncamento ferroviário de Foggia, do qual se encontra já a uma distância relativamente pequena. É ainda a mesma Agência que em telegrama de Argel anuncia que fortalezas voadoras americanas bombardearam, com a maior violência, o importante entroncamento ferroviário de Potenza, produzindo violentos incêndios.

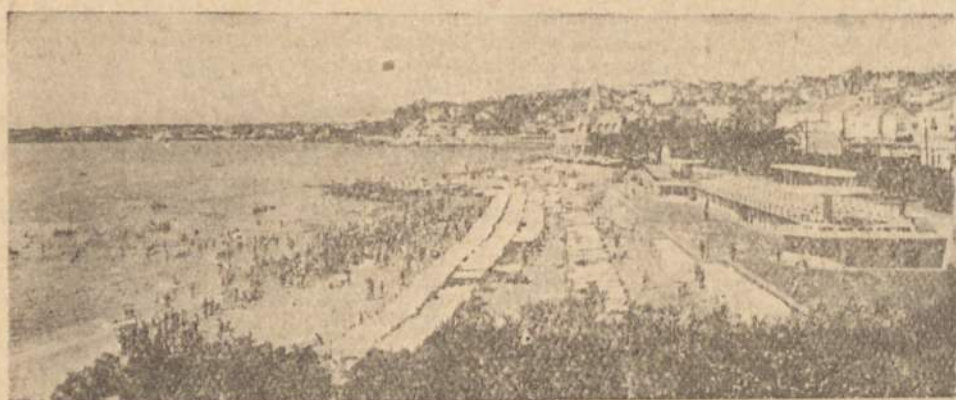
— O comunicado da aviação do Próximo Oriente, transmitido do Cairo, diz que aviões Liberators, do 9.º Corpo de Aviação americano, bombardearam a estação de desvios de Pescara, na costa italiana do Adriático.

Numerosas bombas caíram no objectivo e hangares de máquinas, no centro dos desvios ferroviários, que sofreram enormes estragos. Produziram-se incêndios e explosões e algumas bombas explodiram perto da ponte de caminho de ferro sobre o rio Pescara.

— «E. T.», em telegrama de Zurich diz: — Segundo informações recebidas pelo «Jornal de Genève», guerrilheiros franceses dinamitaram vias férreas para impedir o envio de tropas alemãs para a Itália. O expresso de Toulouse descarrilou entre Annecy e La Roche-sur-Foron, devido à explosão de uma bomba. A importante via férrea, que passa sob o túnel de Saint-Denis, foi cortada em vários pontos. A explosão de uma bomba a distância de uma centena de metros apenas da fronteira italiana entre Bellecarde e Annecy, causou grandes prejuízos à via férrea.

— «E. T.», em telegrama de Zurich, diz que em Turim, Milão e Génova, os ferroviários pegaram em armas e atacaram os alemães, enquanto nas regiões dominadas pelos alemães os patriotas dinamitaram linhas férreas, pontes, depósitos de munições e abastecimentos. Em Milão, os italianos resistem aos «Tanks», com fogo de metralhadoras e em Trento dizem que os italianos lutam ferozmente, ao longo da linha férrea que segue para a passagem do Brenner.





# Estoril

## Costa do Sol

a 23 quilómetros de Lisboa

*A mais elegante praia do País*

### TODOS OS DESPORTOS

Golf, Tennis, Hipismo, Natação, Tiro, etc.

#### ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL

Elegante e confortável

#### HOTEL DO PARQUE

Completamente modernizado

#### HOTEL DE ITÁLIA (Monte Estoril)

Preços moderados

#### ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

#### TAMARIZ

Magníficas esplanadas sobre o mar — Restaurante — Bar

#### PISCINA

#### SALA DE ARMAS

#### “ ESCOLA DE EQUITACÃO

#### STAND DE TIRO

#### PARQUE INFANTIL

## Casino aberto todo o ano

CINEMA — CONCERTOS — FESTAS — DANCING — RESTAURANTE — BARS — ROLETA — BANCA FRANCESA — BACCARAT

PARA INFORMAÇÕES DETALHADAS  
DIRIGIR-SE À SOC. PROPAGANDA DA  
COSTA DO SOL — ESTORIL

# REPOSITÓRIO

de assuntos referentes  
a **TEATRO** e a **CINEMA**

Por MIGUEL COELHO

### RECLAMOS

São do Mestre Carlos Santos as seguintes palavras:

«Quem se der ao paciente trabalho de percorrer os anúncios de página e os reclamos das nossas casas de espectáculo, pasmará, com certo desgosto, do bodo escandaloso de adjectivos de que alguns artistas fazem, por conta própria, preceder os seus nomes gloriosos.

Nunca, como no momento actual, essa adjectivação andou numa farândola mais desenfreada, sendo já agora difícil topar qualificativo que ainda não tenha sido explorado para badalar, em som gritante, das preciosas qualidades que concorrem em cada qual.

Certo, alguns bem merecem, por seus méritos incontáveis, os adjectivos que abrem alas à passagem dos seus nomes gloriosos, mas, hemos de convir que nada há de mais imoral e grotesco do que este novo processo de anunciar talento, do alto das colunas dos jornais, em grandes parangonas, à turba que passa; como quem lhe mete pelos olhos dentro uma nova marca de sabonetes ou remédio infalível para a extração dos calos.

Como se isto não fôsse bastante para incorrer em censura, temos que a adjectivação já galga do nome dos artistas para as decorações dos interiores, para as cenografias, para os adereços, para as mobílias, e até para as modistas, quer estas sejam da Rue Royale ou da Travessa dos Remolares.

Estas adjectivações gritantes sobre o mérito dos artistas e sobre todas as partes componentes do espectáculo, não alcançam, como ingenuamente supõem os seus cultivadores, o objectivo de atrair o público, porque este, já habituado a não ver confirmadas as qualidades que lhe apregoam, sorri desdenhosamente e passa indiferente. Má tática de empresários ou exploradores de espectáculos, que fazem preceder de reclamo exagerado a mercadoria que pretendem servir ao público, o qual, instalado num lugar de teatro, se criou o direito de exigir do artista e do ambiente que o circunda, a confirmação das virtudes reclamadas em letra gorda.

Em parte alguma do mundo, onde há pudor e a consciência da dignidade profissional, pelo que tenho observado directamente e pelo que ao assunto se referem jornais, programas e revistas da especialidade, se aponta esta exuberância ridícula de adjectivação que, rebaixando o valor real do artista, aproxima o teatro da miséria degradante da baraca de feira.

Não precisam, felizmente, alguns dos nossos artistas desta fanfarralouvaminheira que os relega, por este processo de reclamo, para a grande família dos cabotinos, sendo certo, também, que os que formam a segunda fila dos elencos já se julgam com iguais direitos e assim começam de exigir nos cartazes letras de palmo e a escala dos adjectivos que vai do notável ao assombroso!

Certo ninguém pretende que, de vez, seja suprimido o reclamo a alguns intérpretes e ao espectáculo de que, em parte, eles são os animadores, mas, que esse reclamo não vá além do que é decentemente permitido, não ludibriando o público que tem o direito de que o respeitem e de que não o afrontem torpemente com adjectivos campanudos, que só ele tem o poder de conferir, como supremo juiz do mérito dos artistas».

Eis o que Carlos Santos escreveu no livro «Poeira do Palco». E que tal? São ou não verdades como punhos?

### CARTAZ DA SEMANA

#### CINEMAS

EDEN — 15,30 e 21,30 — «Sangue, Suor e Lágrimas».  
OLÍMPIA — 14 às 24 — «O homem que fabricava monstros»  
COLISEU — 15,30 e 21,15 — «O Novo Campeão».

PARQUE MAYER — Divertimentos, atracções, et. .

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição de animais.



## O que todos devem saber

**Foi abolido o regime de pagamento de portagem nas pontes de D. Luiz I, da Régua, de Abrantes e de Santarém**

O Ministério das Obras Públicas publicou um decreto abolindo o regime de pagamento de portagem nas pontes do Pôrto (D. Luiz) e da Régua, sobre o rio Douro, e nas pontes de Abrantes e Santarém, sobre o rio Tejo. As despesas da sua conservação ficam a cargo da Junta Autónoma de Estradas, pelas suas dotações ordinárias. À mesma Junta é concedida uma dotação extraordinária de 1.000 contos, destinada a ocorrer aos encargos da reparação urgente de que necessitam as pontes de Abrantes e de Santarém.

A taxa de portagem, no que se refere às três últimas pontes, era actualmente cobrada para o Estado pela rescisão de contratos feita com as empresas concessionárias, por se ter verificado que essas empresas não podiam satisfazer os encargos que a exploração das mesmas pontes lhes impunham. Com o decreto acima aludido procurou o Governo facilitar a comodidade do trânsito com uma circulação livre e sem sujeições de qualquer natureza.

## Viagens e Transportes

**TRANSPORTES DE MERCADORIAS POR CAMINHOS DE FERRO**

Solicitam-nos a publicação do seguinte:

«A Direcção Geral de Caminhos de Ferro previne os interessados em obter autorizações de transporte para se limitarem a expôr as suas pretensões por escrito em termos claros, precisos e concisos, evitando tratar dos seus assuntos pelo telefone ou pessoalmente junto da Repartição competente, por dêste procedimento resultar perdas de tempo ocupado com casos particulares com prejuizo de todos em geral.

«Recomenda-se também aos interessados que leiam cuidadosamente os avisos ao público afixados nas estações de caminho de ferro onde encontrarão muitas vezes indicação sobre a maneira de resolver os seus problemas de transportes, evitando assim troca de correspondência para esclarecimento de dúvidas postas por não haverem sido previamente estudadas as determinações sobre a matéria.

«Por último, aconselham-se os poucos que, ainda por meio de habilidades e subterfúgios tentam iludir a vigilância para preterir os que ordeiramente aguardam a sua vez de ser servidos, que se abstenham de usar processos ilegítimos e passem confiadamente a colaborar com os serviços que procuram com equidade satisfazer todos na medida do possível, cumprindo as indicações que acima se dispõem.

«De futuro não deve estranhar-se que não sejam atendidas as solicitações daquêles que teimarem em não acatar o que a bem de todos se determina».

## Caminhos de Ferro Coloniais

### ANGOLA

Vai servir, como contratado, na Missão de estudos e construção do Caminho de Ferro de Mossamedes, o sr. António Alberto Teixeira dos Santos.

## Manual do Viajante em Portugal

Pedidos à Gazeta dos Caminhos de Ferro  
ou ao seu autor Carlos d'Ornellas,  
Rua da Horta Sêca, 7 — LISBOA

# GLYCOL

## O IDEAL DA PELE



PRODUCTOS V. A. P.

O GLYCOL amacia a pele.

O GLYCOL dá aos lábios a maior frescura.

O GLYCOL é o ideal fixador do pó de arroz.

O GLYCOL evita o cieiço.

O GLYCOL dá a todas as peles o raro encanto da mocidade.

G  
L  
Y  
C  
O  
L

O GLYCOL cura o «cres-tado» do Sol e o «quei-mado» da Praia.

O GLYCOL cura todas as impurezas e estragos da pele, tais como: erupções, borbulhas, espinhas, impigens, rugas, manchas, escoriações leves, mordeduras de insectos, etc., etc.

À venda nas melhores casas da especialidade e principais farmácias

DEPOSITÁRIOS:

**Ventura d'Almeida & Pena**

Rua do Guarda Mór, 20, 3.º E. LISBOA

Remetemos uma amostra a quem nos enviar 3\$50 em selos do correio, nome e morada



# PART E OFICIAL

## MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

### Gabinete do Ministro

O «Diário do Governo» n.º 185, I série, de 30 de Agosto, publica a seguinte:

#### Portaria n.º 10:472

Os caminhos de ferro são do domínio público, nos termos da lei, e fazem parte da viação pública; nos mesmos termos, são as empresas concessionárias da sua exploração obrigadas a efectuar, com perfeita igualdade para todos os expedidores, os transportes das mercadorias que lhes forem confiadas.

É, pois, incontestável que os caminhos de ferro constituem um serviço de utilidade pública, sendo também de utilidade pública os elementos que nêles se integram.

As empresas concessionárias, como detentoras das linhas férreas e responsáveis legais pela sua conservação e exploração, cabe manter em plena eficiência este importante ramo dos transportes. No conjunto dêste, a existência de vagões particulares deve constituir excepção, não devendo esquecer-se que ela se deve fundamentar apenas em razões especiais, dignas porventura de ser atendidas, mas sem destruir as regras próprias de todo o serviço público.

Normalmente a existência do material circulante das empresas deve satisfazer as exigências do público; os transportes em vagões particulares só são de admitir como consequência lógica ou necessidade reconhecida de certa exploração comercial ou industrial desde que dêles não resulte prejuízo para o público ou para a disciplina do conjunto.

Não é portanto de admitir, sem qualquer fiscalização ou condicionamento, a existência de actividades exploradoras de vagões particulares, que cobram pelos serviços prestados ao público preços, por vezes, mais elevados do que as taxas fixadas pelo Governo para as empresas concessionárias, e isto quando o proprietário do vagão particular só tem a responsabilidade da sua conservação e fez apenas empate inicial de capital na sua compra, enquanto as empresas transportadoras continuam com os encargos de o fazer circular nas linhas que exploram, com as responsabilidades inerentes à sua posição de concessionários fiscalizados pelo Estado.

Importa assentar princípios que têm sido omitidos por falta de esclarecimento oportuno, provocando conceitos errados e uma prática generalizada condenável pela regra da igualdade de tratamento.

Os decretos-leis n.ºs 31:409 e 32:158, respectivamente de 21 de Julho de 1941 e 1942, estabeleceram as condições técnicas em que os vagões particulares podiam circular nas linhas férreas nacionais, permitindo o último, na segunda parte do artigo 1.º, que o Ministro das Obras Públicas e Comunicações fixasse, em regulamento aprovado por portaria, o seu regime administrativo.

Tendo em vista que se torna necessário tomar medidas destinadas a condicionar a exploração de vagões particulares em serviço nas linhas férreas nacionais por forma a atender convenientemente aos interesses gerais do País e às circunstâncias que presentemente se verificam;

Considerando que é urgente rever as condições tarifárias presentemente em vigor em relação aos mesmos vagões:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro

das Obras Públicas e Comunicações, pôr em vigor as seguintes disposições:

Artigo 1.º Os vagões de propriedade particular, quanto aos fins a que se destinam e às suas características, são agrupados nas seguintes categorias:

a) *Vagões de tipo comum*, para carga geral, abertos ou fechados, destinados ao transporte de mercadorias que, pela sua natureza, não necessitem de acomodações ou dispositivos especiais para o seu transporte:

b) *Vagões tipo especial*, preparados para transporte de mercadorias que careçam de dispositivos especiais de carga, descarga ou manutenção.

Art. 2.º A circulação nas linhas férreas nacionais de vagões de propriedade particular, matriculados nas empresas ferroviárias portuguesas, de qualquer tipo e seja qual for o fim a que se destinem ou o regime sob o qual se efectue a sua exploração, só poderá efectuar-se mediante autorização da Direcção Geral de Caminhos de Ferro.

Art. 3.º A autorização de circulação deverá ser solicitada em requerimento individual para cada vagão, acompanhado dos elementos estatísticos necessários e de documentação comprovativa de que o vagão faz parte integrante do equipamento da actividade do seu proprietário, que se encontra matriculado nas empresas ferroviárias portuguesas, nos termos do regulamento aprovado pela portaria n.º 9:839, de 21 de Julho de 1941, e que se destina exclusivamente ao transporte de combustível e matérias primas necessárias à laboração da indústria do seu proprietário, ou à distribuição dos produtos dessa indústria aos respectivos centros distribuidores, ou ainda ao transporte de mercadorias que exijam acondicionamento especial.

§ único. Em casos especiais poderá também ser autorizada, mediante homologação ministerial, a circulação, ao serviço do público, de vagões particulares pertencente as



NÃO DIGA . . . . .  
DESEJO UM LAPIS,  
DIGA ANTES: QUERO UM  
CARANDACHE

AGENTES :

**DUNKEL & ANTUNES, L.<sup>DA</sup>**  
**RUA AUGUSTA, 56**  
**LISBOA — Telef. 2 4251**



firmas transitárias legalmente constituídas, ou por estas alugados no estrangeiro, nos termos do artigo 6.º do regulamento aprovado pela portaria n.º 10:184, de 2 de Setembro de 1942, desde que a Direcção Geral de Caminhos de Ferro reconheça que este prolongamento da actividade transitária pode ter interesse público e que dêle não resulta perturbação na disciplina dos transportes em geral.

Art. 4.º A licença de circulação será anual e dada por alvará individual para cada vagão, passado nas condições a que se refere a alínea f) da tabela anexa ao regulamento aprovado pela portaria n.º 10:184, de 2 de Setembro de 1942. As condições de circulação serão reguladas por diploma tarifário.

§ 1.º Os vagões considerados nos termos do corpo do artigo anterior só poderão ser autorizados a circular em serviço dos seus proprietários, como expedidores ou consignatários, ou das empresas concessionárias de caminhos de ferro nas condições previstas na presente portaria e quando requisitados nos termos do capítulo II do regulamento aprovado pela portaria n.º 10:184, de 2 de Setembro de 1942.

§ 2.º Nos casos especiais referidos no § único do mesmo artigo os vagões poderão circular à ordem das firmas transitárias interessadas ou das empresas nas condições já referidas e ainda à ordem de entidades particulares não concessionárias de caminhos de ferro, quando nesse sentido houver cláusula expressa no alvará.

§ 3.º As licenças concedidas ao abrigo do parágrafo anterior poderão ser cassadas em qualquer momento e sem direito a indemnização ao interessado quando a Direcção Geral de Caminhos de Ferro reconhecer que se deixam de verificar as condições referidas no § único do artigo 3.º

§ 4.º Sempre que o entenda conveniente, poderá a Direcção Geral de Caminhos de Ferro intimar a apresentação de prova cabal de que determinado vagão foi utilizado nos termos da autorização concedida. Se não forem apresentados, no prazo de trinta dias da data do aviso, os elementos de prova, ou estes sejam considerados insuficientes, serão aplicadas as penalidades estabelecidas no artigo 15.º da presente portaria.

Art. 5.º As taxas e outras condições de utilização pelo público dos vagões referidos no § 2.º do artigo anterior serão fixadas por despacho do Ministro das Obras Públicas e Comunicações, sob proposta da Direcção Geral de Caminhos de Ferro.

Art. 6.º Os vagões particulares podem ser postos temporariamente à disposição das empresas ferroviárias pelos seus proprietários, mediante condições previamente estabelecidas entre os interessados e aprovadas pela Direcção Geral de Caminhos de Ferro.

Art. 7.º Todos os vagões particulares serão proibidos de circular se no prazo de trinta dias após a publicação desta portaria os seus proprietários não tiverem requerido alvará de circulação, nos termos do artigo 2.º

Art. 8.º Pela paralização dos vagões embargados por falta de licença de circulação, quer resultante de esta não ter sido requerida, ter caducado ou ter sido suspensa, é

devido o pagamento das taxas de depósito, nos termos e condições das tarifas em vigor.

Art. 9.º Os vagões particulares embargados por motivo de infracção às disposições do presente regulamento poderão ser requisitados pelas empresas, nos termos e condições expressos nos artigos 8.º, 10.º, 11.º, 12.º e 13.º da portaria n.º 10:184.

§ único. As taxas de depósito deixam de ser devidas no momento em que o vagão entra para o serviço da empresa.

Art. 10.º Nestas circunstâncias, porém, no cálculo do preço do aluguer ter-se-á apenas em consideração:

a) O valor actual do vagão, determinado por exame contraditório;

b) A sua desvalorização anual durante o tempo de serviço em regime de aluguer.

Art. 11.º Os vagões requisitados nos termos do capítulo II do regulamento aprovado pela portaria n.º 10:184, de 2 de Setembro de 1942, cujos proprietários não tenham requerido licença de circulação, nos termos do artigo 2.º da presente portaria, continuarão ao serviço da empresa requisitante, mas, decorridos que sejam os trinta dias a que nêle se faz referência, o preço de aluguer será estabelecido conforme indicado no artigo 10.º

Art. 12.º As disposições da tarifa especial A de grande e pequena velocidade, no que se refere ao transporte de mercadorias em vagões particulares, serão suspensas sessenta dias após a publicação da presente portaria, vigorando em sua substituição o que nesta se contém e as disposições de carâctes regulamentar que forem publicadas nos termos do artigo 5.º

Art. 13.º As empresas concessionárias de caminhos de ferro não podem cobrar pelos serviços prestados na exploração de vagões particulares mais do que o estipulado nas tarifas em vigor para os serviços equivalentes com vagões das próprias empresas.

Art. 14.º Às empresas ferroviárias fica reservado o direito de utilizar por sua conta os vagões particulares despachados em vazio, contanto que não excedam os prazos do seu transporte.

Art. 15.º Nos termos do artigo 4.º do decreto-lei n.º 31:409, de 21 de Julho de 1941, e do artigo 7.º do decreto-lei n.º 32:158, de 21 de Julho de 1942, as infracções às normas fixadas nesta portaria, e nomeadamente a utilização de vagões particulares para fins diversos dos indicados no alvará de licença de circulação, serão punidos com as seguintes multas,



USAR O CALÇADO DA AFAMADA MARCA



É TER A CERTEZA  
DE QUE SE CALÇA  
COM ECONOMIA,  
SOLIDEZ E ELE-  
— GÂNCIA —

À venda

Sapataria CRISTAL — Rua do Amparo, 22

» ROYAL — Rua da Graça, 112

» LONDRINA — Rua Arco Marquês Alegrete, 51

» EDEN — » » » 37

» NICE — » » » 34

Telefones 2 8775 — 4 7958 — 2 7829



aplicadas pela Direcção Geral de Caminhos de Ferro, revertendo o produto para o Fundo especial de caminhos de ferro:

- 1.º 1.000\$ pela primeira infracção;
- 2.º 2.000\$ pela primeira reincidência;
- 3.º 5.000\$ e suspensão da licença de circulação de todos os vagões pela segunda reincidência.

§ único. Da aplicação de multas há recurso para o Ministro das Obras Públicas e Comunicações.

Art. 16.º As dúvidas suscitadas na aplicação desta portaria serão resolvidas por despacho do Ministro das Obras Públicas e Comunicações.

Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 30 de Agosto de 1943. — O Ministro das Obras Públicas e Comunicações, *Duarte Pacheco*.

### Direcção Geral de Caminhos de Ferro

O «Diário do Governo» n.º 153, I série, de 23 de Julho, publica a seguinte:

#### Portaria n.º 10:452

Convindo actualizar, simplificando, a taxa de registo com que são oneradas todas as remessas de grande e pequena velocidade, dispensando-se a aplicação do multiplicador e adicional em vigor:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, nos termos do artigo 2.º de decreto-lei n.º 27:665, de 24 de Abril de 1937, que a actual redacção do artigo 1.º da tarifa de despesas acessórias, aprovada pela portaria n.º 5:553, de 25 de Julho de 1928, seja substituída pela seguinte:

#### ARTIGO 1.º

##### Registo

Em cada expedição de qualquer natureza ..... 1\$00

Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 23 de Julho de 1943. — Pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, *Roberto Espregueira Mendes*, Sub-Secretário de Estado das Obras Públicas e Comunicações.

O «Diário do Governo» n.º 213, 2.ª série, de 11 de Setembro, publica o seguinte:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, aprovar o projecto da nova estação da Curia, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O «Diário do Governo» n.º 216, 2.ª série, de 15 de Setembro, publica o seguinte:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, autorizar a cedência à Junta Autónoma de Estradas, nos termos do artigo 3.º do decreto-lei n.º 22:562, de 23 de Maio de 1933, de duas parcelas de terreno, com as áreas de 23<sup>m</sup>,60 e 22<sup>m</sup>,70, situadas na freguesia de S. Martinho do Campo, concelho de Valongo, distrito do Porto, as quais foram declaradas sobranças por portaria de 18 de Agosto último, publicada no «Diário do Governo» n.º 199, 2.ª série, de 26 do referido mês de Agosto, e se destinam à construção dos encontros de uma passagem superior à linha férrea do Douro, da variante da estrada nacional n.º 6-1.ª.

Para os devidos efeitos se publica que em 1 do corrente foi reformado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, onde se encontrava prestando serviço, nos termos da regra 3.ª do artigo 15.º do contrato de arrendamento de Março de 1927, o médico da rede do Minho e Douro, dr. Manuel Evangelista da Silva, que à data do referido arrendamento era médico adjunto da 6.ª secção médica da referida rede.

O «Diário do Governo» n.º 219, 2.ª série, de 18 de Setembro, publica o seguinte:

#### Repartição de Exploração e Estatística

De conformidade com o disposto no artigo 3.º do decreto-lei n.º 27:665, de 24 de Abril de 1937, foi aprovado, por despacho desta Direcção Geral de 9 do corrente, o projecto de aviso ao público, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, contendo toda as disposições dos avisos A n.ºs 715 e 776, respectivamente do 26 de Janeiro e 21 de Dezembro de 1942, sobre transporte de géneros frescos em vagões frigoríficos, e incluindo entre eles a mercadoria niveína (manteiga de côco).

O «Diário do Governo» n.º 224, 2.ª série, de 24 de Setembro, publica o seguinte:

De conformidade com o disposto no artigo 3.º do decreto-lei n.º 27:665, de 24 de Abril de 1937, foi aprovado, por despacho desta Direcção Geral de 18 do corrente, o projecto de aviso ao público, apresentado pela Companhia Nacional de Caminhos de Ferro, estabelecendo a taxa de \$50, por cada pessoa, pela utilização das retretes reservadas e seus lavatórios existentes nas estações de rede explorada pela referida empresa.

**SAPATARIA**



**RUA DO AMPARO**  
A MAIS ECONOMICA DE LISBOA  
TEL. 28000

## Rocha & Oliveira

Importadores de todas as qualidades de carvão de pedra para máquinas, coque de fundição e antracites

TELEFONES

P. B. X.—2 8082, 2 8083 e 2 8084

ESCRITÓRIO

139, RUA DOS BACALHOEIROSLISBOA

ARMAZEM

DOCA DE ALCANTARA





---

---

FIGUEIRA DA FOZ

*Um trecho do Jardim Público*

---

---



TELEFONE 180

TELEFONE N.º 203

Telegramas - SOTOMAIOR

# Empresa de Pesca

## «S. JACINTO», L.<sup>DA</sup>

Murraceira  
FIGUEIRA DA FOZ

# Sociedade de Pesca

## OCEANO, L.<sup>DA</sup>

PESCA E SECAGEM DE BACALHAU  
SUB PRODUTOS

Instalações de secagem na Murraceira

Rua 10 de Agosto, 93  
FIGUEIRA DA FOZ

TELEFONE 264

TEL. 150

# Luiz Diniz, Filhos

## SERRAÇÃO MECÂNICA

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO  
MADEIRAS PARA EXPORTAÇÃO  
:- APARELHOS DE MADEIRAS :-

POSTES PARA LINHAS TELEGRÁFICAS  
TRAVESSAS PARA VIAS FÉRREAS  
:- CAIXÓTARIA :- LENHAS :-

FIGUEIRA DA FOZ  
(PORTUGAL)

# Manoel Lopes, Irmão

VINHOS E SEUS DERIVADOS  
SAL EM VAGÕES E NAVIOS

R. Dr. Duarte Silva, 39  
FIGUEIRA DA FOZ



TELEFONE 55

**Joaquim C. Féteira**

VINHOS E SEUS DERIVADOS — AZEITES  
— APRESTOS MARÍTIMOS E DE PESCA —  
REVENDEDOR DE GARRAFAS E GARRA-  
FÕES DA FÁBRICA DA FONTELA E DE  
— OUTRAS FÁBRICAS DO PAÍS —

**Rua 5 de Outubro, 24**  
**FIGUEIRA DA FOZ**

**HOTEL REIS**  
**FIGUEIRA DA FOZ**

RECOMENDADO PELA «Sociedade Propaganda  
de Portugal», «Automovel Club de Portugal»,  
«The Automobile Association London», e «Clube  
dos 100 à hora»

Água corrente, quente e fria, nos aposentos e em todos os andares  
O HOTEL MAIS RECOMENDADO PELO SEU SERVIÇO DE MESA  
**Serviço de Restaurante ao ar livre**  
UM DOS MELHORES HOTEIS DA FIGUEIRA  
O único com garage — Telefone 345

Telefone 185

**Mota & Comp.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>, Suc.<sup>or</sup>**

**JOSÉ AUGUSTO GERMANO ALVES**  
Fábrica de Fundição e Cerralharia — MOTA DE QUADROS  
FUNDADA EM 1872

FUNDIÇÃO DE FERRO EM LIGAS  
— NORMAIS E ESPECIAIS —

**BAIRRO NOVO** **FIGUEIRA DA FOZ**

Telefone: 206

Telegramas: SILCOS

**COSTA & SILVA**

DISTRIBUIDORES GERAIS NO CENTRO DO PAÍS  
— DA —

Companhia de carvões e cimentos do Cabo Mondego

COMISSÕES, REPRESENTAÇÕES E CONTA  
PRÓPRIA — IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

**LARGO DO CARVÃO, 17-1.º**  
**FIGUEIRA DA FOZ (Portugal)**

**Empresa Vidreira da Fontela, L.<sup>da</sup>****FIGUEIRA DA FOZ — FONTELA**

Telegramas: VIDROFONTELA — Telefone 13

GARRAFAS PRETAS E BRANCAS: De todos os tipos e  
capacidades para vinhos, cervejas, águas e refrigerantes —  
GARRAFÕES: Vulgares e especiais para exportação —  
VIDRO IMPRESSO: Chapas de vários padrões de grande  
efeito decorativo para interiores e exteriores de casas —  
VIDRO ESTRIADO: Para telhados, lanternins e marquises

**Telhas e Ladrilhos**  
**Garrafas - Mosqueiros**

Próprias para combater as mósas que atacam as arvores de fruto

*Premiada com as mais altas recompensas em  
todas as exposições a que tem concorrido*

Telefone 112

**Henrique Varanga & Filho, L.<sup>da</sup>**

OFICINAS DE CERRALHARIA E FUN-  
— DIÇÃO MECÂNICA E CIVIL —

**Rua Afonso de Albuquerque, 30 a 38**  
**FIGUEIRA DA FOZ**

**SOCIEDADE DE CREOSOTAGEM, L.<sup>da</sup>**

CREOSOTAGEM DE MADEIRAS — MADEIRAS  
DE CONSTRUÇÃO — TRAVESSAS DE CA-  
MINHO DE FERRO — POSTES TELEGRÁ-  
FICOS — TOROS DE EXPORTAÇÃO —  
— LENHAS, ETC. —

A OFICINA DE CREOSOTAGEM ESTÁ  
INSTALADA PELOS PROCESSOS MAIS  
APERFEIÇADOS E É CONSIDERADA A  
— MELHOR DO PAÍS —

**CARNEIRA — FIGUEIRA DA FOZ**  
Telefone 18

**LUIZ MARIA LOPES**

ESTABELECIDO EM 1901

COMÉRCIO DE VINHOS E DERIVADOS  
— EXPORTAÇÃO DE SAL —

**ARMAZEM: — 27, Rua Dr. Duarte Silva, 33**  
Telefone: 150 — FIGUEIRA DA FOZ



Proprietário-gerente  
Guilherme Garrido

Recomendado pela Sociedade de Propaganda  
de Portugal e Automóvel Clube

## Grande Hotel Portugal

O MELHOR E MAIS BEM SITUADO  
Água corrente. — Quartos com banho e W. C. privativos

Telefone, 176

FIGUEIRA DA FOZ

## LUSITÂNIA

### Companhia Portuguesa de Pesca

S. A. R. L.

CAPITAL 6.000 CONTOS — (Fundada em 1906)

Armazém e secadouro na

Murraceira

Telefone 132

Escritório:

Rua da República, 149

Telefone 82

TELEGRAMAS: LUSITÂNIA

FIGUEIRA DA FOZ

Telefone 84

## Mariano & Silva, L.<sup>da</sup>

ARMADORES DE NAVIOS DE PESCA DE BACALHAU

MURRACEIRA — FIGUEIRA DA FOZ

## SERRAÇÃO DE FOJA, L.<sup>da</sup>

FÁBRICA DE SERRAGEM E APARELHOS DE MADEIRAS

FIGUEIRA DA FOZ

SANT'ANA

Materiais de construção

Depositários distribuidores  
do cimento «SECIL»

### Luiz Neto Brar & Filhos

Praça 8 de Maio, 50

FIGUEIRA DA FOZ

Telefone 171

## Lopes & Pimentel

FÁBRICA DE CAL HIDRÁULICA

MARCA MONDEGO

ESCRITÓRIO:

Rua da República, 122

FIGUEIRA DA FOZ

Mercearias e Vinhos das melhores regiões do País

## ANTÓNIO D'ALMEIDA

Vinhos por junto e a retalho

Rua da República, 11 e Rua Fernandes Tomaz, 18 — FIGUEIRA DA FOZ

## ESTALEIRO NAVAL DE

### Benjamim Bolais Mónica

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES DE NAVIOS

MURRACEIRA

FIGUEIRA DA FOZ

## Manuel Gomes Gatueiro

COMERCIANTE DE MADEIRAS E LENHAS

Seixo de Gatões

PORTO MIEIRO

Construção civil

Telefone, 20-P. B. X.

Materiais de construção

Fabrico de marmoritos

## A CONSTRUTORA DE CANTANHEDE, L.<sup>da</sup>

Secção de mobílias

Camionagem

Representações diversas

SÉDE:

RUA DAS PARREIRAS, 32 a 42





SANTA COMBA DÃO

*Um trecho da Rua  
Mousinho Albuquerque*

MANGUALDE

*Ermida da Senhora do  
Castelo e casa do Ermitão*



SANTA COMBA DÃO

*Antiga residência  
Paroquial*





**Manuel Rodrigues Felicio**

ANÇÃ—PÊNA

FÁBRICA DE CÁL  
DA PÊNA E FLÔR

EXPORTADOR

**José da Silva**

Cantanhede Félres

FÁBRICA DE CÁL  
BRANCA E FLÔR

EXPORTADOR

**A VIGOROSA**

Fábrica de Cal de todas as qualidades

DE

**Manuel Evaristo Mendes da Fonseca**

(Junto à Estação do Caminho de Ferro de Cantanhede)

**Pocariça**

**Manuel António Pereira**

CANTANHEDE — FÉLRES

COM

Serralharia Mecânica, Armazém de Ferro

FABRICA ENGENHOS  
para tirar águas de Póços para régas

FABRICO DE SUA ESPECIALIDADE

Telefone-3 — Félres

**Augusto Mendes da Fonseca**

COM FÁBRICA DE CÁL  
DA PÊNA E CÁL FLÔR

Junto à Estação de Cantanhede

Cantanhede  
POCARIÇA

FÁBRICA DE CÁL DE TODAS AS QUALIDADES  
DE

*António Jorge da Fonseca*

Cantanhede — POCARIÇA

(Junto à estação do caminho de ferro de Cantanhede)

Telefone-POCARIÇA-Pôsto Público

Representante da grande marca de aparelhos receptores de T. S. F.

BLAUPUNKT (Ponto Azul)

Oficina de Serralharia e Segeria

de

**Silvino dos Santos Neto**

Execução rápida e perfeita de Engenhos de todos  
os sistemas, Fogões, Gradeamentos, Portões, etc.

**Tôrno Mecânico  
Soldas a Autogénio**

**Cantanhede**

DEPÓSITO EM MIRA

FUNDADA EM 1923

**Sociedade Central  
de Cantanhede, L.<sup>da</sup>**

ARMAZEM DE MERCEARIAS

Telefones { Cantanhede 16 e 17  
Mira 8

CANTANHEDE



## Joaquim Rodrigues Louro

FORNECEDOR DE CANTARIAS  
FABRICANTE DE CAL  
CAMIONETE DE ALUGUER

Outil - CANTANHEDE - Cadima

Telefone 10

## Sociedade de Mercearias, L.<sup>da</sup>

CANTANHEDE

## Manuel Faria

NEGOCIANTE DE MADEIRAS E LENHAS

ARAZÊDE - PELICANOS

## JOSÉ DA CRUZ CALVO

FORNECEDOR DE MADEIRAS E LENHAS

ARAZÊDE - BONHOSA

## Manuel Simões

MADEIRAS E LENHAS

LIMEDE - CADIMA

## Martinho Machado de Melo

COMERCIANTE DE VINHOS  
—:— E AGUARDENTES —:—

CANTANHEDE — Mortêde

## José Maria Marques

COMISSÁRIO DE VINHOS  
E SEUS DERIVADOS

Casal de Bolho -- Cantanhede

## António Gomes da Costa

Comerciante de vinhos e aguardentes

Cantanhede — Mortêde

## Manuel da Silva Sapateiro

COMERCIANTE DE MADEIRAS

Mortêde - Cantanhede

## Alcino Gomes Mesquita

Comerciante de vinhos

Cantanhede — Mortêde



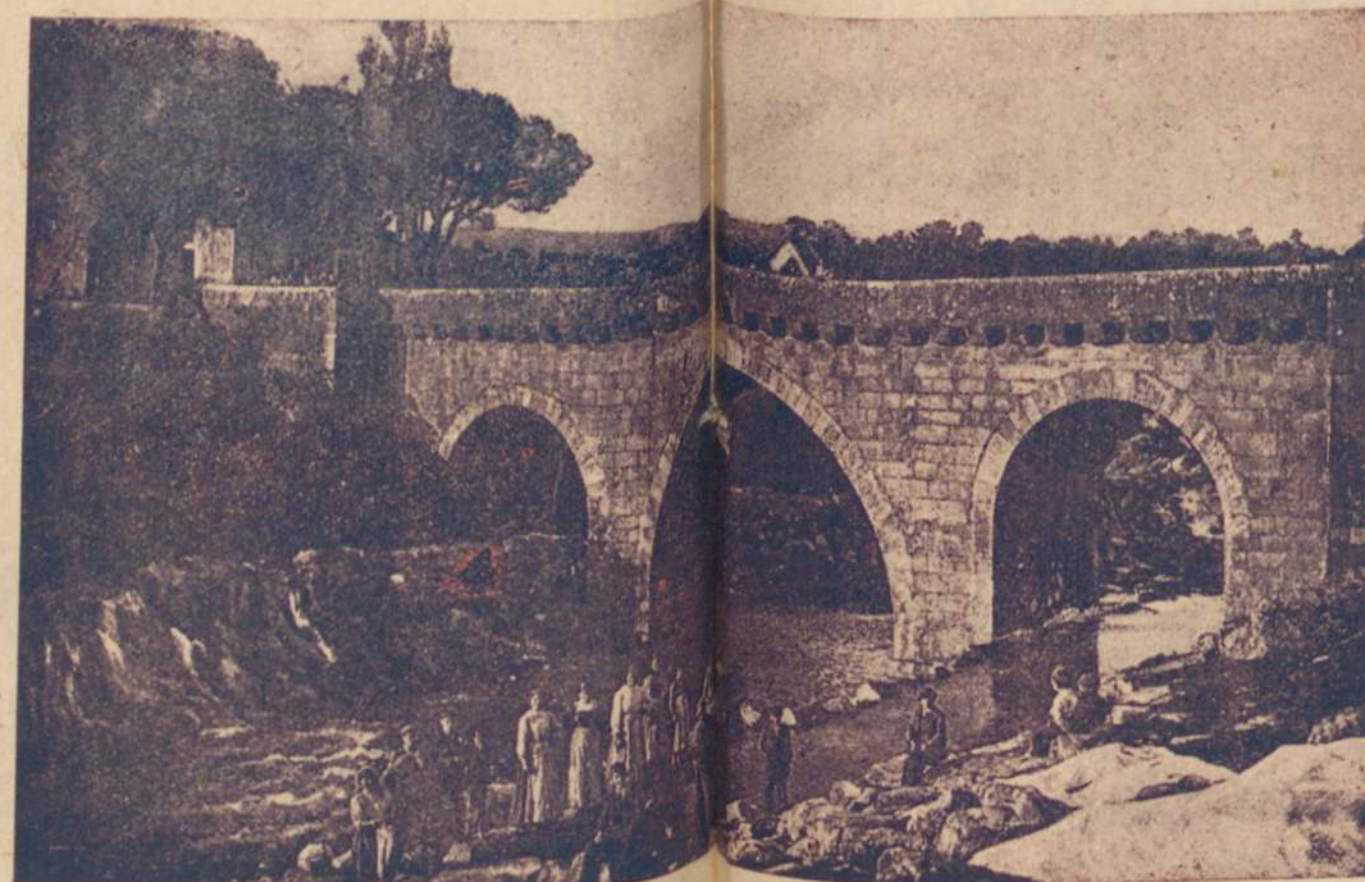
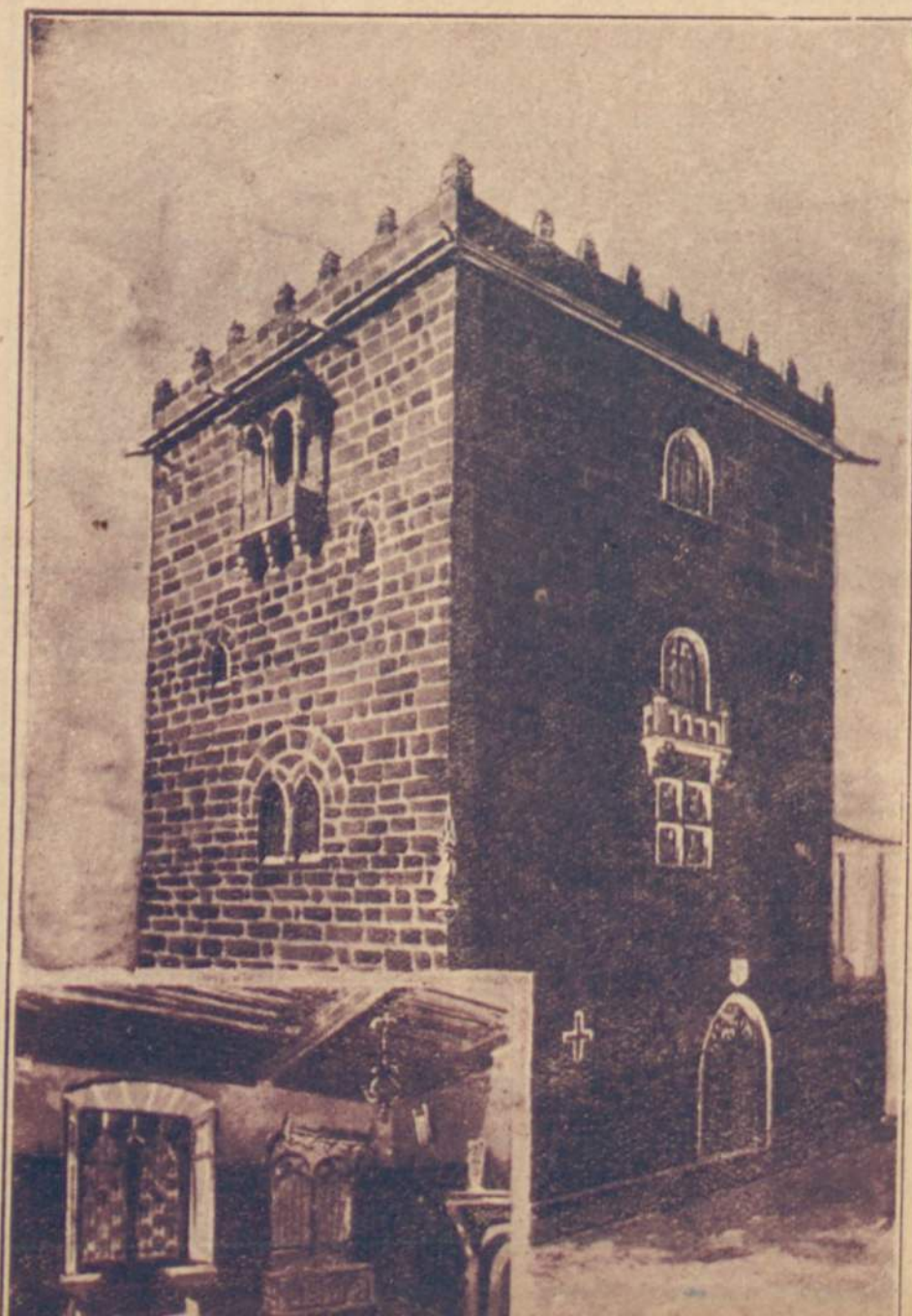


CEIA — Ponte sôbre o rio



BUSSACO — O Hotel

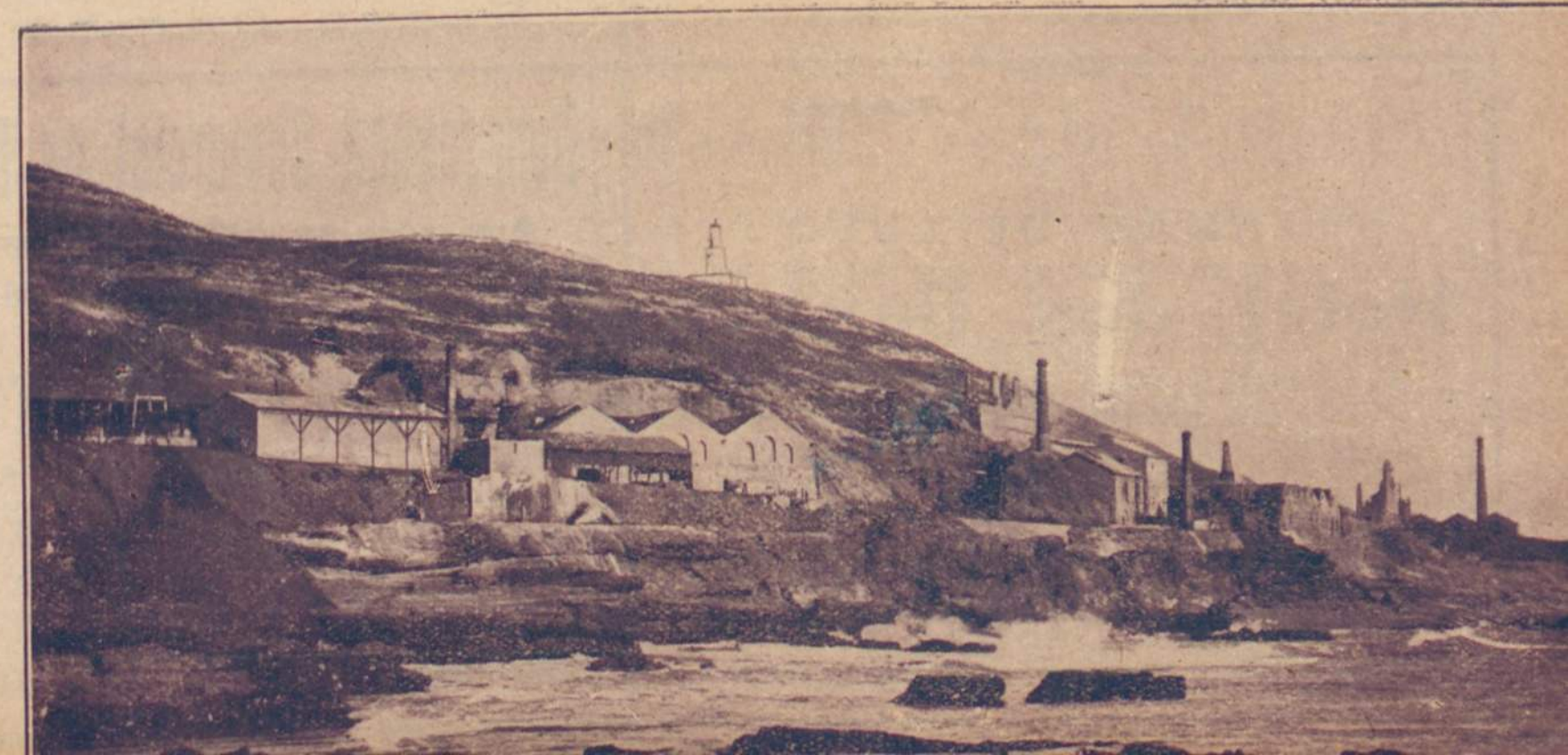
FIGUEIRA DA FOZ  
Antiga Tôrre do Alcaide (Museu Biblioteca)



TONDELA — Ponte sôbre o rio Minho



FIGUEIRA DA FOZ — Cabo Mondego





## Manuel da Costa

COMERCIANTE COM PADARIA  
— MERCEARIA E VINHOS —

CANTANHEDE—CADIMA

## MANUEL DIAS AGANTE

FABRICANTE DE CAL, SEMI-HIDRAULICA,  
— PÁRDA—PARA CONSTRUÇÕES —

Pampilhosa do Botão

Fábrica de Serração e Carpintaria Mecânica  
(CASA FUNDADA EM 1911)

## Victorino Bastos & Filhos, L.<sup>da</sup>

*Fornecedores das melhores madeiras,  
serradas e aplainadas, para constru-  
ções — Execução de portas, janelas,  
caixilhos e cairotaria, de bom corte*

Pampilhosa do Botão

## A D U B O S

COMPOSTOS-MIXTOS, PARA AS CULTURAS DE  
BATATA-VINHA-CEREAIS

## Sociedade de Adubos Reis, L.<sup>da</sup>

ROSSIO, 102 — LISBOA

Filial de Pampilhosa do Botão

Fabrica de Cerâmica Excelsior da Pampilhosa

## LACERDA, FIGUEIREDO & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>

Fábrica e Escritório: **PAMPILHOSA DO BOTÃO**

TELEGRAMAS: EXCELSIOR

TELEFONE N.º 5

Telefone n.º 5

TERMAS DE LUSO

## Hotel dos Banhos

É O HOTEL MAIS CENTRAL E ÚNICO  
JUNTO AO ESTABELECIMENTO TERMAL,  
CASINO, FONTE DE S. JOÃO E MATA  
DO BUSSACO

PROPRIETÁRIO:

**ANTÓNIO DE CASTRO SEABRA**

RECOMENDADO PELO CLUB DOS 100 À HORA

## L U S O HOTEL SERRA

ABERTO TODO O ANO — Telefone 6

RECOMENDADO POR ESTAR SITUADO  
NA ZONA MAIS SECA DE LUSO E  
A MENOS DE 200 METROS DAS TER-  
MAS—INSTALAÇÕES MODERNAS—  
ÁGUA CORRENTE—TRADICIONAL SER-  
VIÇO DE MESA—TODAS AS DIETAS  
—JARDIM PARA REPOUSO —

Preços muito acessíveis

Direcção de: **Elisa Serra de Moraes e Silva**  
CORRESPONDENTE DOS BANCOS BORGES & IRMÃO



A bomba eterna que não mais avaria  
PATENTE N.º 18213  
Accionada por sistema de alcatruzes  
tanto manual como a força motriz

Telef. 12 — SANTA C. DÃO

## Regadas & Irmão, L.<sup>da</sup>

*Especialidade em noras para  
tirar água por tracção ani-  
mal ou manual e fogões de  
fogo circular — Serralharia e  
armazens de ferro, aço e car-  
vão de pedra — Bicicletas e  
Acessórios de Automóveis —  
Depositários do Cimento «LIZ»*

## Santa Comba Dão

ESTAÇÃO

Telefones: { PORTO { P. B. X-7921-7922  
{ RÉDE DO ESTADO-21  
{ SANTA COMBA DÃO-9

Endereços Telegráficos: { Porto-«Resineira»  
{ Santa Comba Dão-Gare-«Companhia Resineira»

## Companhia Industrial Resineira

(S. A. R. L.)

CAPITAL:—Escudos 5.000.000\$00

Destilação de Resina Aguarrás e Pez Louro

SEDE:  
Rua Santa Catarina, 17-2.º — PORTO

Fábricas: { Santa Comba Dão-Gare  
{ Campanhã-(Porto)

Santa Comba Dão

## Renascença Comercial da Beira, L.<sup>da</sup>

Armazém de materiais de construção

DEPOSITÁRIOS DE ALMIRO, L.<sup>DA</sup>

Cessionários da CERÂMICA DA BEIRA, LD.<sup>A</sup>  
de Canas de Sabugosa — NAIA

MANILHAS, TELHA, TIJOLO E DEMAIS  
PRODUTOS CERAMICOS—FERRAGENS  
PARA CONSTRUÇÃO CIVIL, CAL, SAL,  
ADUBOS, ENXOFRES, PALHA ENFAR-  
DADA, CORDOARIA, ETC. —

Santa Comba Dão-Gare



Telefone n.º 3

**A MERCANTIL**  
DE  
**José Rodrigues dos Santos**

ARMAZEM DE MERCEARIAS E AZEITE  
— TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ  
A VAPOR

**SANTA COMBA DÃO (Gare)**

**J. R. SILVA & C.<sup>a</sup>**  
Oliveirinha — B. Alta  
Telefone 4 — **CARREGAL**

Armazém de: Mercarias, Farinhas, Azeites, Ce-  
— reais, Adubos e Materiais de Construção —

Depósito de: Adubos, Sulfato de Cobre e En-  
—:— xofre da Companhia União Fabril —:—

Agência de: Fábrica de Cimento TEJO, Compa-  
nhia União, Fabril Portuense, Vacuum Oil  
Company

Correspondência de: **Banco Borges & Irmão**  
Fábrica de moagem — Centeio e Milho em rama e peneirados  
**Torrefacção e Moagem de Café**

**Francisco Ribeiro Pereira**

VENDAS POR JUNTO DE LINHAS,  
CALÇADO, PRÉGO, FEIJÃO, CHOU-  
— RIÇO, GORDURAS, CÁL BRANCA E  
PARDA, SÁL, BATATA, CERIAIS E  
ADUBOS

**Beira Alta — Fiais da Telha**  
**Caminho de Ferro: — OLIVEIRINHA**

**A COMPETIDORA DA BEIRA**  
OFICINA DE MOVEIS E ESTOFOS  
DE  
**J. PEREIRA DA SILVA**

MOBÍLIAS DE QUARTO, SALA DE  
JANTAR, SALA DE VISITA, ESCRI-  
TÓRIO E MÓVEIS AVULSOS. ESPE-  
CIALIDADE EM MÓVEIS ANTIGOS —  
DEPÓSITO DE MÓVEIS

**OLIVEIRINHA — B. ALTA**

ANTIGA CASA ALEXANDRE HENRIQUES MARTINS  
**União Comercial da Beira, L.<sup>da</sup>**

ARMAZEM DE VINHOS E AGUAR-  
DENTES, AZEITES, CEREAIS, BA-  
TATA, ADUBOS, SÁL, MATERIAIS  
DE CONSTRUÇÃO

**OLIVEIRINHA (Gare)**  
**(BEIRA ALTA)**

**José de Figueiredo**

COM ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA,  
FERRAGENS, MIUDEZAS, ETC. — CAMIO-  
NETES E AUTOMÓVEIS DE ALUGUER,  
GASOLINA E OLEOS

Carreira de Camionetes entre Oliveirinha e Vizeu — Ser-  
viço combinado com os Caminhos de Ferro da Beira Alta

**Calvario - Oliveirinha — B. Alta**

Telefone: 14

Telegramas: HYGINO RUAS

**Hygino A. Ruas & C.<sup>a</sup>**

**OLIVEIRA DO HOSPITAL — Apartado n.º 1 — PORTUGAL**

Armazem de mercearia, cereais e adubos — Armazem de  
solas e cabedais — Torrefacção e moagem de café — Depó-  
sito de calçado JAPE — Pneus, óleos e acessórios para  
automóveis — Correspondentes bancários — Seguros em  
todos os ramos. Companhias de Seguros: Comércio e In-  
dústria e Tranquilidade — Agentes da Cal hidráulica  
Martingança — Cimentos — Agentes da Sociedade de  
Adubos para todas as culturas: Azotados, Superfosfatos,  
Cloreto de Potássio, Orgânicos, Químicos-Organicos, Com-  
postos, Corretivos

Armazem de retém em OLIVEIRINHA (Estação)  
**Importação — Exportação**

**Pensão Santo António**

Experimente V. Ex.<sup>a</sup> Se gostar, recomende, pelo que lhe fica muito agradecida  
A Gerente, **Maria da Luz Correia Monteiro**  
**Oliveirinha (Estação) — BEIRA ALTA**

**Amadeu do Amaral**

FORNECEDOR DE LENHAS E TRAVESSAS  
—: PARA OS CAMINHOS DE FERRO —:

**OLIVEIRINHA — GARE**



**Manuel Rodrigues Correia**MÉRCEARIA — SAL — VINHOS DO DÃO  
FARINHAS E MIUDEZAS**B. Alta — Oliveirinha****CENTRO COMERCIAL**  
DE**ANTÓNIO ESTEVES PAIVA**

Estabelecimento de Mercarias, Vinhos, Sal e Adubos para todas as culturas

**OLIVEIRINHA (Gare) — B. Alta**

Telefone 8 — CARREGAL DO SAL

**Artur Monteiro**OFICINA DE MARCENARIA — CONCERTOS  
EM APARELHOS DE T. S. F. ETC. —  
MONTAGEM DE ANTENAS E CAMPAINHAS

SERVIÇO ESMERADO — PREÇOS MÓDICOS

**Calvário — Oliveirinha (B. Alta) PORTUGAL****BELARMINO D'OLIVEIRA ALVES**NEGOCIANTE DE MADEIRAS E LE-  
NHAS, TRAVESSAS PARA OS CAMI-  
NHOS DE FERRO — DEPÓSITO EM  
FRENTE DA ESTAÇÃO DE OLIVEIRINHA**Calvário — Oliveirinha — Gare****ANTÓNIO VICTOR SOARES JUNIOR**ARMAZENS DE VINHOS E AGUARDENTES DO DÃO  
[EXPEDIÇÕES PARA TODO O PAÍS]

Agente da C.ª de Seguros SAGRES e do BANCO ULTRAMARINO

Telefone 3      Telegramas: ANTÓNIO VICTOR  
**Carregal do Sal****António José Fernandes, F.º**LANIFICIOS, TECIDOS DE ALGODÃO, MALHAS, MIU-  
DEZAS, MERCEARIAS, LOUÇAS E VIDROS, ETC. —  
DEPOSITÁRIO DA TABAQUEIRA E DA C.ª P. — PE-  
TROLEOS «ATLANTIC» — AGÊNCIA DE BANCOS E  
COMPANHIAS DE SEGUROS**CARREGAL DO SAL — Telefone, 7****FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE****SERRALHARIA MECANICA E CIVIL**  
DE**Francisco Marques Junior****CARREGAL DO SAL****FRANCISCO CABANAS & IRMÃO**FAZENDAS BRANCAS, LANIFICIOS, MIUDE-  
ZAS E CALÇADO, ESPECIALIDADE EM AR-  
TIGOS FINOS — CORRESPONDENTE DE  
DIVERSOS BANCOS**CARREGAL DO SAL****Pensão Maia**

Caldas da Felgueira

ABERTO TODO O ANO

Diárias de verão — 22\$00 a 35\$00

Diárias de inverno — 40\$00 a 50\$00

SALA DE JANTAR PARA 100 HÓSPEDES

Telefone N.º 15

**Manuel Francisco Cêpa & Irmão**

FÁBRICA DE PRODUTOS RESINOSOS

**N E L A S****PENSÃO — RESTAURANTE — CAFÉ**  
(IMPÉRIO)*António da Costa Andrade*É A CASA QUE MELHOR SITUAÇÃO POSSUI E  
QUE MAIOR NÚMERO DE REGALIAS OFERECE:  
QUARTOS AMPLOS E SAUDÁVEIS, BELOS E MO-  
DERNOS BALNEÁRIOS E ESMERADO SERVIÇO  
DE MESA

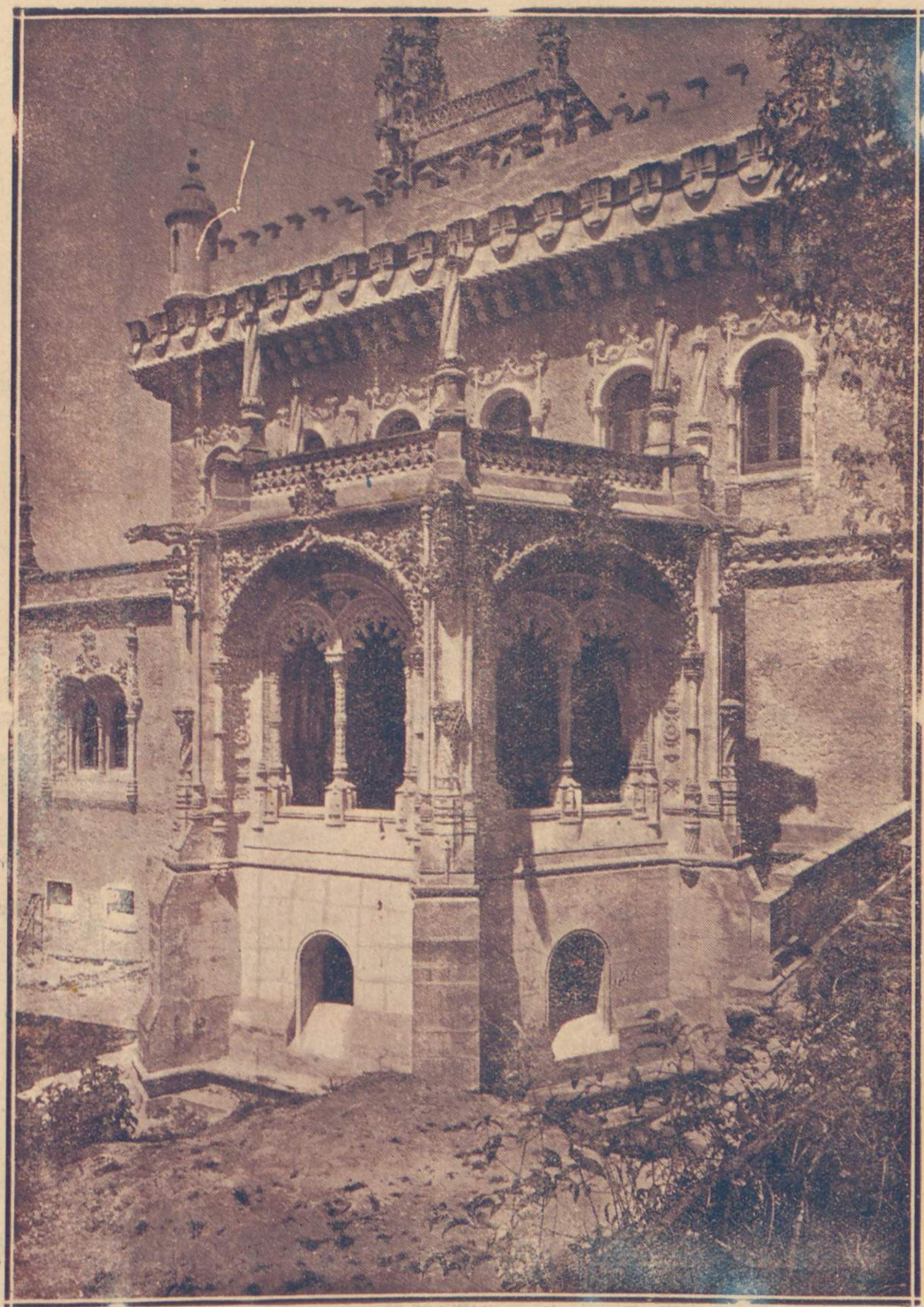
Aberto oficialmente: Desde 1 de Junho a 31 de Outubro

**CALDAS DE ALCAFACHE**  
**VISEU (Portugal)**

TELEFONE 22

**Emiliano António da Costa Campos**  
**NOTÁRIO****N E L A S**





---

---

BUSSACO  
*Floreira do  
Palácio-Hotel*

---

---



# Caldas da Felgueira

ESTAÇÃO DE CANAS, LINHA DA BEIRA ALTA

**Estabelecimento hidroterápico completo**  
**Aparelhagem moderna para banhos de "Bolhas d'Ar"**

CANÇASSOS DO CORAÇÃO — ALTERAÇÕES DA TENSÃO ARTERIAL  
— FLEBITES — DOENÇAS GRANULOSAS DA RESPIRAÇÃO — DERMATOSES  
— REUMATISMOS ARTICULARES E AS VARIADAS DOENÇAS DA PELE

*Dizia destas águas o Dr. Manuel Bento, o célebre médico e professor da antiga Escola Médica de Lisboa — o maior clínico do seu tempo:*

«Por mais tapada que seja a **rinite**, por mais rouca que seja a laringite, por mais dispneica que seja a **bronquite**, a Felgueira dá melhoras certas e curas tão admiráveis como as mais famosas de Cauterets».

**Anginas antigas**, «com grandes engrossamentos dos tecidos subjacentes e relêvos hipertróficos dos músculos, faríngeos (diz o Dr. Manuel Bento) curam-se completamente».

Em **dermatoses** observam-se casos triunfais das suas águas... os das curas grandes e algumas vezes surpreendentes».

Estados hemorroidários com antigos endurecimentos «desaparecem de todo» (diz ainda o grande médico).

**O GRANDE HOTEL CLUB ESTÁ ABERTO**  
**DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO**

TELEFONES { Nelas, 11  
Paranhos, 2

Telegramas: RUIVO & F.<sup>os</sup>

**João Pereira Ruivo & F.<sup>os</sup>, L.<sup>da</sup>**

FÁBRICAS DE SERRAÇÃO, CARPINTARIA MECÂNICA E MOAGEM

EM

**NELAS e PARANHOS DA BEIRA**

Sucursais em VILAR FORMOSO e BELMONTE

EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS E TOROS PARA MINAS

MADEIRAS SERRADAS EM BRUTO —  
SOALHOS E FORROS APLAINADOS E  
RASGADOS — GUARNIÇÕES PARA POR-  
TAIS — CIMALHAS, ABAS E RODA-PÉS  
— JANELAS, PORTAS, CAIXILHOS E  
LAMBRIZ — PRODUTOS CERÁMICOS E  
—:—: SANITÁRIOS, ETC., ETC. —:—:

**LAGAR DE AZEITE**

SEDE EM **NELAS** — BEIRA ALTA

**Termas de Alcafache**

**Pensão Pereira**

COM 50 QUARTOS MOBILADOS MODER-  
NAMENTE — BOA SALA DE JANTAR

**Diárias desde 25\$00 a 30\$00**

TEM BALNEÁRIO DENTRO DA PENSÃO  
—:—:— E LUZ ELÉCTRICA —:—:—

**António Lopes Pereira**

COM

**ARMAZÉM DE VINHOS EM ALCAFACHE — GARE**

EXPORTADOR DE VINHOS RE-  
— GIONAIS DO DÃO —

**PARA TODO O PAÍS**



## José Marques Loureiro

ARMAZENS DE VINHOS E AGUARDENTES DA REGIÃO DO DÃO

••

Exportador para o País

••

**N E L A S**

## ANTÓNIO DO AMARAL

**ALCÁFACHE - Gare**

(Mangualde) **PORTUGAL**

GRANDE FÁBRICA DE SERRAÇÃO

*Carpintaria mecânica e moagem —  
Aparelho de madeiras — Depósito de  
telha, cal e madeiras de construção —  
———— Lenha — Cereais ————*

**Exportação de Madeiras**

Tele { gramas: ARMAZÉM  
fone n.º 4

## Mathias & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

Armazens de mercearias, Azeites, Cereais, Sulfato de cobre e enxofre — Depósito de pregaria da Companhia «Previdente» — Agentes do cimento «Liz» nos Concelhos do Norte, Ceia, Mangualde e Castendo — Depositários dos tabacos da «Tabaqueira» — Torrefacção e moagem eléctrica de café — Agentes das águas medicinais — Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas —

**N E L A S**

## Duarte, Gil & Irmãos

≡ COM ≡

FÁBRICA DE REFRIGERANTES  
— DO PORTO SOBRINHO —

≡ || ≡

**FORNECEDORES DE MADEIRAS E LENHAS**

≡ || ≡

**C A D I M A**

Telefone, NELAS 25

Telegramas: VINÍCOLA

## VINÍCOLA DE NELAS, L.<sup>da</sup>

Exportadores de VINHOS DO DÃO

**N E L A S (Beira Alta)**

## Benjamim dos Santos Costa

FORNECEDOR DE MADEIRAS, ROLARIAS, LENHAS, SÊCAS E VERDES — BARRO PARA LOUÇA

**Fabricante de CAL PARDA para construções**

**Souzas L A R Ç A**

## LOPES & OLIVEIRA

ARMAZÉM DE FERRAGENS

Drogas, tintas e materiais de construção e loiças

Vila Nova de Tazem

## José d'Oliveira Capitão

**MADEIRAS — Correspondente Bancário**

Sede e Escritório: **N E L A S**

Telefone n.º 26-(P. B. X.)

Residência: **MANGUALDE-Gare**

Telefone n.º 55-MANGUALDE

**COM DEPÓSITO EM NELAS E MANGUALDE**

**N E L A S**

## António Joaquim Maria

**Fazendas, Mercaria e Vinhos**

**CONTENÇAS-GARE**

## Raúl Abrantes Coelho

Armazém de Cal, Telha e Sal, Cereais, Frutas Verdes e Sêcas  
**ADUBOS QUÍMICOS**

*Vinhos por junto — Queijo da Serra da Estrêla*

**Beira Alta — CONTENÇAS — Gare**



# Viúva de António Lourenço Ferreira

CASA FUNDADA EM 1898

SERRAÇÃO DE MADEIRAS, SOALHOS E FORROS  
CAIXOTARIA E LENHAS

Telegramas: MADEIRAS

MORTAGUA

Tele { gramas: MARTIMÃOS  
fone: 3

## Martins & Irmão



SERRAÇÃO A VAPOR — MADEIRAS APLAINADAS  
— E EM BRUTO — CAIXOTARIA E LENHAS —



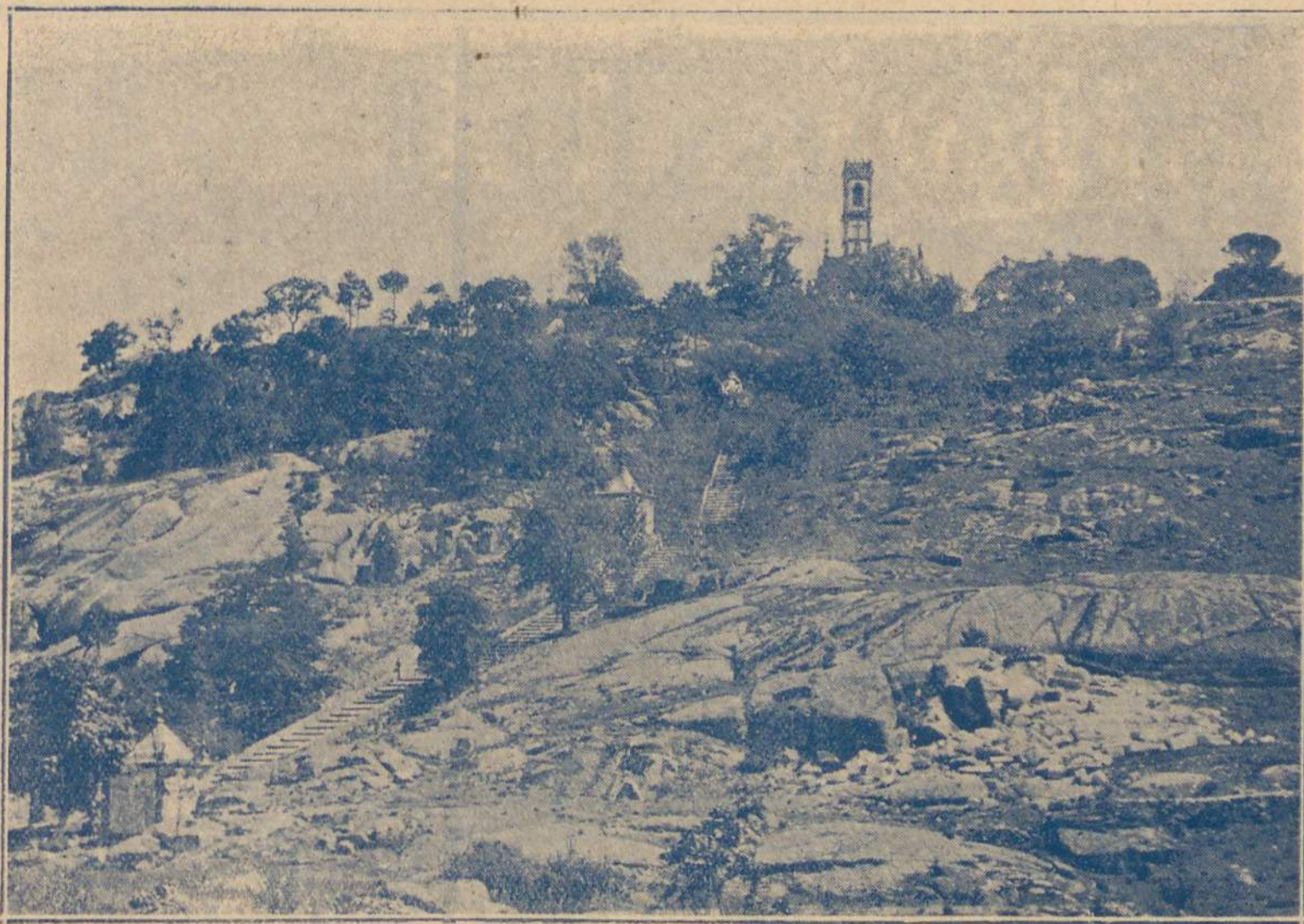
MORTAGUA (Portugal)

## ABEL D'OLIVEIRA

FÁBRICA DE SERRAÇÃO  
APARELHO DE MADEIRAS

ESTAÇÃO — MORTAGUA





## MANGUALDE

Em cima — Senhora do Castelo

Em baixo — Largo do Rossio





Telefone 32

Tele { gramas — LANIFÍCIOS  
fone 9

*Amaral & Irmão, L.<sup>da</sup>*

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS E CHALES  
VENDAS SÓ POR JUNTO

*Conceição & Filho*

EX-SÓCIO DA ANTIGA FIRMA  
*Conceição & Amaral*  
ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

MANGUALDE

MANGUALDE

*José Ferreira dos Santos, F.<sup>os</sup>, L.<sup>da</sup>*

FÁBRICA DE SERRAÇÃO E MOAGEM



Madeiras em bruto e aparelhadas  
— LENHAS E CEREAIS —



MANGUALDE — Gare

*Ernesto L. Matias*



OFICINA DE FERRAMENTAS DE CORTE  
E AGRÍCOLAS — ESPECIALIDADE EM  
FOICES DE TODOS OS FEITIOS — FER-  
ROS DE PLAINAS, FORMÕES, MA-  
CHADOS, ETC..

CORTE GARANTIDO



MANGUALDE — Gare



# Pensão Beira Alta

30 QUARTOS ESPAÇOSOS  
E BEM MOBILADOS, DE  
ONDE SE DIVISAM LIN-  
DOS PANORAMAS — 2 SA-  
— LAS DE JANTAR —

**BOM SERVIÇO  
DE MESA**

**PROPRIETÁRIO**

*Francisco Pais Cardoso*

**TELEFONE 17**

QUARTOS DE BANHO —  
LUZ — GARAGE — CAMPAI-  
NHAS ELÉCTRICAS — AGUA  
CANALISADA, QUENTE E  
— FRIA —

**AR PURÍSSIMO  
E SÊCO**

**MANGUALDE**

# José d'Almeida Azevedo

GERENTE DA CENTRAL DE MANGUALDE EM  
LIGAÇÃO COM A ESTAÇÃO DE CAMINHOS DE  
FERRO DA BEIRA ALTA, MANGUALDE. FAZ  
VENDA DE BILHETES, DESPACHOS DE BAGAGENS,  
GRANDE E PEQUENA VELOCIDADE PARA TODOS  
OS DESTINOS E FAZ ENTREGA DE MERCADORIAS  
— — — AO DOMICÍLIO — — —

**TELEFONE N.º 39**

Telefones { **FÁBRICA 64**  
**ESCRITÓRIO 61**

## Mangualde Industrial, L.<sup>da</sup>

(M. I. L.)

**MOAGEM E LAGAR DE AZEITE**

**MANGUALDE**



Telefone 38

## Ferragens e Oficina de Serralharia Francisco Cardoso Ramos

Noras para poços — Fogões circulares e semi-circulares com aquecimento para distribuição de água quente — Portões e grades — Tubos de ferro e montagem de canalizações — Charruas e prensas de lagares — Ferro, ferragens, tintas para construções e pregaria — Sub-agente do cimento «Liz», e dos produtos fibro-cimento LUSALITE — Tubos de gréz e —::— mais materiais de construção —::—

M a n g u a l d e

End. Teleg.: TECIDOS

Telefone 26

## ADELINO AMARAL

EX-SÓCIO DA ANTIGA E EXTINTA FIRMA

### CONCEIÇÃO & AMARAL

**Armazém de lanifícios e chalaria**

VENDAS SÓ POR JUNTO — A PRIMEIRA CASA  
DO GÊNERO NA PROVÍNCIA

M a n g u a l d e

Telefone 15

## Mário Lopes & Irmão

**Armazém de Lanifícios e Chales**

M a n g u a l d e

Telefone n.º 10

## Zacarias Cardoso do Couto

Armazém de Mercaria, Azeite, Farinhas, Cereais e Adubos

DEPOSITÁRIO DE TABACOS E FÓSFOROS

M A N G U A L D E

Telefone 6

OFICINA DE REPARAÇÕES EM AUTOMOVEIS

## ANTÓNIO VENÂNCIO

Rectificação e Encamisagem de Motores —  
Reparação e cargas em baterias — Soldaduras a Autogénio e a Electrogénio — Fabrico rápido de molas para automóveis — Sortido em peças para automóveis — Construtor de gasogénios da marca (AZURARA-GAZ para viaturas ligeiras e pesadas

M a n g u a l d e

Telefone 56

## Gilberto Ribeiro de Lemos

**COMISSOES E CONSIGNAÇÕES**

Agente das Companhias de Seguros: «Union Assurance Society, Ltd» «Legal & General» «Garântia» «Sagres» — Agente da: Thomson-General E. Portuguesa, L.ª — Rádios R C A e G E — Agente da Philips Portuguesa Rádios e Lâmpadas — Agente da Socony-Vacuum Oil Company Inc. — (Gazolina Óleos e Petróleo) e dos pneus Seiberling, Kelli, Dunlop, Michelin e Fisk e tintas Lagoline e Duco

M a n g u a l d e

## FERRÃO & CABRAL

FORNECEDORES, SÓ POR JUNTO. DE FAZENDAS BRANCAS

REPRESENTANTES DA FÁBRICA DE CERÂMICA DE CARVALHINHO, L.da; DA KODAK, L.da, E DOS RÁDIOS «PONTO AZUL», «PILOT», «LORENZ», «OLIMPIA» E «ZENITH»

Mangualde—Largo do Rocio

## LABORATÓRIOS DA FARMÁCIA FELIZ

DIRECÇÃO TÉCNICA  
DE

*António de Almeida Felix*

Preparação de produtos injectáveis, rigorosamente titulados e esterilizados — Especialidades Farmacêuticas e esterilização de pensos

Telefone 21

M A N G U A L D E



# Irmãos Carvalhos

Serração, Moagem e Carpintaria Mecânicas  
Construções e Depósito de MADEIRAS

TELEFONE 54 — Rua General Carmona  
**MANGUALDE**

TELEFONE 22

*Correia & Correia*

Armazém de Lanifícios

**MANGUALDE**

PAPELARIA BEIRÃO

DE

*José Beirão Cabral Rodrigues*

**Papelaria — Tipografia — Livraria**

TIPOGRAFIA

*Execução rápida e perfeita em todos os trabalhos tipográficos*

IMPRESSÃO A CÔRES

Completo sortido em papelaria

Objectos para Escritório — Artigos para Colegiaes

Novidades Literárias — Obras em todos os géneros

Livros Escolares

**MANGUALDE**

**Viúva de Joaquim Marques Azevedo**

**Pensão e bons quartos**

com Estabelecimento de Merceria, Sal e Vinhos por junto e a retalho.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

SUCURSAL EM CASTENDO com depósito de Telha, Sal e Cal

**MANGUALDE — (Gare)**

**CASA CONFIANÇA**

**Zulmira A. Lopes da Costa**

**Fazendas e Mercarias**

Representante das Máquinas de Costura «NAUMANN»

**Rua do Grémio — MANGUALDE**

**CAMPOS, CORREIA & C.<sup>A</sup>**

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

RECLAMAÇÕES E INVESTIGAÇÕES NO CAMINHO DE FERRO

**Agência de Despachos em GOUVEIA — (Gare)**

**Fábrica de Lanifícios**

**M E L O**

de \_\_\_\_\_

**António Gomes**

**Sede: Gouveia — VINHÓ**

**Telefone: GOUVEIA 60**

**António dos Santos**

**COMERCIANTE**

**Mangualde da Serra**

**GOUVEIA**





## GOUVEIA

Em cima — Teatro Cine

Em baixo — Vista geral





Telefone 9 — GOUVEIA

Telegramas «INDUSTRIAL»

# Sociedade Industrial de Gouveia, L.<sup>da</sup>

FÁBRICA DE LANIFÍCIOS, FIAÇÃO E TECIDOS

Grande Prémio de Honra na Grande Exposição Industrial de 1932



AGÊNCIA EM LISBOA

RUA DA PRATA, 184-1.º — Telefone 2 6777

## João Lopes da Costa Alçada

FÁBRICA DE LANIFÍCIOS

TELEFONE 38 — GOUVEIA



**EMPRESA DE  
TRANSPORTES**

**GOUVEENSE, L.<sup>DA</sup>**



CAMIONETES DE ALUGUER E CARREIRAS  
DIÁRIAS PARA A ESTAÇÃO DE GOUVEIA

DE

**Bernardino do Nascimento**

Negociante de Cereais, Legumes  
e Materiais de Construção



**GOUVEIA—GARE**



# CAFÉ CENTRAL

BEBIDAS DE TODAS AS QUALIDADES



INSTALAÇÕES MODERNAS



G O U V E I A

# TEATRO CINE

UM DOS MELHORES  
DAS PROVÍNCIAS

G O U V E I A

## Joaquim Marques

FÁBRICA DE SERRAÇÃO E MATERIAIS  
DE CONSTRUÇÃO CIVIL — ARMAZÉM  
DE MADEIRAS APLAINADAS E EM  
— BRUTO, LENHAS, CAL E SAL —

G O U V E I A

## Albano Nunes da Fonseca

Fabrica de Refrigerantes e Pirolitos

«SERRA DA ESTRÊLA»

(FUNDADA EM 1929)

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA,  
— :: — VINHOS E MIUDEZAS — :: —

FAZENDAS, VIDROS, LOUÇA ES-  
— MALTADA, PANOS CRÚS, ETC.. —

G O U V E I A

## António Rafael, Suc.<sup>res</sup>

MARCENARIA E FÁBRICA DE  
LANÇADEIRAS PARA TEARES  
MECANICOS — PERCHADAS, CA-  
— NELAS, ETC. —

Premiada com medalha d'Ouro na Grande Exposição  
Industrial Portuguesa de 1932

G O U V E I A — Portugal

## Alberto Nunes Leitão

G O U V E I A



ARMAZÉM DE BATATA E CEREAIS NA  
RUA WASHINGTON, N.º 7-C e 7-D  
L I S B O A

ESTABELECIMENTO

DE

## José Ferreira Amaral



Mercearia, Fazendas Brancas e Miudezas



G O U V E I A — S. Paio

Telefone n.º 29

## RICARDO MOTA

L A N I F Í C I O S

CORRESPONDENTE DO

Banco Português do Atlântico

G O U V E I A



Telefone

CABINE PÚBLICA



*Celestial Rodrigues*

NEGOCIANTE DE CEREAIS, SAL E PEIXE  
— DAS PRINCIPAIS PRAIAS DO PAÍS —  
(À COMISSÃO)

Beira Alta — CATIVÉLOS

**António Nogueira Abrantes**

*Mercearia, Vinhos e Miudezas*

POVOA DA RAINHA  
Cativelos — GOUVEIA

**Estevão Ubach & C.<sup>a</sup>**

(Casa fundada em 1870)

FÁBRICA DE LANIFÍCIOS

ESPECIALIDADE EM FIOS  
PARA TRICOT E MALHAS

GOUVEIA — S. PAIO

Tele { gramas «BATATAS»  
fone 13

**A. Lopes & Irmão, L.<sup>da</sup>**

GARAGE E OFICINAS

OLEOS, GAZOLINA, ACESSÓRIOS E ROLA-  
MENTOS. FABRICANTES DE ACESSÓRIOS  
PARA AUTOMÓVEIS

Pneus «MICHELIN» e «FIRESTONE»

**Gouveia**

FÁBRICA DE REFRIGERANTES

**«HERMINIOS»**

**G O U V E I A**

Padaria Estrêla

*Alfredo Sario Júnior*

(CONHECIDO POR ANTÓNIO CACHO)

**G o u v e i a**



# Sebastião Aires de Albuquerque

COMERCIANTE DE VINHOS E SEUS DERIVADOS

Cativelos—PÓVOA DA RAINHA

(BEIRA ALTA)

Telegramas: «BELLINOS.»

TELEFONE N.º 15

# Bellinc & Bellinc

FÁBRICA DE LANIFÍCIOS

TECIDOS—FIOS D'ESTAMBRE

G O U V E I A

António Augusto Lopes da Costa, Sucessores

FÁBRICA DE LANIFÍCIOS

Telefone - GOUVEIA 58

MOIMENTA DA SERRA



Telefone 59

Jacinto A. Moura

Fábrica de Lanifícios da Cêrca

GOUVEIA

Fábrica de Lanifícios

ÚNICA FUNDADA POR

ANTÓNIO AUGUSTO LOPES DA COSTA

e cujos produtos foram premiados nas  
exposições de Paris 1878, 1888 e  
1889 e de Lisboa 1888, 1893 e 1932

Viúva Lopes da Costa & Filhos

TELE FONE — GOUVEIA 55  
GRAMAS — VILOCOFI

Moimenta da Serra

**Lanifícios**

de

AUGUSTO  
FIGUEIREDO  
SAMPAINHO



TELEFONE 45

GOUVEIA

Sociedade Industrial

Zarcão, L.<sup>da</sup>

SEPARAÇÃO  
E FUNDIÇÃO  
DE MINÉRIOS



Vila Cortês

GOUVEIA

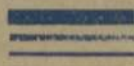


TELEFONE 57

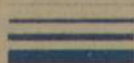
## «Gouveia-Hotel»

PROPRIETÁRIOS:

«EMPRESA GOUVEIA--HOTEL»



Um dos melhores Hoteis das Beiras



ÁGUA CORRENTE EM TODOS OS  
QUARTOS, QUENTE E FRIA. —  
QUARTOS COM «APARTE-MAM»  
— EM TODOS OS ANDARES —

Telefone n.º 2

## António Almeida & C.<sup>a</sup>

GOUVEIA — Gare



ARMAZÉM DE MERCEARIAS CEREAIS E FARINHAS  
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO



Depositários { da Companhia União Fabril de (Lisboa)  
da Tabaqueira  
e da Companhia de Moagens Harmonia

## António Pereira Godet

Estabelecimento de Mercaria, Vinhos e Miudezas

P A D A R I A

Gouveia — MOIMENTA DA SERRA

## António Amaral

VINHOS, MERCEARIAS, LOIÇAS, VIDROS  
E MIUDEZAS

Cativélos

## Eduardo Saraiva de Carvalho

Comissões e Consignações

SEGUROS DE VIDA — FOGO E ACIDENTES —  
CORRESPONDENTE DO BANCO Borges & Irmão

End. Teleg. — EDUARDO CARVALHO  
TELEFONE 49

GOUVEIA

# Lafayette Filipe



# GABINETE TÉCNICO

PROJECTOS E CONSTRUÇÕES

LABORATÓRIO de ANÁLISES ..

QUÍMICO-INDUSTRIAIS ..



PLANOS DE

ELECTRIFICAÇÃO



Gouveia



Pôsto de franquias postais e valores selados

Postais de Gouveia e Serra da Estrêla

LOTARIAS

TABACARIA CENTRAL

Tabacos, Papelaria, Artigos de Escritório, Romances e Jornais

Praça Vasco da Gama

GOUVEIA

Sérgio Lopes Amaral

e

Juvenal Soares

Com Fábrica de chinelos com piso de Pneu

CATIVELOS — Póvoa da Rainha

José Abrantes Coelho

Fornecedor de Queijo da Serra, das melhores procedências da Serra da Estrêla de frutas verdes e secas e de vinhos e aguardentes da Região do Dão

Premiado em todas as exposições a que tem concorrido

Premiado com medalhas de prata nas exposições do Rio de Janeiro e Guimarães e medalha d'ouro no Congresso Regional em Vizeu, 1922

Beira Alta — CATIVELOS

IRMÃOS BENTOS

Café Popular

Instalações modernas e luxuosas

CELORICO DA BEIRA

Artur Lopes de Andrade

com

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS, MERCEARIA, FERRAGENS, DROGAS, CALÇADO, CHAPEUS, MIUDEZAS, — BATATA, CASTANHA, NOZES, CAL, SAL E TELHA —

CELORICO DA BEIRA — Gare

PADARIA LISBONENSE

Viúva de Alfredo Gonçalves Viana

Fabrico de pão fino tipo espanhol, centeio especial, pão regional e de luxo

CELORICO DA BEIRA — Gare

A PRIMOROSA

Depósito de Lã Churra, Banha e Cereais

MANUEL DA SILVA

Completo sortido de fazendas de lã, sêda e algodão, mercearia, miudezas, ferragens, louças de Sacavém e esmalte, vidros, chapéus, guarda-sóis, papelaria e outros artigos

CELORICO DA BEIRA

Secção de OURIVESARIA e Moagem de CAFÉ A ELECTRICIDADE

Osório & Filho

Fazendas Brancas, Vidros, Drogas, Ferragens, Chapéus, Mercarias e Miudezas

Correspondente dos Bancos Português do Continente e Ilhas e Nacional Ultramarino

CELORICO DA BEIRA

Grandes Armazéns da Beira

de

António Lopes de Almeida & F.<sup>os</sup>, L.<sup>da</sup>

Depósito de bacalhau, azeite e sabão, massas e farinha, anexo ao estabelecimento

Importadores de tripa, pimentos e especiarias, etc.

Vendas por junto e a retalho

Stock «ATLANTIC»

GASOLINA, PETRÓLEO E ÓLEOS

Tudo por secções

Secção de Lanifícios

Secção de Fazendas Brancas

Secção de Chapelaria

Secção de Retrozaria

Secção de Miudezas

Secção de Louças e Vidros

ALQUILARIA

Secção de Mercearia

Secção de Confeitaria

Secção de Ferragens

Secção de Tintas e Óleos

Secção de Calçado

Secção de Papelaria e outros artigos

AUTOMÓVEIS

Automóveis de aluguer: NASH, FIAT e FORD e camiones CHEVROLET

Serviço de transportes — Padaria e pescarias — Conta própria

Compram-se lãs, trapo, Sucatas, metais, etc.

Compra e venda de cravagem de centeio em larga escala

Compra e venda de Azeites, cereais e legumes

Agência oficial de pneumáticos GOODYEAR

Telegramas: VIÚVA ALMEIDA — Telefone n.º 11

Praça da República

CELORICO DA BEIRA

António d'Almeida (Dai)

COMERCIANTE DE BATATA, AZEITE, NOZES E CASTANHAS

CELORICO DA BEIRA — Gare



## Pensão Emitério

*Estabelecimento de vinhos finos  
—:—:— e de consumo —:—:—*

FERRAGENS, PAPELARIA, ETC.

*Magnífico serviço em almoços e  
:: jantares — Bons aposentos ::*

**Celorio da Beira**

## PENSÃO MONDEGO

A mais bem situada e a que melhor serve

••

ALMOÇOS — JANTARES — DORMIDAS

••

Largo Machado dos Santos  
**CELORICO DA BEIRA**

Tele | gramas «AMIL»  
| fone N.º 2

# Aliança Minero-Industrial, Limitada

Minas, Minérios e Oficina de Separação e Fundição



**CELORICO DA BEIRA-GARE**

## Pensão Santinho

Mercearia, Vinhos e Tabacos

**Celorio da Beira - Gare**

## PENSÃO Alberto Rodrigues

BATATA, CASTANHA, NOZES, CE-  
REAIS, LÃ, VINHOS FINOS E DE CON-  
SUMO, AZEITE, MERCEARIA, LOUÇAS,  
—:—:— VIDROS E MIUDEZAS —:—:—

Sal, Adubos, Enxôfre, Sulfato de Cobre e Artigos de Cerâmica

PALHA DE TRIGO PRENSADA, SE-  
MENTE DE ERVA E PINHÃO BRAVO

**Celorio da Beira - Gare**



Telefone N.º 22

**José Manuel de Carvalho & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

Casa de muitos artigos por junto e a retalho  
Fazendas e modas-Depositários das Companhias de Tabacos e Fósforos

Agentes e correspondentes dos Banco de Portugal — Borges & Irmão — Banco Pinto & Sotto Maior — José Henriques Totta, L.da — Credit Franco Portugais — Bank of London — Banco del la Nacion Argentina — Banco da Estremadura — Fernandes Magalhães, L.da — Banco do Alentejo — Banco Commercial do Porto — José Emilio R. de Magalhães — Joaquim Pinto Leite & Filhos, e das Companhias de Seguros «Garantia», do Porto, «Portugal Previdente» e «Mundial» de Lisboa

CELORICO DA BEIRA

**Padaria Lusa**

de JOSÉ SARAIVA

*Fabrico de pão fino, tipo espanhol, centeio especial, pão regional e de luxo*

**Edifício próprio com instalações  
— higiénicas e modernas —**

Celorico da Beira

Estabelecimento de Fazendas, Modas e Miudezas

(Casa fundada em 1860) — CHALET-VERDE

**Pinheiro & Irmão, L.<sup>da</sup>**

SUCESSORES DE

JOAQUIM LOURENÇO DA SILVA

Correspondente dos Bancos: Espirito Santo e Commercial de Lisboa, Aliança, Borges & Irmão, Cupertino de Miranda & C.<sup>a</sup>, e da Companhia —:::— de Seguros «Tranquilidade» —:::—

83, Rua Sacadura Cabral, 91 — CELORICO DA BEIRA

**António Rodrigues Amaral**

BATATA, CASTANHA, NOZES E CEREAIS  
— MERCEARIA, FAZENDAS DE Lã E  
ALGODÃO —

CELORICO DA BEIRA (Gare)

CASA COMERCIAL  
DE**José David Albuquerque**

Lanifícios, Fazendas Brancas, Modas, Miudezas, Chapelaria, Vidraria, Ferragens e Louças — Papelaria e objectos para escritório

Agente de «O SECULO»

Kodaks e películas para fotografias — Armazém de Merceria — Comissões e consignações — Agente da SHELL — Correspondente de várias Companhias de Seguros — Agente Bancário

Telefone n.º 8 — RUA SACADURA CABRAL  
Celorico da Beira

Estabelecimento de Fazendas

DE

**Manuel Fernandes Alves**

CELORICO DA BEIRA

**Manuel de Sena**

COM

ARMAZEM DE PELES DE COELHO E OUTRAS

SUCATAS DE METAIS E FERRO, CERA E TRAPÓS —  
SARRO E BORRAS DE VINHOS — MERCEARIA, DEPÓSITO  
— SITO DE SAL E CARVÃO DE PEDRA —

DESPACHO CENTRAL (Serviço combinado  
com os Caminhos de Ferro da Beira Alta)

CELORICO DA BEIRA

**JOAQUIM DO BENTO  
ALFAIATARIA E CHAPELARIA**

Esmerado acabamento em fatos para homem e género tailleur para senhora

AGENTE DAS MÁQUINAS DE COSTURA SINGER  
A MELHOR DO MUNDO — VENDAS A PRONTO E  
A PRESTAÇÕES

**R. Andrade Côrvo** (Em frente da Câmara Municipal)  
CELORICO DA BEIRA

Manual do Viajante em Portugal

Pedidos à **Gazeta dos Caminhos de Ferro**  
ou ao seu autor *Carlos d'Ornellas*,  
Rua da Horta Sêca, 7—LISBOA



TELEFONE, do Estado (Cabine Pública)

# António Lopes Lagarto

ARMAZÉM DE MATERIAIS  
DE CONSTRUÇÃO, SAL,  
— MERCEARIA, ETC. —

FÁBRICA DE SERRAÇÃO  
A VAPOR — AUTOMÓVEIS  
— DE ALUGUER —

FORNOS D'ALGODRES — Gare

## Pensão Tavares DE AVELINO LUIZ TAVARES

ESMERADO SERVIÇO DE MESA, ACEIO  
— E MODICIDADE DE PREÇOS —

Fornos de Algodres.

## Irmãos Santos

AUTOMOVEIS E CAMIONETES DE ALUGUER  
Serviços combinados com os Caminhos de Ferro da BEIRA ALTA  
Sub-Agente da «ATLANTIC»

Fornos de Algodres — Gare

## António Paulo dos Santos

LANIFÍCIOS, FAZENDAS BRANCAS, MERCEARIA, DROGAS,  
FERRAGENS, PAPELARIA, LOUÇAS E VIDROS

Completo sortido em artigos funerários e flôres artificiais

Estanqueiro das Fábricas do Estado — Sub-Agente dos  
Produtos da ATLANTIC — Correspondente da Companhia  
de Seguros TÁGUS — Depositário de Tabacos e Fósforos —  
Representante da Sociedade de Anilinas, Lda

Fornos de Algodres

## FARMÁCIA CENTRAL

ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS,  
PRODUTOS QUÍMICOS,  
ARTIGOS DE BORRACHA, ETC.

FORNOS DE ALGODRES

## J. Germano Vicente Domingues

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

Vila Franca das Naves

## FÁBRICA DE SABÃO

MERCEARIA, MIUDEZAS, VINHOS E SAL

*Alfredo Var Franco*

BATATAS, CASTANHAS, NOZES, DIVER-  
SOS CEREJAIS, CRAVAGEM DE CENTEIO  
— TRAPÓS E FERRAGENS —

Carros de Aluguer

VILA FRANCA DAS NAVES

## A BARATEIRA

— DE —

José Augusto Ramalho

COMPLETO SORTIDO EM CHALES, LA-  
NIFÍCIOS E MIUDEZAS — CHAPELARIA  
— E GRAVATARIA —

TRANCOSO

## RELOJOARIA CUNHA

DE

*Artur Mendes Cunha*

Relógios, Pratas, Artigos Eléctricos, Rádios, etc.

Rua Fernandes Vaz — TRANCOSO

*Manual do Viajante em Portugal*

Pedidos à Gazeta dos Caminhos de Ferro  
ou ao seu autor Carlos d'Ornellas,  
Rua da Horta Sêca, 7 — LISBOA



*António Augusto Domingues*

ARMAZEM DE BATATA  
— CASTANHA — NOZES —  
CRAVAGEM DE CENTEIO

AVENIDA 1.º DE DEZEMBRO  
TELEFONE — Pôsto 2. com aviso

L. ã s

COMISSARIO DA FEDERAÇÃO  
NACIONAL DOS INDUSTRIAIS  
— :: — DE LANIFÍCIOS — :: —

T R A N C O S O

**Bernardino J. Pereira**

ARMAZEM DE MERCEARIAS E DIVERSOS ARTIGOS

Agente da Fábrica de Cerveja

COMPANHIA UNIÃO FABRIL PORTUENSE  
SOCIEDADE DE REFRIGERANTES  
— BUSSACO, L.<sup>da</sup> —

Correspondente dos Bancos e Casas Bancárias

BORGES & IRMÃO, ESPIRITO SANTO,  
ALIANÇA, CRÉDIT FRANCO PORTUGAIS,  
SOUSA, CRUZ & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup> E FONSECAS,  
— SANTOS E VIANA —

Depositário dos fósforos da SOCIEDADE NACIONAL DE FÓSFOROS

T R A N C O S O

**António Paulo de Oliveira**

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

Venda por junto — Fabricação na Covilhã

VILA FRANCA DAS NAVES



# Santiago & C.<sup>a</sup>, Limitada

## ARMAZEM DE MERCEARIAS

*Ferragens, Ferramentas, Ferro,*

*Aço e Carvão de Forja*

*Chapa de Ferro e Zincada.*

*Folha de Flandres e Estanho.*

## PÓLVORAS PARA CAÇA E MINAS

*Chumbo em Barra, Laminado e para Caça*

## CAL, TIJOLO, VIDROS E TINTAS

### Agentes de

*Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.*

*Sociedade Central de Cervejas.*

*«Cidla» (Produtos Sacor).*

*«Seiberling» (Pneus e Camaras de Ar).*

*«Lusalite» (para Construções e Canalisações).*

*«Sécil» (Cimentos).*

*Depósito da Companhia Previdente.*

## EXPLOSIVOS, CAPSULAS E RASTILHOS

**T R A N C O S O**

# Arnaldo Ferreira

## A ELECTRO-METALÚRGICA DA BEIRA

### Stand e oficinas:

Rua Doutor Castro Lopes

Telegramas: AUTOMÓVEIS

**T R A N C O S O**

### Stand de Exposição:

20, Rua 31 de Janeiro, 22

Telefone 47

**G U A R D A**

**AUTOMÓVEIS**

CONCESSIONARIO OFICIAL



**PEÇAS LEGITIMAS**

**REPARAÇÕES**

**STOCK DE PNEUS:** Michelin, Goodyear, Firestone, Dunlop, Englebert e Continental

**Gasolina, Petróleo e Oleos**

Sub-Agência da  
**VACUUM OIL COMPANY**

Máquinas industriais e agrícolas  
Bombas e seus pertences

### Correspondente do

*Banco de Portugal, Banco Nacional Ultramarino, Banco Pinto & Sotto Mayor,*

*Banco Português do Continente e Ilhas e Cupertino de Miranda & C.<sup>a</sup>*



## João Luiz da Costa Pena

ARMAZÉM DE FERRO E FERRAGENS  
— FAZENDAS E MIUDEZAS —



Depositário da VACUUM OIL COMPANY

CORRESPONDENTE DOS BANCOS:  
LISBOA & AÇORES  
BORGES & IRMÃO  
E  
NACIONAL ULTRAMARINO

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

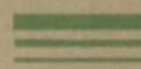


Vila Franca das Naves

## PENSÃO POPULAR

— DE —

JOSÉ RODRIGUES



VILA FRANCA DAS NAVES

*José Diniz Ferreira*

NEGOCIANTE DE MADEIRAS



VILA FRANCA DAS NAVES

## FARMÁCIA PEREIRA

DE

José Albano Pereira

AVIAMENTO DE RECEITUÁRIO

ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS — ÁGUAS MINERAIS  
— PRODUTOS QUÍMICOS, PERFUMARIAS, ÓCULOS, ETC.

Pôsto de Socorros da Companhia da BEIRA ALTA

VILA FRANCA DAS NAVES

## FUNDIÇÃO DE SINOS

FAZ TODA A QUALIDADE DE OBRA  
EM COBRE E METAL AMARELO,  
COMO: CALDEIRAS PARA LAGARES  
DE AZEITE, ALQUITARRAS, ALAMBI-  
QUES, MAQUINAS E TUDO QUE  
— PERTENÇA À ARTE —

Compra e vende metais, novos e velhos  
Preços sem competência



João Rodrigues Fernandes

(CASA FUNDADA EM 1850)



AVENIDA SANTA LUZIA  
TRANCOSO

## ABÍLIO AMADO

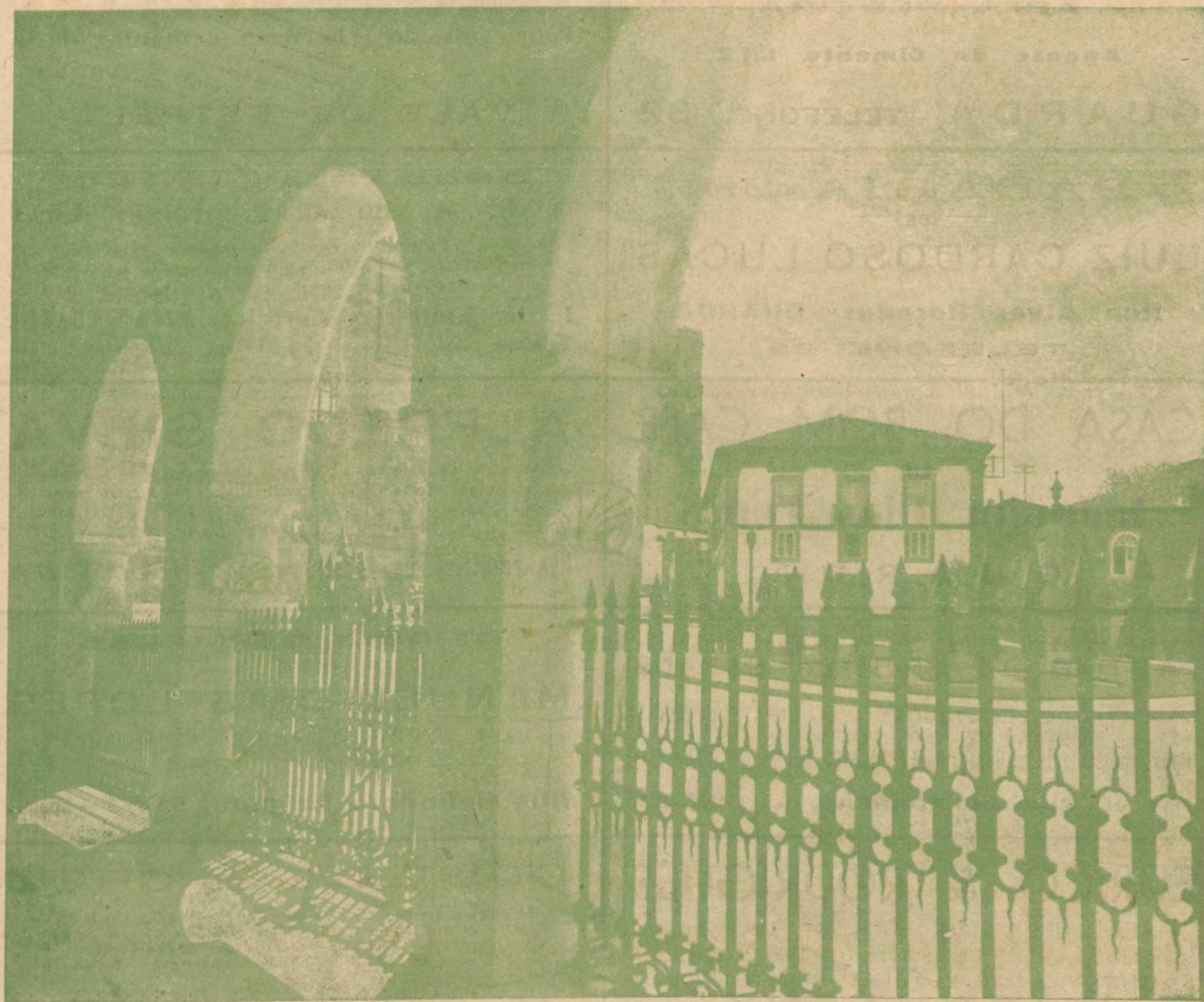
FAZENDAS, MIUDEZAS, PAPELARIA,  
— FERRAGENS E MERCEARIA —

ESTANQUEIRO DE PÓLVORA DE  
CAÇA E BOMBARDEIRA «AFRICANA»

Bicicletes e seus acessórios

VILA FRANCA DAS NAVES





GUARDA — Atrio da Câmara Municipal

## Sociedade Comercial Guardense, L.<sup>da</sup>

**REPRESENTAÇÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PRÓPRIA**

**MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO** — LOUÇA SANITÁRIA, AZULEJOS E MOSAICOS  
— BANHEIRAS, FOGÕES, AUTOCLISMOS E FERRO REDONDO PARA CIMENTO  
ARMADO — TORNEIRAS EM AMARELO E NIQUELADO — TUBOS DE FERRO  
GALVANISADOS E ACESSÓRIOS — ALVAIADES, OLEOS, VERNIZES E AGUARRAZ

**Agentes depositários da Água de Luso — Cervejas e Laranjadas**

**ARMAZÉM:**

33, Largo Eduardo Proença, 35 \* 5, Largo Eduardo Proença, 6

**ESCRITÓRIO:**

**GUARDA**

**Telegramas: GUARDENSE**



## CAFÉ MONDEGO

ABEL PEREIRA

Agente do Cimento LIZ

GUARDA — TELEFONE, 32

## PADARIA 28

DE

LUIZ CARDOSO LUCAS

Rua Alves Roçadas — GUARDA

TELEFONE 28

## CASA DO BOM CAFÉ

DE

Joaquim Dias Lopes

GUARDA

## António Amaro Pereira

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO — MADEIRA E LENHAS

Unico representante na Guarda da FÁBRICA DE TELHA DA COJA, L.<sup>da</sup>

Telefone 68 — RUA DO TORREÃO, 9 — GUARDA

## EURICO & RODRIGUES

MERCEARIAS, COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES — AGENTES NO DISTRITO DA GUARDA, DA MÁQUINA DE COSTURA

«HUSQVARNA»

29, RUA 31 DE JANEIRO, 33 — GUARDA

Tele-fone n.º 35  
gramas Alexandre Alves — GUARDA

V.<sup>a</sup> Alexandre da Costa Alves

Marcenaria Mecânica — Agência Funerária

— Urnas e todos os artigos para funerais e

— auto-funebre para trasladações —

Rua 31 de Janeiro — GUARDA

## A ELECTRO CICLISTA

Mário Nunes Guimaraes

Reparações e acessórios para automóveis e bicicletas



RECEPTORES: MARCONI, PHILCO, ORION,  
ANDREA RÁDIO E STEWART WARNER

AERODINAMOS

RUA DO CAMPO, 33 (Largo dos Correios) — Telefone 165

## Manuel d'Almeida Vale

Fabricante de cobertores e mantas de lã

VALE DE ESTRÊLA

## DROGARIA «UNIÃO» DE B. M. da C. Gonçalves Pires

Produtos químicos, farmacêuticos e industriais. — Águas minerais. Tintas, alvaides, óleos, vernizes; vidros, etc. — Artigos para pirotécnicos — Secção de perfumaria e papelaria

R. do Campo (ao Correio), 27-A — GUARDA

Telefone 123

Teleg. «Drogaria União»

## ALFREDO SILVA

Armazém de madeiras e materiais de construção — Cimento, Cal branca, Telha, Tijolo, Manilhas de grês e Louças Sanitárias — Agente Geral no Distrito da Guarda da CAL HIDRAULICA da «MARTINGANÇA»

Rua Francisco de Passos, n.º 57 — GUARDA

## OFICINA DE MALAS

DE

## MANUEL DIAS LOPES

CASA DE PASTO — REFEIÇÕES E CAMAS

A QUALQUER HORA

Rua Heliodoro Salgado, 51-53 — GUARDA

## GOLVEIA & CRUZ

Madeiras aparelhadas e em bruto — Telha, Tijolo, Cal Hidráulica, e outros materiais de construção — Agentes no distrito da Guarda do CIMENTO SECIL e da Fábrica Cerâmica da ESTRELA D'ALVA — Lenhas, etc.

COMISSÕES — CONSIGNAÇÕES

Travessa da Rua V. Borges — GUARDA — Telefone 113

## António Bernardino da Costa

COM FÁBRICA DE COBERTORES E MANTAS DE LÃ PARA O CONSUMO DO

CONTINENTE E AFRICA

GUARDA — Vale de Estrêla

Estação de Caminho de Ferro — SABUGAL

Endereço Teleg.: ANTÓNIO VALE

## António d'Almeida Vale

BATATAS, CASTANHAS E NOZES

(ARMAZÉM JUNTO À ESTAÇÃO DO SABUGAL)

Secção de Fábrica de Cobertores de Lã

GUARDA — VALE DE ESTRÊLA





FÁBRICA DE LANIFICIOS

**ARTUR  
COSTA**

FIOS PARA TRICOT E TAPETES

**GOUVEIA — S. PAIO**

**Manuel Coelho d'Albuquerque**

NEGOCIANTE DE PEIXE, SAL,  
— TRIPAS E PIMENTO —

**Beira Alta — CATIVÉLOS**

*Manuel Pinto & Irmão*

CEREAIS, BATATA, PALHAS, CENTEIO E MAIS PRO-  
DUTOS DA REGIÃO — FABRICO DE RESUNTOS À  
ESPANHOLA (JAMON SERRANO)

**Beira Alta — FREINÊDA-GARE (PORTUGAL)**

**MANUEL JOSÉ QUINAZ**

Depositário da VACUUM OIL COMPANY e da SOCIEDADE AFRICANA DE PÓLVORA  
CORRESPONDENTE DE BANCOS

*Fazendas de lã e Algodão, Mercaria e Cereais,  
Depósito de Vinhos e outros artigos, Tabacos  
Nacionais e Madeiras*

**FREINÊDA-GARE**

INDUSTRIA DE MOAGEM

**SIMÕES & IRMÃO**

FARINHAS DE CENTEIO ESPUADAS - 1.<sup>a</sup> E 2.<sup>a</sup> QUALIDADE

**BEIRA ALTA — FREINÊDA**

**Júlio da Costa Daniel & Filho**

**FÁBRICA DE MARROCOS**

COBERTORES DE PÁPA E OUTROS —  
FIOS PARA TAPETES — FIOS PARA MA-  
LHAS — CARDAÇÃO E FIAÇÃO DE LÃS

**GUARDA — TRINTA**

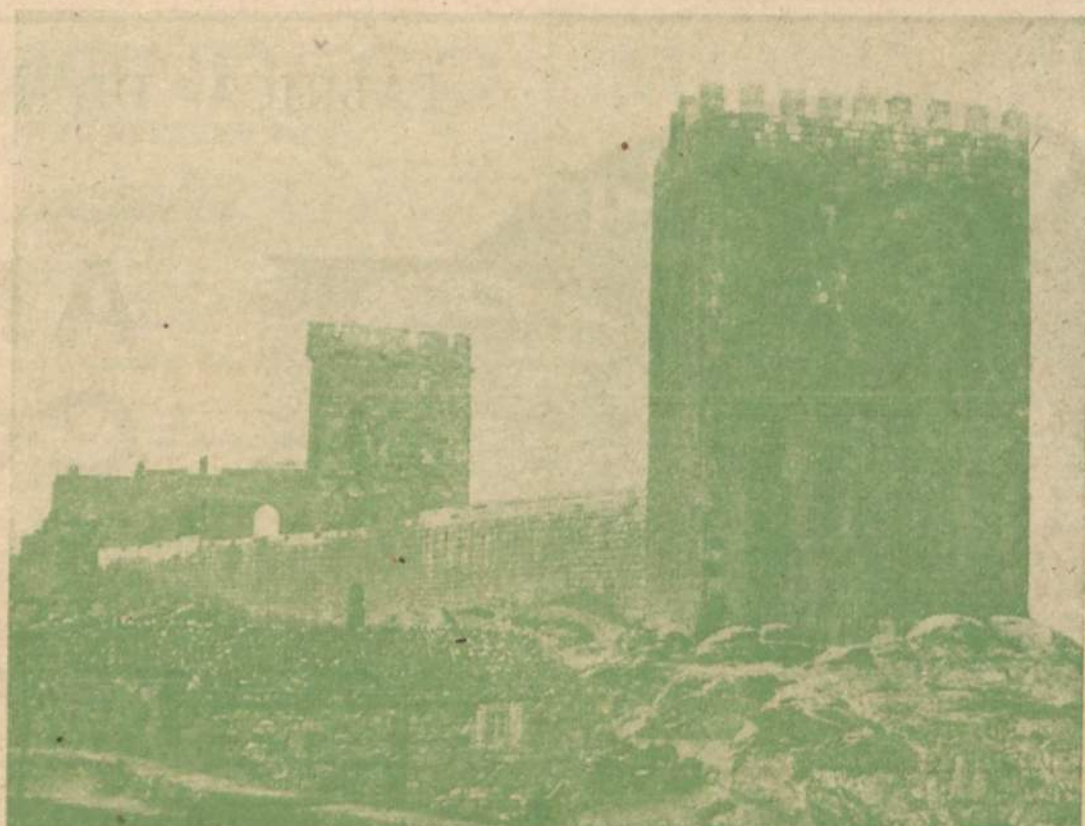
**FÁBRICA SEPOL**

Telefone 14 — GUARDA

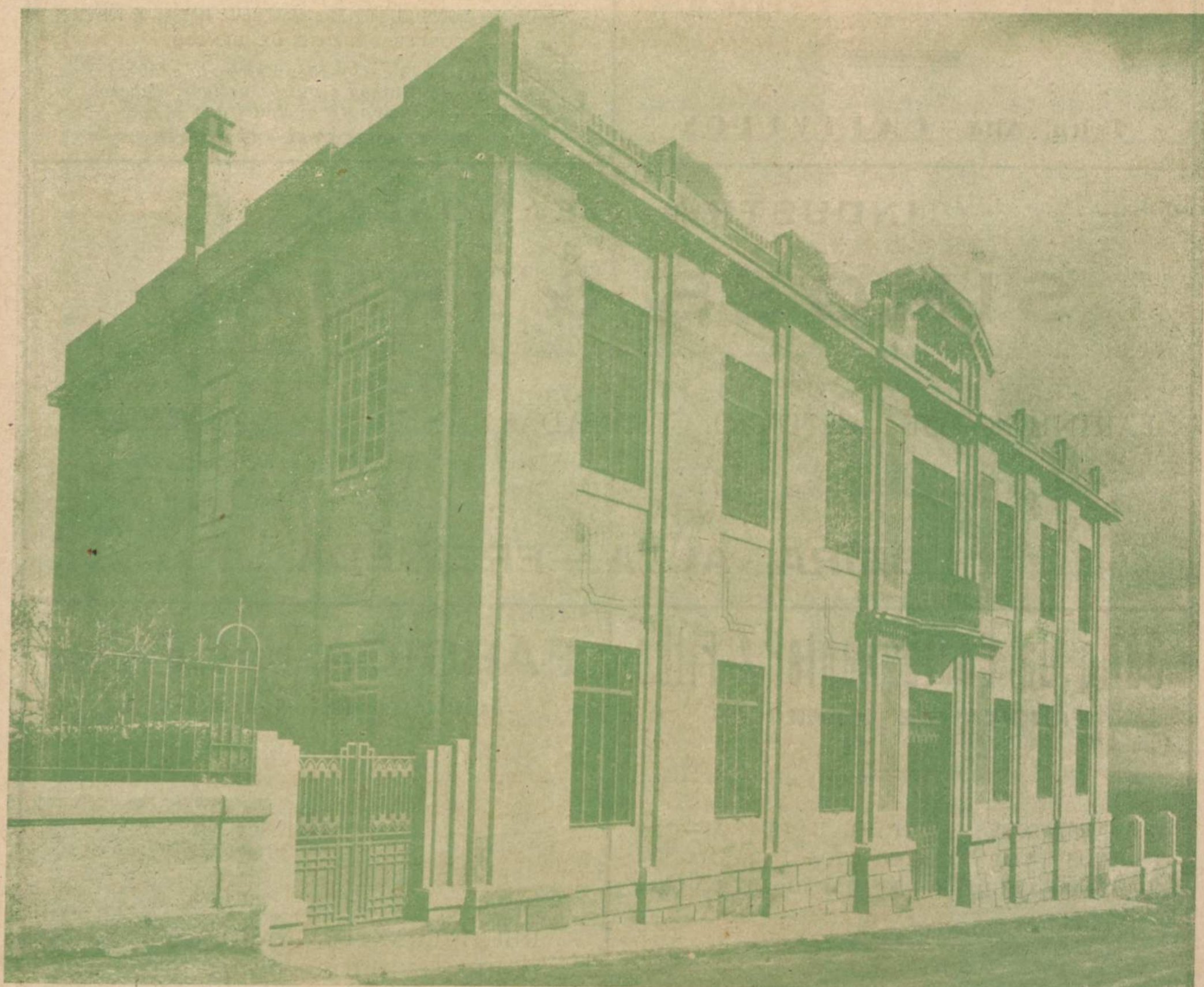


REFRIGERANTES, XAROPES E LI-  
CORES — VINHOS DO PORTO E  
— ESPUMANTES —



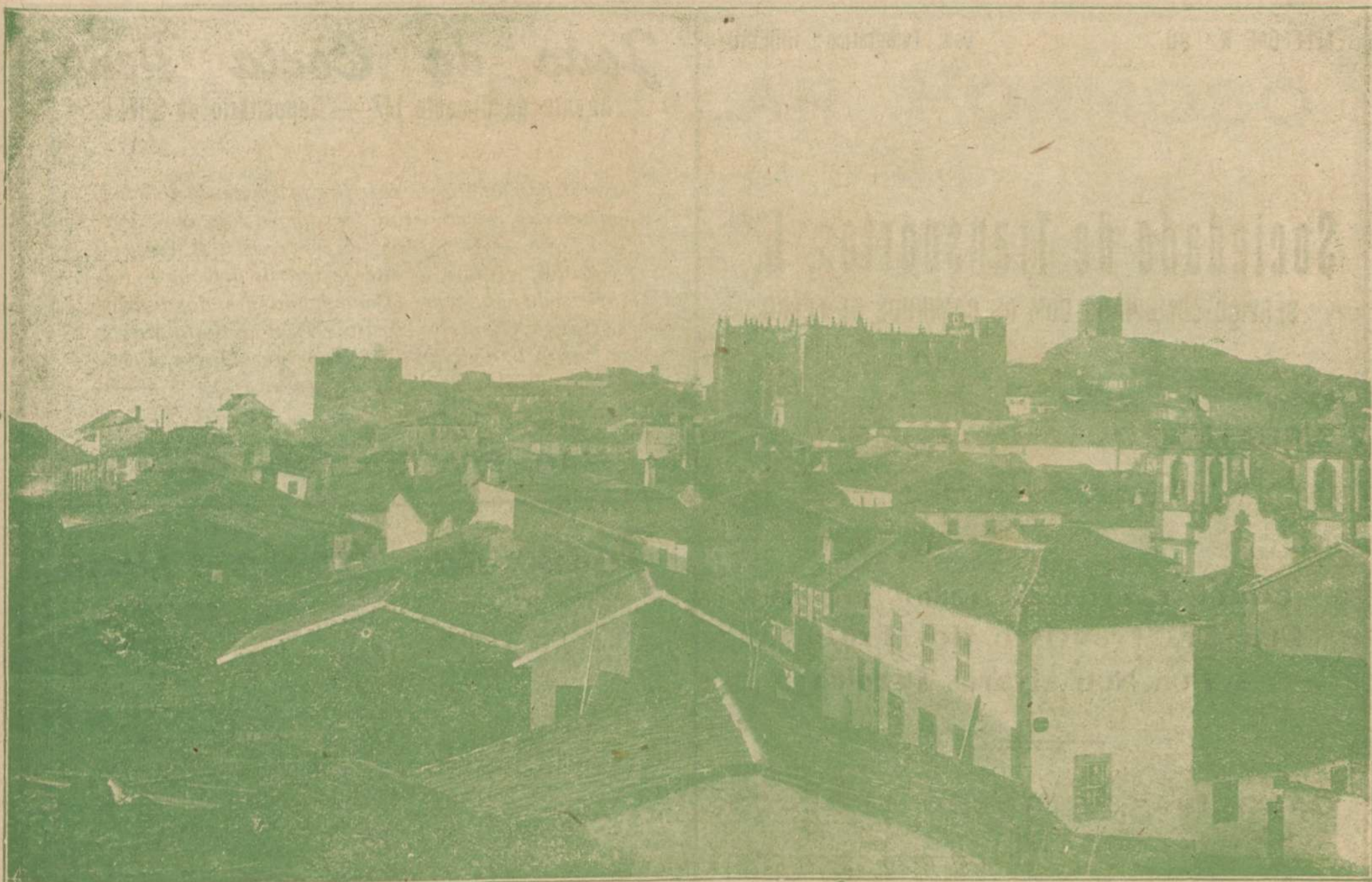


O castelo da antiga vila de Linhares

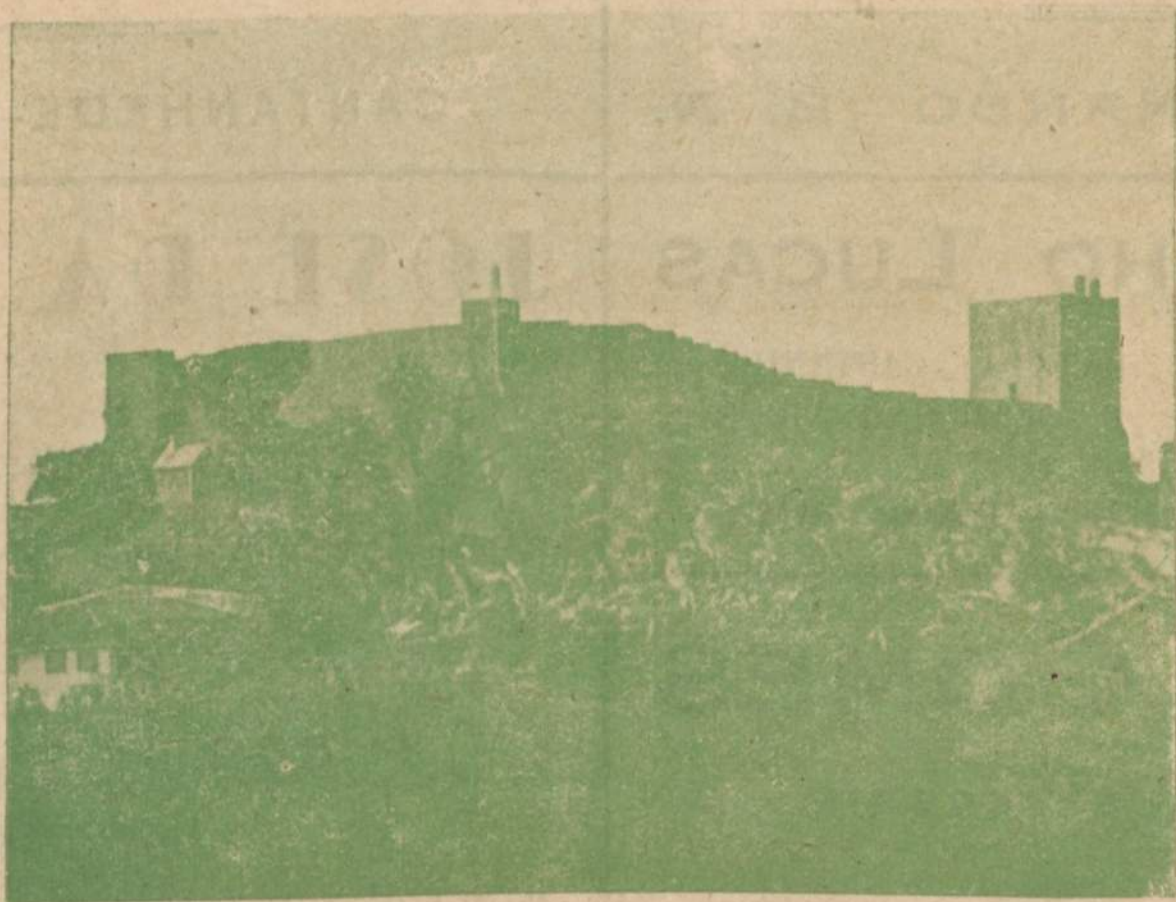


GUARDA — Edifício do Monte-Pio





GUARDA—VISTA GERAL



Castelo de Celorico da Beira



TELEFONE N.º 80

Cod. Telegráfico: RIBEIRO

**Sociedade de Transportes, L.<sup>da</sup>**

SERVIÇO COMBINADO COM OS CAMINHOS DE FERRO

ESCRITÓRIO E DESPACHO CENTRAL:

RUA MARQUEZ DE POMBAL, 11  
**GUARDA**GARAGE E OFICINAS (Edifício próprio)  
Rua Dr. Francisco dos Prazeres  
e Rua Nun'Álvares Pereira

GASOLINA, PETRÓLEO E ÓLEOS

Recomenda-se o despacho de todas as remessas para

**GUARDA-CENTRAL****João da Costa Pena**

Agente do Cimento LIZ — Depositário da SHELL

*Estabelecimento de fazendas brancas, lanifícios, miudezas, mercearias, ferragens, louças e tabacos, etc. — Armazens de mercearias, cereais, batatas, vinhos, azeites e outros artigos — Fábrica de moagem — Correspondente dos bancos Aliança, Espírito Santo e Pinto e Sotto Mayor e casas bancárias José Henriques Totta, L.<sup>da</sup> e — Cupertino de Miranda & C.<sup>a</sup> —*

Vila Franca das Naves

**José da Costa Pena**ARMAZÉM DE BATATA — ADUBOS AGRÍCOLAS — FAZENDAS, MIUDEZAS, LOUÇAS,  
— VIDROS E MERCEARIAS —

Vila Franca das Naves

**Neves & Lourenço, L.<sup>da</sup>**

Indústria Mecânica

*Fábricas de Serração, Aparelho de Madeiras, Moagem — Carpintaria Mecânica — Produtos cerâmicos — Cal, cimento, etc. — Madeiras de Pinho, Castanho, Freixo, Nogueira, etc.*

VILA FERNANDO — B. A.

Telefone 3 — FÉBRES

**Manuel António Pereira**

COM

Cerralharia Mecânica, Armazém de Ferro

ENGENHOS PARA TIRAR ÁGUAS DE POÇOS PARA RÉGAS — FABRICO — DE SUA ESPECIALIDADE —

CANTANHEDE — FÉBRES

**AGOSTINHO LUCAS**

NEGOCIANTE DE BATATA, CASTANHA, CEREAIS, AZEITE E OUTROS ARTIGOS

VILA FERNANDO — Beira Alta

**JOSÉ DA SILVA**

FABRICA DE CÁL BRANCA E FLOR

EXPORTADOR

CANTANHEDE — FÉBRES

**JOSÉ GOMES**

BATATAS E CEREAIS

VILA FERNANDO — Beira Alta



# MINAS DE VILAR FORMOSO



Aspecto da lavagem dum aluvião de cassiterite por mulheres da região

## DA Sociedade Nacional de Indústria Mineira, L.<sup>da</sup>

SOCIEDADE POR QUOTAS COM O CAPITAL DE ESC. 1.500.000\$00

AZINHAGA DOS AMEIXIAIS, S N C — LISBOA

Instalações metalúrgicas e de preparação mecânica em Lisboa

Concessionária de minas de volfrâmio e de estanho, em Bragança, Vizeu,  
Guarda e Castelo Branco

GERENTES:

**A. MONTEIRO DE BARROS**

Eng.º de Minas e Química Industrial I. S. T.

**P. A. MONTEIRO DE BARROS**

Engenheiro de Minas, I. S. T.

Telefone 57319

End. Teleg. SONIMI

Código BENTLEY's



UM TRECHO



DE MANGUALDE

**RESTAURANTE  
E CASA HOTEL**

ESTAÇÃO



Vilar Formoso — Gare

*Manteiro & Var, L.<sup>da</sup>*

Correspondente do Banco Nacional Ultramarino  
Agentes da Companhia de Seguros A MUNDIAL

Mercearia, Tabacos, Vinhos, Ferragens, Tin-  
tas, Sal, Cabedaes, Cal, Cimento, Ferro,  
Calçado, Drogas, Vidros, Louças, Fazendas  
Branças, etc.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO  
Especialidade em CHÁ E CAFÉ  
TELEFONE N.º 8  
**VILAR FORMOSO**

**Manuel Martins**

Mercearias, Fazendas e Miudezas

CORRESPONDENTE BANCÁRIO

Telefone 6

**Vilar Formoso**

**José dos Santos Rodrigues**

Correspondente do Banco de Portugal e Banco Espírito Santo

DESPACHANTE OFICIAL DA ALFANDEGA

Delegação Aduaneira de **VILAR FORMOSO**

**JOÃO MARTINS**

Comerciante de batata, castanha e cereais

**Vila Fernando**

**José Ferreira Lourenço**

MERCEARIA, FAZENDAS E MIUDEZAS

**Vilar Formoso**

**Aureliano Augusto Pinto**

FAZENDAS, MERCEARIA E MIUDEZAS

**Vilar Formoso**



VILAR FORMOSO  
ESTAÇÃO



Telefone n.º 7

Telegramas: SERRAS

# Lourenço & Patrocínio, L.<sup>da</sup>

ÓLEOS — CORREIAS — LIGADORES — EM-  
PANQUES — AMIANTOS — ROLAMENTOS  
— LIMAS — SERRAS — NAVALHAS DE  
PLAINAS — ACESSÓRIOS INDUSTRIAIS

**MORTAGUA**  
(PORTUGAL)

Telefone n.º 5

# José Gaspar

SERRAÇÃO E MOAGEM A VAPOR

DEPÓSITO DE MADEIRAS DE CONSTRU-  
ÇÃO, APARELHADAS E EM TOSCO,  
CAIXOTARIA E LENHAS

**MORTAGUA (Portugal)**

Telefone n.º 4

# Manuel Lourenço Ferreira

FÁBRICA DE FIAÇÃO E TINTURARIA  
DE LÃS — FIOS PARA CROCHET, BOR-  
— DAR E INDUSTRIA DE MALHAS —

**MORTAGUA — (Portugal)**

# João Coelho Pessoa

COM

Estabelecimento de Mercarias, Fazendas, Vinhos Finos e de  
Consumo. — Miudezas, Ferragens, Louças, Móveis de Ma-  
deira e Camas de Ferro

**Beira Alta — CABANAS DO VIRIATO**

# António Gonçalves

ESTABELECIMENTO DE ALFAIATARIA

Completo sortido em fazendas de lã e algodão, malhas e calçado  
— Mercarias, Vinhos e Miudezas — Acessórios para bicicletas

**CABANAS DE VIRIATO**

Para a outra vez toma Juízo! — Ficas prevenida que  
Mercarias, miudezas, vinhos, aguardentes, tabacos, cordas,  
ferragens, calçado, farinhas, carnes salgadas, chás e cafés  
só quero da casa

# RAMIRO MARTINS RIBEIRO

A que melhor sortido tem e mais barato vende — Agente  
das lampadas Ormuz e da Companhia Inglesa de Seguros  
Bristish OAK

**CABANAS DO VIRIATO — Beira Alta**

# FARMÁCIA DINIZ

Director Técnico: José Borges Diniz

**Cabanas do Viriato**

# POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telef. 26519

Dr. Armando Narciso — Medicina, coração e pulmões — às 6 horas  
Dr. Bernardo Vilar — Cirurgia geral e operações — às 5 horas  
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — à 1 hora  
Dr. Correia de Figueiredo — Pele e sífilis — às 6 horas  
Dr. R. Loff — Doenças nervosas, electroterapia — às 5 horas  
Dr. Mário de Mattos — Doenças dos olhos — às 2 horas  
Dr. Mendes Belto — Estômago, fígado e intestinos — às 4 horas  
Dr. Francisco Calheiros — Garganta, nariz e ouvidos — às 3,30 horas  
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — às 3 horas  
Dr. Silva Nunes — Doenças das crianças — às 5,30 horas  
Dr. Armando Lima — Bôca e dentes, prótese — às 2 horas  
Dr. Aleu Saldanha — Raio X — às 4 horas  
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — às 4 horas

ANÁLISES CLÍNICAS

# QUERE

# DORMIR

# SOCEGADO ?

MANDE COLOCAR NA SUA PORTA UMA FECHADURA

# MARCA C. R. C.

Qualidade — Segurança — Perfeição

A VENDA NAS BOAS CASAS DE FERRAGENS



Quereis dinheiro?

JOGAI NO*Lama*Rua do Amparo, 51  
LISBOA

Sempre Sortes Grandes!

PAPELARIACARLOSDE CARLOS FERREIRA, L.<sup>DA</sup>

RUA AUREA, 36 — LISBOA

TELEFONE 20244

Variado sortimento em material  
para Desenho escolar e Técnico**Hotel Franco**

(Em frente à Praça da Figueira) EDIFÍCIO TODO

**DIÁRIAS A PREÇOS MÓDICOS**FALA-SE  
FRANCÊSPróximo da Estação do Caminho de Ferro  
e do mar. — Todos os confortos e comodida-  
des recomendáveis. — Esplêndida sala de vi-  
sitais. — Casa de banho em todos os andares.  
— Cozinha à Portuguesa. — Empregados a  
todos os Vapores e Combóios.

Gerente: FERNANDO RODRIGUES.

LISBOA — Rua dos Douradores, 222

TELEFONE 21616 — PORTUGAL

**Armindo Ferreira**

TECNICO EM CANALISAÇÕES

Executa todos os trabalhos de reparações, montagens  
completas — Encanamentos de ferro para aque-  
cimento de água — Encanamentos para gás e  
montagem de casas de banho — Executam-se  
com perfeição todos os trabalhos de funileiro  
— Trabalhos de caldeiras e fogões de toda  
a espécie, etc. — Reparações em instalações eléctricasPeço aos Ex.<sup>mos</sup> Clientes a fineza de pedirem pelo

TELEFONE N.º 21572

Rua da Atalaia, 34 LISBOA Travessa da Espera, 51

**MALA REAL INGLEZA (ROYAL MAIL LINES, LTD.)**Continuam regularmente as carreiras para Madeira, Las Palmas, S. Vicente, Pernambuco,  
Baia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, e Buenos Aires, e no regresso da América do  
Sul para Vigo, Coruña, Cherbourg, Boulogne, Southampton e Londres. Todos os paquetes  
desta antiga Companhia têm as mais modernas condições de conforto e segurança. Agen-  
tes para passagens e carga: Em Lisboa: Para os paquetes da classe «A» James Rawes& Co. Rua Bernardino Costa, 47-1.º Telefones: 23252-3-4. Para os paquetes da classe «H» E. Pinto Basto & Ca. Lda.  
Avenida 24 de Julho, 1-1.º Tel fones: 46031 (4 linhas). No Porto: Tait & Co. Rua Infante D. Henrique, 19 Telefone: 7.**Auto União Serra da Estrêla, L.<sup>da</sup>**

Carreira de Camionetes Mixta

ALVOCO DA SERRA - LORIGA - NELAS

Serviço de mercadorias combinado com  
os Caminhos de Ferro da Beira Alta

CAMIONETES E AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

Sede — LORIGA

**Manoel R. da Fonseca**

IIIH

MADEIRAS SERRADAS,  
APARELHADAS E LENHAS

IIII

MORTAGUA

(PORTUGAL)



## TINTURARIA Cambournac

11, LARGO DA ANUNCIADA, 12  
TELEFONE 2 6415

Sucursal no Porto: RUA DE S.<sup>ta</sup> CATARINA, 380  
Oficinas a vapor — RIBEIRA DO PAPEL

Tintas para escrever de diversas qualidades  
rivalizando com as dos fabricantes  
ingleses, alemães, e outros

Tinge seda, lã, linho e algodão em fio ou em tecidos bem como  
fato feito ou desmanchado — Encarrega-se de reexpedição pelo ca-  
minho de ferro ou qualquer outra via — Limpa pelo processo  
parisiense fatos de homem, vestidos de seda ou de lã, etc., sem  
serem desmanchados — Os artigos de lã, limpos por este pro-  
cesso, não estão sujeitos a serem atacados pela traça

## Thomaz da Cruz & Filhos, Ltd.<sup>a</sup>

Armazens de madeiras e Fábricas Mecânicas de Serração  
PRAIA DO RIBATEJO, PAMPILHOSA  
DO BOTÃO, CAXARIAS E CARRIÇO  
CAIXOTARIA

DOCA DE ALCANTARA  
LISBOA

Sede para onde deve ser dirigida toda a correspondência:

PRAIA DO RIBATEJO — PORTUGAL  
TELEFONE PRAIA 4

Escritórios — L. DO STEPHENS, 4-5 — LISBOA  
Telegramas: SNADEK — LISBOA Telefone: 2 1868

# Sociedade Anónima Brown, Boveri & C.<sup>ia</sup>

## BADEN — SUISSA

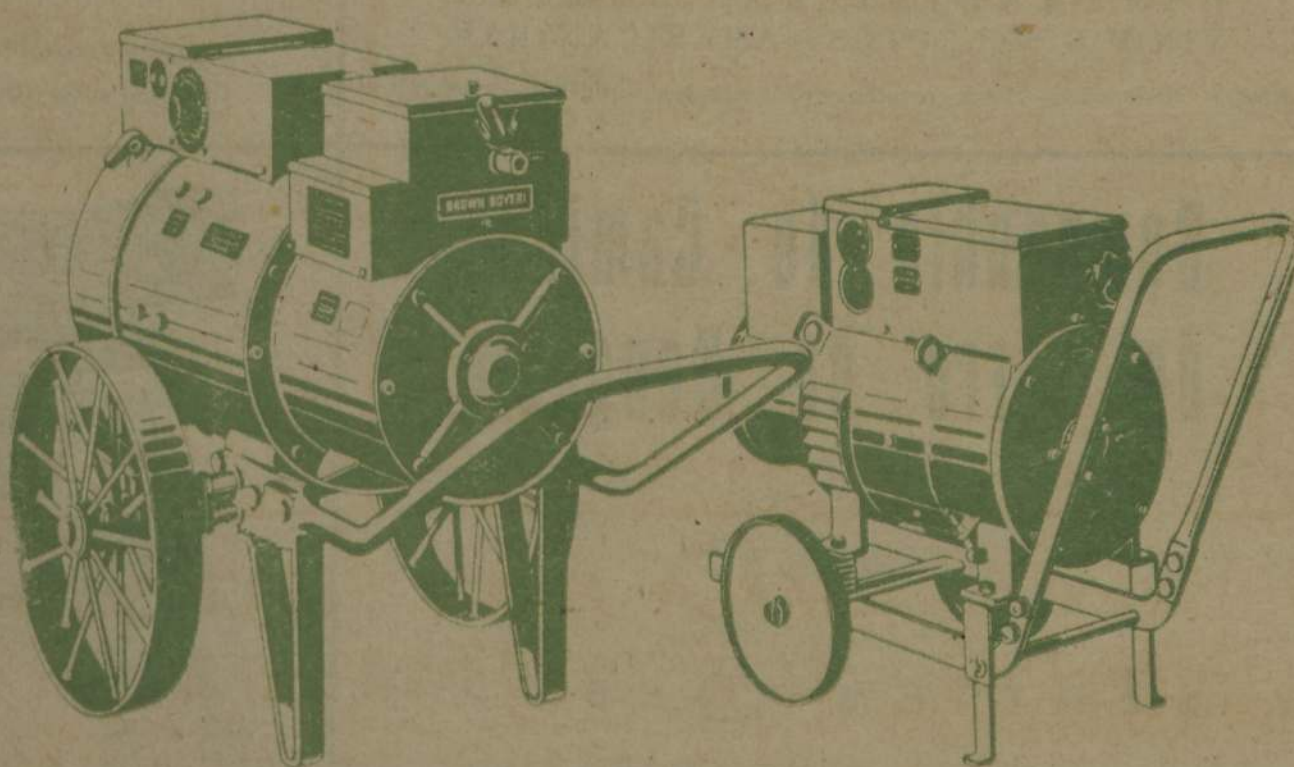
*A firma que instalou o maior  
número de kilowatts nas Centrais  
Eléctricas Portuguesas — A firma  
que montou o maior número de  
turbinas a vapor em Portugal.*

Representante Geral  
para Portugal e Colónias:

**EDOUARD DALPHIN**

ESCRITÓRIO TÉCNICO:

Rua de Passos Manoel 191-2.º — PORTO



Grupos transportáveis para a soldadura eléctrica pelo arco  
em corrente continua de 80-160 A e 240-300 A

## EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES

S. A. R. L.

VALENÇA — BARCA D'ÁLVA — VILAR FORMOSO  
BEIRAM — ELVAS — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

RUA DO ARSENAL, 124-1.º

Telefone 2 9374 / 78

End. Teleg. TRANSPORTES

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 30

Telefone 5938

End. Teleg. TRANSPORTES

L I S B O A

P O R T O



Endereço telegr.: «Palace-Lisboa»  
Telefone: n.º 2 0231



## Avenida Palace Hotel LISBOA

Hotel de 1.ª classe situado no coração da cidade, junto da Estação do Rocio e perto da Avenida da Liberdade

130 QUARTOS — 80 QUARTOS COM BANHO

Telefone em todos os quartos, ligado com a rede internacional

AQUECIMENTO CENTRAL  
ESMERADÍSSIMA COMIDA  
VINHOS SELECTOS — AMERICAN BAR

Preços moderados — Para estadias prolongadas condições especiais

## Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

SÉDE EM LISBOA  
LARGO DO QUINTELA, 3

COMITÉ DE LONDRES:  
PRINCES HOUSE, 95, GRESHAM STREET, E. C. 2

Linha férrea construída e em exploração:  
Desde o Lobito à Fronteira, quilómetros  
1.347. Distância do Lobito à região mi-  
neira da Katanga: Quilómetros 1.800

## COMPANHIA DE SEGUROS



# Europêa

Capital realizado: 1.000.000\$00

SEDE

Rua Nova do Almada, 64, 1.º

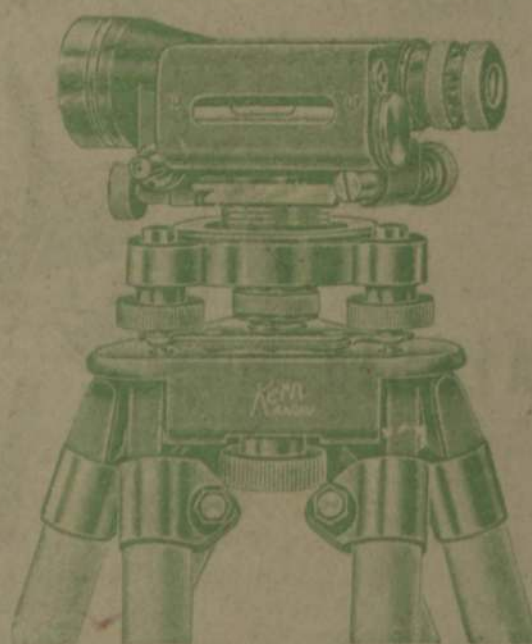
TELEFONE 2 0911

L I S B O A

Seguros de ACIDENTES e DOENÇAS

TARIFAS ESPECIAIS PARA OS FERROVIÁRIOS

Serviço combinado com os Caminhos de Ferro para  
seguros de Passageiros, Bagagens e Mercadorias.



**Kern**  
AARAU  
SUISSE



Os níveis KERN do recente modelo NK distinguem-se pela sua grande precisão e notável estabilidade do seu trabalho, apesar do seu volume e peso estarem reduzidos ao mínimo. A criação e construção destes aparelhos tem em vista o desejo de oferecer aos operadores a possibilidade dum trabalho muito rápido, comodo e agradável, sem sacrificar nada a precisão necessária.

Em cima, à direita: EXEMPLO DE LEITURA  
PEÇAM O FOLHETO NK 393

AGENTES EM LISBOA:

CARLOS GOMES & C.ª, L.ª





AS TRES MARCAS  
DE CONFIANÇA

*Ferreiras, Mendes, L.<sup>da</sup>*

Importadores-Depositários-Bicicletas-Acessórios

MONTAGEM EM SÉRIES  
DOS QUADROS E BICI-  
CLETAS COMPLETAS  
**F E R M E N**  
**NOVA FERMEN**  
**E PRIMOS**

**MORTAGUA — PORTUGAL**

**EMPRESA DE SONDAGENS E FUNDAÇÕES**

**TEIXEIRA DUARTE, L.<sup>da</sup>**

SONDAGENS GEOLÓGICAS  
ESTACAS DE TODOS OS TIPOS  
CONSOLIDAÇÕES DO SOLO (Injecções)  
FUNDAÇÕES DE RESPONSABILIDADE  
CONSTRUÇÕES DE PONTES E BARRAGENS  
TRABALHOS MARÍTIMOS

Sob a direcção do Eng.<sup>o</sup> RICARDO E. TEIXEIRA DUARTE

**LISBOA — Rua Augusta, 280, 3.<sup>o</sup> — Telef. 2 3962**



Encerados para Vagão e Viaturas  
- VESTUÁRIO IMPERMEÁVEL -  
ALUGUER DE ENCERADOS

## Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

### Carreira rápida da Costa Oriental

SAIDAS mensais regulares, com escala por Funchal, S. Tomé, Saizaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação em Luanda ou Lourenço Marques.

### Carreira rápida da Costa Ocidental

SAIDAS mensais regulares, com escala por S. Vicente, Praia, Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda.

### Carreira da Guiné

SAIDAS de Lisboa de 40 em 40 dias, pelas 12 horas, com escala por Funchal, S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama.

### Carreira do Brasil

para Rio de Janeiro e Santos com escala por Funchal e S. Vicente.

LISBOA — Rua do Instituto Virgílio Machado, 14  
(Rua da Alfândega) Telef. 29051